



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO”:

Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB

(1960 – 1980)

VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA

CAJAZEIRAS – PB

2021

VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA

“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO”:

**Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB
(1960 – 1980)**

Monografia apresentada à disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS – PB

2021

N754s Nobrega, Vanessa Kelly de Sousa.
“O senhor tá dançando armado”: violência de gênero nas festas da
zona rural de Pombal-PB (1960-1980) / Vanessa Kelly de Sousa Nobrega.
- Cajazeiras, 2021.
122f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1. História cultural. 2. Gênero. 3. Violência contra mulheres. 4.
Violência. 5. Mulher. 6. Festa. 7. Comunidade rural. 8. Problemas sociais.
I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 305

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA

“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO”:

**Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB
(1960 – 1980)**

Monografia apresentada à disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
(Orientador – UACS/CFP/UFCG)

Prof.^a Dr. Viviane Gomes de Ceballos
(Examinadora – UACS/CFP/UFCG)

Prof.^a Rosilene Alves de Melo
(Examinadora – UACS/CFP/UFCG)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Suplente - UACS/CFP/UFCG)

“O veneno mais perigoso é o sentimento de realização.

O antídoto é todas as noites, pensar o que pode ser

feito melhor amanhã.”

Ingvar Kamprad

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a **Deus** por ser minha força espiritual, a quem recorria tantos nos momentos bons, como nas dificuldades durante o percurso da vida.

Agradeço especialmente a minha mãe, **Cassia Maria**, por ser a minha base, a melhor amiga e a pessoa que mais me incentivou e me apoiou em todas as minhas decisões, por sempre abrir os meus olhos e pelos inúmeros puxões de orelhas! Sempre caminhou ao meu lado, enfrentando as dificuldades, que inclusive foram enormes. Muito obrigada por todo amor e cuidado comigo, por me mostrar que a educação é o melhor caminho a seguir. Te amo infinitamente.

Muitíssimo obrigada **Lucas!** Eis mais que um namorado, eis um companheiro de vida. Obrigada pela sua compreensão, pelo seu apoio e por não medir esforços para me ajudar, procurando sempre me ver bem, dando forças nos meus momentos mais difíceis durante o curso, o seu sempre: “Vai dar certo”, realmente se concretizou! Te amo.

Agradeço ao meu pai **Alcimar Nobrega**, por acordar todas as noites à meia noite, depois de dias cansativos de trabalho, para ir me buscar na BR, enfrentando medos, chuvas e frio. Agradeço de coração!

Agradeço ao meu irmão **Cassio**, por sempre me socorrer “tecnologicamente”, aquele a quem mais recorria para resolver meus problemas com *internet* e aparelhos tecnológicos. Obrigada pelo seu amor e cuidado!

Obrigada a minha avó **Duceu**, por me ajudar financeiramente nos momentos mais difíceis. Não é fácil para uma filha de agricultores conseguir estudar em outra cidade. E pelas longas histórias sobre seu passado.

Agradeço a todos os familiares (tias e tios), em especial a minha tia **Katiana**, por todas as vezes que recorri. Fui recebida de uma forma tão carinhosa, tão acolhedora. Obrigada também ao meu tio de coração: **Júnior**, pelas inúmeras vezes que me socorreu durante esses cinco anos.

Agradeço, com o coração cheio de saudades, ao meu avô **Areamiro**, que tinha orgulho por me ver cursar o ensino superior e que infelizmente faleceu dois meses antes de ver meu sonho se concretizar.

Agradeço em especial a primeira amizade que conquistei nesse meio acadêmico e no ônibus, **Mayrla**. Obrigada pelo seu companheirismo e pelas suas loucuras. Amizade que vou levar para a vida inteira!

As minhas amigas para vida, **Keity** e **Janete**. Obrigada pela amizade, companheirismo e incentivo. Quando uma fraquejava, a outra apoiava e assim conseguíamos lidar as adversidades da vida de uma forma mais leve e com a sensação de que temos verdadeiros amigos em que possamos contar sempre. Amo vocês meninas!

Ao meu querido **Ramon**. Agradeço imensamente por tudo que fez por mim, pelo apoio e pelo seu coração enorme, em nunca medir esforços e sempre muito solícito quando precisei. Agradeço ainda pelos conselhos, as inúmeras madrugadas de conversas e estudos. Por nossas brincadeiras e companheirismo nas atividades acadêmicas e pessoais. Quero te ver doutor, viu! Amo-te.

Agradeço ao amigo **Emerson Sousa**, pelas discursões sobre a belíssima função do historiador, por sempre tirar minhas dúvidas quando necessitei. Obrigada meu amigo, desejo muito sucesso em sua trajetória, pois conheço seu coração humano e bondoso.

Dávilla Limão, a vida fez me aproximar desse ser humano incrível e tornou-se uma amiga mais que especial, uma irmã. Muito obrigada por tudo e por tanto! Amo você.

Aos meus colegas de sala, a quem compartilhávamos alegrias, conquistas, brincadeiras, lamentações e cansaço. Agradeço de coração a **Samira, Isabelly, Maria José, Flávio, Emilly, Rodrigo, Thaysa, Luziene, Joalisson, Bruno e Sami**.

Aos meus amigos de percurso, **Rafael e Priscila**. Obrigada por nossa amizade e companheirismo de enfrentarmos os perigos das noites: chuva, frio, medos, fome (risos). Desejo sucesso a vocês, meus amores!

Agradeço ao motorista do ônibus (busão, como chamávamos), **Fabrcício**, por ser tão responsável em seu trabalho de nos levar e trazer com segurança. Muito obrigada também aos meus colegas de ônibus, nas pessoas de **Jackeline, Tamires, Thiago Batista, Thiago Farias, Romário, Jessica, John, Marília, Audione, Larissa, Nilza e George**, por deixarem essa caminhada mais leve com nossas brincadeiras e mantendo a nossa união.

Agradeço aos **Professores** da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do CFP por todo conhecimento transmitido ao longo da minha trajetória acadêmica.

Muito obrigada ao meu orientador, **Rodrigo Ceballos**, por ser tão solícito e compreensivo. Sou grata pelos seus ensinamentos e principalmente por me apresentar o conceito de alteridade. Você não tem noção do quanto contribuiu na minha visão de mundo! Obrigada por entender minhas inseguranças e minhas ideias na construção desse trabalho.

Agradeço aos professores **Viviane Gomes de Ceballos, Rosilene Alves de Melo e Israel Sousa** pela disponibilidade em participar da minha banca examinadora e pelas aulas enriquecedoras ao longo do curso.

Por último e não menos importante, agradeço às colaboradoras: **Maria Nobrega Lima, Edileusa Dantas Fernandes, Rosalia Alves de Oliveira Silva e Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega** por cederem as entrevistas sobre suas experiências de vida. Vocês foram essenciais na construção desse trabalho. Além dos amigos e vizinhos que contribuíram de uma forma ou de outra para a concretização dessa pesquisa.

Dedico esse trabalho ao homem que despertou em mim o amor pela História,

*Meu avô **Rosil Pereira Lima** (in memoriam).*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa apresentar uma análise a partir da história cultural e do estudo de gênero acerca dos conflitos ocorridos durante a realização das festividades conhecidas como “forró” nas zonas rurais do município de Pombal – PB, durante os anos de 1960 a 1980. Analisamos as relações de gênero exercidas nas festas rurais e as violências físicas e simbólicas sofridas por mulheres naquela época. Estudaram-se os códigos sociais que desencadearam as práticas de violência contra as mulheres num espaço público destinado a descontração, investigando como se dava as relações entre gêneros feminino e masculino em meados do século XX.

Palavra-chave: História da Paraíba, Gênero, Festa, Violência, Comunidade Rural.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to present an analysis from the cultural history and the study of gender about the conflicts occurred during the realization of the festivities known as "Forró" in the rural areas around the country of Pombal - PB, during the years 1960 to 1980. We analyzed the gender relations exercised in rural festivals and the physical and symbolic violence suffered by women at that time. We studied the social codes that triggered the practices of violence against women in a public space intended to relax, investigating how the relationships between women and men occurred in the middle of the 20th century.

Key-words: History of Paraíba, Gender, Party, Violence, Rural Community

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Mapa da localização geográfica das comunidades rurais Riachão, Estrelo e Juá – 2021.....	27
IMAGEM 02: Mapa de localização geográfica da distância entre a cidade de Pombal – PB e os sítios Riachão, Estrelo e Juá. 2021.....	28
IMAGEM 03: Família reunida em volta de um rádio no sítio Lagoa Escondida, Pombal – PB no início da década de 1970.....	37
IMAGEM 04: Forró na casa de Osni Alencar no sítio Estrêlo, Pombal – PB. Ano de 1981.....	45
IMAGEM 05: Forró realizado na casa de Osni Alencar no sítio Estrêlo, município de Pombal – PB no ano de 1981.....	48
IMAGEM 06: Ary Sanfoneiro e companheiros com seus instrumentos musicais no ano de 1985.....	49
IMAGEM 07: Crianças e adultos dançando o ritmo forró no ano de 1981 no Sítio Estrêlo, município de Pombal – PB.....	54
IMAGEM 08: Casamento de Celina e Jailson, no sítio Riachão, município de Pombal-PB, no ano de 1987.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 01	20
<i>Ressignificando a tradição do Forró</i>	20
1.1 <i>Movimento Cultural Popular: Forró</i>	22
1.2 <i>Interação entre a zona urbana e zona rural</i>	26
1.3 <i>Cotidiano</i>	29
1.4 <i>Momentos de lazer</i>	33
CAPÍTULO 02	39
<i>Pavilhão: Cenário de encontros e desencontros</i>	39
1. <i>Aspecto físico das festividades</i>	40
1.2 <i>Puxa o Fole, sanfoneiro!</i>	46
1.3 <i>“Eu vou dançar forró, vou me balançar”</i>	49
1.4 <i>Vestimentas</i>	55
CAPÍTULO 03	59
<i>Botequim e a dança: uma questão de gênero</i>	59
1. <i>O “corte” e a negação ao homem</i>	62
1.2 <i>Violência física e simbólica</i>	67
1.3 <i>“Quando a dama corta o cavalheiro”: uma forma de resistências e fugas femininas</i>	73
1.4 <i>Pagamento da “cota”</i>	76
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	83
FONTES ORAIS	86
APÊNDICE	87
ANEXOS	122

INTRODUÇÃO

Antes mesmo de entrar na graduação, o estudo sobre gênero foi motivo de inquietação e curiosidade. Procurei entender como havia-se estabelecido as relações entre homens e mulheres, especificamente no que diz respeito à dominação masculina. Ao longo da graduação, com a carga de conhecimento adquirido, tive a oportunidade de amadurecer um tema que buscasse responder minhas inquietações sobre os estereótipos da superioridade masculina e da inferioridade feminina construída ao longo do tempo.

O lugar social do historiador é essencial para a produção da narrativa histórica. Cresci ouvindo meus avôs, pais e vizinhos comentando sobre festas e momentos de lazer quando da juventude deles. Um fator que chamou a minha atenção em seus relatos foi a violência contra as mulheres, constantemente narrada quando o assunto nas rodas de conversa eram os “forrós”. Costumeiramente ouvia músicas do grupo Trio Nordestino e, entre outros artistas na radiola do meu avô, chamou-me a atenção uma música em especial: “Forró desarmado”. Devido a sua letra possuir uma dualidade na mensagem que transmitia, despertou a curiosidade de buscar entender como era dada a estrutura social, a cultura e as relações entre gêneros em determinada época.

A partir do contato com novas perspectivas e teorias no universo acadêmico, possibilitou-me o amadurecimento e a formulação do objeto de pesquisa. Atualmente, é motivo de debate no meio social a luta por igualdade de gênero na sociedade brasileira, uma luta que vem ganhando forças ao passar dos anos.

Dentro do debate da questão de gênero, um fato bastante polêmico chamou minha atenção em uma reportagem televisiva exibida no programa de notícias e foi responsável por fazer a ligação das práticas do tempo passado com o tempo presente¹. No programa, um estudante do curso de graduação em Direito, Roberto Casali Júnior, entrou com um pedido de liminar contra uma casa de *show* devido o preço dos ingressos serem diferenciados de acordo com o “sexo”. A juíza Caroline Lima do Ministério da Justiça

¹ Reportagem exibida no dia 25/06/2017 no programa jornalístico Fantástico, no canal da Rede Globo. Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/homem-entra-na-justica-contra-preco-menor-para-mulher-em-show-e-balada.html> acesso em: 08/07/2017.

concedeu uma liminar favorável ao requerente, com base no argumento de igualdade de gênero do consumidor.

Diante da Constituição Brasileira de 1998, apresenta-se no seu Artigo 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

- I- Homens e mulheres são iguais perante em direito e obrigações, nos termos desta constituição.²

Mas, como reunir esses interesses em uma pesquisa histórica? Segundo Michel de Certeau (2000, p. 66), “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político, e cultural [...] e é em função deste lugar que se instauram os métodos que se delinea uma topografia de interesses.”. Foi a partir desse conjunto de fatores: relatos familiares, a música do Trio Nordestino e com a gravação da reportagem, que pude formular um objeto de pesquisa correlacionando tais fatos ao longo do tempo, onde surgiu o anseio por investigar as práticas de violência física e simbólica contra as mulheres dentro de um espaço de descontração chamado de “forró” ou “baile”.

A pesquisa se volta para o âmbito das festas, especificamente ao “forró”, no período que corresponde de 1960 a 1980, nas zonas rurais pertencentes ao município de Pombal – PB, lugar onde estou inserida; e objetiva analisar consequências de um comportamento frequente da época, ou seja, a violência contra a mulher dentro de um espaço de sociabilidade, que me fora narrado frequentemente.

É dentro desse contexto social que a pesquisa problematiza práticas que levaram a ocorrer inúmeros conflitos entre homens e mulheres, analisando quem eram as mulheres e homens naquele período, seus comportamentos, as formas de resistências em relação às agressões, buscando, através das relações estabelecidas entre gêneros da época, responder, segundo Certeau (2000), as transformações e permanências da prática humana em sociedade ao longo do tempo.

² BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> acesso em 09/07/2017.

Para se analisar esse período, a fonte utilizada nessa pesquisa foi produzida através da metodologia da História Oral, possibilitando a elaboração de memórias que não ficaram registrados em forma de documentação oficial. Verena Alberti (2008) afirma que a fonte oral nos dá “acesso a histórias dentro da história”. O intuito da fonte oral é ter conhecimentos a partir de testemunhas sobre determinado fato, que nesse caso é sobre práticas recorrentes de violências contra mulheres nos “farrós”. Ouvimos os relatos de pessoas que ouviram contar ou presenciaram essas cenas.

A função do historiador é ir ao campo de pesquisa, e no caso da fonte oral não é diferente. Contudo, é necessária uma metodologia elaborada para ter acesso a informações do passado com ausência de registros escritos. O método é realizado com a elaboração e realização de entrevistas. Foram gravados os testemunhos das pessoas com o auxílio de equipamentos tecnológicos.

É indiscutível que a Nova História abriu novas áreas de pesquisas, novos temas, possibilitou a redescoberta e a ampliação da história cultural. Peter Burke (2005) chama de uma “virada cultural”, mostrando que existem outros objetos de pesquisas como,

o feminismo, teve implicações igualmente amplas para a história cultural, pois estava preocupada tanto em desmascarar os preconceitos masculinos com em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional. (BURKE, 2005, p. 44)

Foi em consequência da nova geração de teóricos que se expandiu o campo de pesquisa da História Cultural, como a narrativa do cotidiano, as sensibilidades, a arqueologia histórica, o estudo de gênero, entre outros. Assim, surge a necessidade de renovação em relação à produção histórica, onde de acordo com Chartier (2002), “atitudes da vida, a morte, crenças e comportamentos religiosos, relações familiares, rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc.”, são essenciais na formulação do objeto de pesquisa da nova história cultural, onde se optava por investigar a cultura popular. (CHARTIER, 2002, p.14)

E Verena Alberti (2004, p. 14) vai descrever que as fontes orais possuem uma característica especial por ser “da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro”, sendo assim a oportunidade de termos contato com o passado descrito por uma pessoa que viveu, presenciou tais fatos carregados de sentimentos, emoções.

Indissociável, a história oral e a memória são responsáveis por darem sentido ao passado. Segundo Pollak (1992, p. 201), essa memória “parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”, ou seja, a realização das entrevistas com os habitantes das zonas rurais possui percepções e memórias pessoais, mas ao mesmo tempo formula a memória coletiva, de uma comunidade.

Foram observadas características mutáveis e imutáveis em suas falas, através de elementos que constituem a memória: alguns narram os acontecimentos porque viveram pessoalmente, outros como chama Pollak (1992) “vividos por tabela”, quando o indivíduo não presenciou tais acontecimentos pessoalmente, nesse caso sobre a violência, mas que formulou no imaginário os fatos narrados e compartilhados pelo grupo que está inserido, o que seria uma “memória herdada”.

O local pesquisado é o espaço designado para a realização dos chamados “forrós”, contudo, esse lugar de memória tem sua significação tanto na lembrança pessoal, como coletivamente. As entrevistas possibilitam ter o conhecimento a esses lugares de memória, além dos personagens e dos acontecimentos, evidenciando os fatos concretos ocorridos que desencadeou na produção de uma memória coletiva característica da zona rural que compreende os sítios Riachão, Estrelo e Juá, com agricultores e agricultoras moradores dessas localidades.

A pesquisa de campo nessa região se distingue das demais até então realizada por buscar analisar as práticas de violência contra mulheres nesses espaços de sociabilidades como os “forrós” realizados nos casamentos, nos eventos políticos, ou até mesmo nas comemorações íntimas das famílias pertencentes as essas comunidades rurais.

Diante do espaço de análise, que são as festividades realizadas nos espaços de vivência dos moradores dessas comunidades rurais, foram estudadas suas relações sociais e de gêneros, seus costumes e cotidiano. E envolve um período que corresponde a três décadas (1960-1980) devido as fontes orais corresponderem a esse recorte temporal.

Essa pesquisa está voltada para o domínio da história cultural. Como afirma Chartier, “tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p.16-17), ou seja, descrever o espaço cultural em que o “fórró” está inserido. Tanto o historiador Roger Chartier (1994) como Peter Burke (2005), foram pioneiros em definir a história cultural atualmente, onde para Burke a “palavra

‘cultural’ distingue-a da ‘história intelectual,’ (BURKE, 2005, p.69). Então, para Chartier (1994, p. 102):

O objeto da história, portanto, não são mais as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.

A perspectiva de ambos os autores contribui para a análise da prática cultural que é o “forró”, possibilitando obter informações do espaço físico onde ocorriam essas festas, além de um detalhamento sobre as representações que se tinha da época em relação à sociedade. A nova história cultural possibilita conhecer os sujeitos e analisar práticas culturais realizadas por esses indivíduos, e então entender seus objetos culturais, suas visões de mundo e seus sistemas de valores.

O “forró” nesta pesquisa apresenta-se como uma expressão cultural, que possui códigos e reapropriações na sua forma de se realizar. Veremos como essa tradição foi construída mediante interesses políticos e sob relações de poder numa discussão do conceito elaborado por Eric Hobsbawm (1984), como “tradição inventada”. Essa tradição se apresenta como as fixações de comportamentos, valores e práticas repetidamente que se apresentam como uma tradição, a exemplo do “forró” vinculado as festas juninas “características” do Nordeste.

Mas é necessário abordar a construção imagética produzida através de discursos e pela mídia. Durval Muniz de Albuquerque (2011) e sua obra “A invenção do Nordeste e outras artes” será essencial para discussão a respeito da produção da imagem do que vem a ser o Nordeste.

Por fim, não menos importante, trabalhamos com o conceito de gênero, que atualmente vem ganhando maior visibilidade por surgir a necessidade de dar importância a essa questão na produção historiográfica. Nos debruçamos sobre a contribuição de Joan Scott (1990) com seu artigo “*Gênero: uma categoria útil de análise*”. Pioneira em formular conceitos sobre essa relação de gênero dentro da nova história, a historiadora afirma que as palavras são importantes, mas as ideias e as coisas tem uma maior credibilidade, pois detém uma história, uma origem. E nesse texto abordaremos as práticas que desencadeiam em ações concretas de violência física e simbólica contra as mulheres.

O objetivo do estudo de gênero nessa escrita é entender os papéis sociais e o simbolismo elaborados nessas comunidades rurais. De acordo com Scott (1990) “a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre sexos”. (SCOTT, 1990, p. 04) Serão discutidas as construções sociais e de gênero entre esses habitantes em seus momentos de lazer.

Essa escrita monográfica está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: *Ressignificando a tradição do Forró*, discutirei a respeito de como os interesses políticos e relações de poder se apropriaram de práticas culturais outrora e resignificaram a tradição que se instaurou atualmente como o forró atrelado às festividades do período junino, característico para a região Nordeste. Discutiu-se o contexto histórico e político do surgimento dessa imagética do “forró” como expressão cultural e sua forma de divulgação através do rádio. Em seguida retratarei as comunidades rurais em que a pesquisa ocorreu, suas interações com o meio urbano e seus cotidianos, para então partir aos momentos de lazer desses habitantes.

No segundo capítulo intitulado: *Pavilhão: Cenário de encontros e desencontros*, mostramos os aspectos físicos de onde realizavam esses “forrós”, como por exemplo: a iluminação, palco, distribuição das pessoas nas festas, entre outros. Discutirei quem eram as pessoas que frequentavam essas festividades, quem tocava, as danças realizadas e as vestimentas usadas para esses eventos festivos. Nesse momento já iniciamos a discutir as construções de gêneros nessas comunidades a partir dos relatos das entrevistadas.

Já no terceiro capítulo intitulado *Botequim e a dança: uma questão de gênero*, discutiremos como eram estabelecidos os papéis construídos e legitimados aos gêneros masculino e feminino nesse período de 1960 a 1980 nessas comunidades rurais pertencentes ao município de Pombal. E buscamos analisar através de seus códigos e mecanismos que desencadeavam em violências contra as mulheres nesses espaços marcados pela dominação masculina.

CAPÍTULO 01

Ressignificando a tradição do Forró

Quando ouvimos a palavra forró, automaticamente o que vem a nossa mente são as grandes festas juninas realizadas com grandes públicos e nos grandes centros urbanos, como o São João nas cidades de Campina Grande – PB e Caruaru – PE. Corriqueiramente nos chega a ideia de que o forró é uma expressão cultural identitária do nordestino, atrelada à ideia de uma tradição originalmente do Nordeste como uma expressão que pressupõe uma continuidade ao longo do tempo.

Tradição nos remete à permanência de ações, práticas e significados que se mantêm fixas com o passar dos anos, como forma de legitimação e imposição dessas práticas. A tradição difere dos costumes. Seu sentido não proíbe a modernização e as inovações, portanto que se mantivesse o “que deve ser compatível ou idêntico ao precedente” (HOBBSAWM, 1984, p.10). A tradição “obriga” uma dada comunidade a defender suas práticas como um valor histórico imutável, mantido ao longo dos tempos. Seria como “tradição inventada”, de acordo com Hobsbawm (1984): um conjunto de práticas que são reguladas a partir de regras, que visam fixar valores e comportamentos mediante uma repetição, a fim de dar continuidade ao um passado histórico.

O forró foi construído a partir de símbolos que se remetem à região Nordeste. A questão principal desse capítulo é compreender as construções simbólicas sobre a expressão cultural do forró, que atualmente está relacionado às festividades do São João. Sua comemoração passou a ter uma conotação de espetacularização, representação de uma festa de um “povo caipira”, do camponês “matuto”. Buscamos discutir esta imagem do forró como uma representação unicamente a festa junina e como essa tradição inventada surgiu e se estabeleceu com tamanha força na região.

Com o surgimento do forró, compreendido como uma festividade e expressão de lazer, surgiu a necessidade de uma resignificação e de uma transformação perante a modernidade. Começou a ganhar outras conotações, a ser relacionada a uma nova ideia de identidade regional e conseqüentemente passou a constituir uma tradição inventada, tomada por reapropriações devido a interesses de diversos grupos sociais.

Para entendermos a prática desse momento de descontração e lazer nas zonas rurais do município de Pombal, em que uma tradição se apropriou e buscou dar

continuidade, é necessário compreender sua organização social, sua cultura, seus costumes, nos deixarmos levar a uma prazerosa viagem ao passado, aos seus sentimentos e suas vivências, com o objetivo de produzir uma narrativa sobre pessoas comuns, agricultores rurais em seu cotidiano.

Ao buscar entender as relações de gênero nas zonas rurais do município de Pombal, precisamos nos situar espacialmente. Mas é necessário discutirmos a construção do Nordeste como uma região caracterizada pela pobreza e pela seca, instituindo-se um discurso estereotipado em relação à região e o seu habitante. Durval Muniz de Albuquerque (2011) escreve com maestria os discursos construídos sob diversos aspectos a partir das estereotipagens e elementos, como as criadas por uma elite aristocrática que tinha como anseio criar um novo espaço de poder e controle.

Albuquerque (2011) nos mostra que o Nordeste não é apenas uma história regional, uma divisão espacial, local. Ele nos leva a pensar o Nordeste além do que já criaram da sua imagem, onde

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. (ALBUQUERQUE, 2011, p.30)

Meios de comunicação, cientistas e teóricos a partir da década de 1930, buscaram construir e legitimar um discurso de continuidade de um Brasil original, em que aos poucos esses discursos deterministas foram moldando a figura do nordestino e imprimindo suas características: pessoas de caráter forte, virilidade, mas analfabetas e causticadas pela seca. E esses estereótipos consequentemente, são inflexíveis e resistentes a modernidade, além de gerar discriminação, como preconceitos, pois impedem de conhecermos as diferenças e a compreensão do outro, limitando e particularizando a cultura que define o Nordeste.

Mas devemos ter consciência que esse discurso não foi elaborado apenas por intelectuais ou pessoas que não pertencem a esse meio; foi instituída e aceita pelos próprios habitantes ao longo do tempo. Segundo Albuquerque (2011) somos o resultado da construção de um sistema de poder, da invenção desse discurso e dessa imagem. Uma construção que não é ingênua, “somos agentes da nossa própria discriminação, opressão ou exploração”. (ALBUQUERQUE, 2011, p.32).

São inúmeros os aspectos essenciais na contextualização do Nordeste, mas esse não é o principal objetivo da pesquisa. Voltamo-nos para a zona rural, por sempre aparecer como um modo de expressão sintetizado, responsável por inúmeras vezes deixar despercebidas as ações e vivências das pessoas dessas localidades nas produções historiográficas. E assim surgiu a necessidade de pesquisar e problematizar suas relações sociais nesse mundo rural.

Com a expressão cultural conhecida como o forró não foi diferente. Também foram criadas concepções estereotipadas como a única representação de lazer do “nordestino”. É incoerente afirmar que essa era a única forma de descontração existente em toda a região nordestina, como uma coisa pronta e coesa em todas as localidades. Analisaremos os sentidos do forró em comunidades rurais de Pombal (PB) questionando sua representatividade unicamente atrelada ao período junino.

1. Movimento Cultural Popular: Forró

O movimento cultural no Nordeste está ligado tanto à questões econômicas, e políticas. O Forró surgiu como prática cultural durante os anos da década de 1940. Se buscarmos o contexto histórico do período, percebemos que a chegada de Vargas ao poder deu início a um incentivo à nacionalidade e, com isso, a emergência de uma valorização do regionalismo. Segundo Albuquerque, “um regionalismo que reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 52). A busca por compreender a nação desencadeou na procura por uma formulação da cultura das regiões brasileiras.

O país enfrentava uma crise de sua identificação. Havia uma busca incessante por criar a nacionalidade com uma raça homogênea, com o intuito de romper com a imagem de um país atrasado e trazer o modelo de modernização produzido pela Europa. Então, o projeto varguista busca colocar em prática esse discurso. Albuquerque nos fala que a partir disso “buscam nas partes a compreensão do todo, já que se vê a nação como um organismo composto por diversas partes, que deviam ser individualizadas e identificadas”. (ALBUQUERQUE, 2011, P.53) Lopes (2007, p.22) nos mostra como isso aconteceu:

A década de trinta foi marcada pela intervenção do estado na arte brasileira. As principais ações dessa política estatal foram: o surgimento de programas de

auditórios nas rádios que se constituíram em centros de treinamento e seleção de artistas a partir de 1935, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1937 e o incentivo às produções artísticas tendo, como tema, o regionalismo.

Havia por parte do governo, a intenção de enfatizar e valorizar a produção cultural no meio rural. A propaganda era veiculada por um dos mais importantes meios de comunicação na época: o rádio. Logo se passou a divulgar a expressão cultural do forró como característico das manifestações musicais e culturais do Nordeste, que retratava através de músicas o universo do homem no campo.

Durante esse período de formação de uma nacionalidade, o rádio vai assumir um papel importante nesse projeto. Como um meio de comunicação de massa, ele vai assumir a função de meio de informação com o objetivo de aproximar regiões, “produzir a cultura nacionalista” e será o responsável pela divulgação das manifestações artísticas. Conseqüentemente, o rádio exerceu uma forte influência nas vidas das pessoas, transformando seu cotidiano, pois trouxe para dentro das casas o entretenimento.

O rádio era usado por Getúlio Vargas para difundir o seu projeto de Estado Novo, a fim de propagar a sua política populista e nacionalista, como já mencionado anteriormente. Produzia a ideia de um país unido, de uma sociedade harmônica, que vai possibilitar e incentivar as mais variadas manifestações artísticas e mostrar a diversidade brasileira. Mas vale salientar o controle do Estado sobre essas produções. Surgem nesse momento diversos programas informativos, humorísticos. As radionovelas também ganham visibilidade nesse período, e especialmente a música.

A música nesse momento ganha um novo caráter. Fugindo da sua característica erudita, ela passa a ser produzida pelas camadas populares e para as camadas populares. Para Albuquerque (2011), a música assumiu então uma divulgação das “noções de civismo, fé, trabalho, hierarquia, noções indispensáveis à uma construção de uma nação civilizada” (ALBUQUERQUE, 2011, p.173). A música seria uma forma de mudança até para o seu público alvo, pois as elites se apropriam dessa ideia de valorização da música popular por retratar nesse período os aspectos de cada regionalidade a fim de criar-se uma identidade originalmente brasileira e romper com as influências estrangeiras.

Um dos nomes artísticos conhecido nesse novo universo que emergia é o de Luís Gonzaga, que nesse período buscou construir sua identidade como um cantor representante da região Nordeste. A partir de suas músicas retratou as vivências e o

cotidiano de sertanejos, com dois objetivos: denunciar os problemas da sua região aos representantes políticos, e dar uma visibilidade a sua cultura regional a nível nacional.

Albuquerque (2011) descreve que Gonzaga contribui para formular o que seriam “os nordestinos” em suas vivências, através das letras de suas músicas, das suas indumentárias como: o chapéu de couro e o uso de roupas típicas de vaqueiros e do seu sotaque, com o objetivo de criar essa identidade regional. Isso contribuiu para instituir cada vez mais os estereótipos referentes a região Nordeste.

Embora exista uma possível origem da palavra forró oriunda da expressão *for all*³, nos relatos apresenta-se diversos outros usos da palavra. Como as palavras possuem variações linguísticas, devemos nos atentar para as suas mudanças de acordo com a cultura, o período e a região. De acordo com Lira, (2012):

a palavra forró foi utilizada para designar uma expressão musical, englobando, dessa forma tanto os bailes dançantes quanto as músicas tocadas nesses lugares. O baile em evidencia é popular e nordestino, com ênfase para a sanfona de oito baixos, acalorado por diversos ritmos, como o xaxado, o xamego, o xote, e o baião, que é ritmo precursor do forró. O termo é mais utilizado como expressão musical, englobando todos os gêneros acima citados. (LIRA, 2012, p. 14)

Cada grupo ou comunidade possuem a necessidade de expressarem tal como estão inseridos nos seus contextos sociais e históricos. Com a palavra forró não é diferente, percebe-se, nas comunidades rurais de Pombal, o uso frequente do termo para designar as festas. Em outros momentos ela aparece correspondendo como um estilo musical e até mesmo como uma dança.

Por mais que exista uma divisão do forró enquanto ritmo, forró enquanto uma festividade ou forró enquanto um espaço de sociabilidade, nessas comunidades rurais estudadas, esses três elementos que constitui o forró eles se entrecruzam, para esses indivíduos é como se fosse uma coisa só. O forró assume o momento da música, o momento da dança e o momento da sociabilidade. Na concepção das entrevistadas observa-se que elas não detêm uma clareza, uma distinção bem demarcada sobre o que realmente venha ser o forró. Esses elementos se entrecruzam para explicar as sociabilidades dessas pessoas no espaço festivo.

³ *For all*, traduzido do inglês para o português, quer dizer “para todos”. Cf.: NUNES, E. V. M.: SOUZA, S. F. **O Forró e suas configurações: a aliteração, a mulher, o homem, o movimento corporal e o ambiente nas canções forrozísticas**. Revista entrelinhas, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 21-22, Jan./Jun. 2014.

Quando falamos em forró, nossas entrevistadas se referem tanto ao ritmo, ao espaço da dança, quanto a música, pois esses elementos para as entrevistadas se integram. Observamos que dentro do pavilhão essas distinções são deixadas de lado, todos frequentam para dançar, escutar, se divertir, para se sociabilizar.

Atualmente, o forró atrelado as grandes festas nos centros urbanos como o São João nas cidades de Campina Grande (PB) e Caruaru (PE), são fruto de diversos códigos de reapropriações. Um hibridismo cultural e social que se articulam às diversas culturas populares numa intersecção entre as manifestações antigas e a modernidade. Esse São João anualmente, são eventos atuais que buscam ampliar seus significados e empregam a espetacularização.

Essa espetacularização é formulada tanto pela mídia, quanto pela própria sociedade como uma materialização das relações sociais, ou seja, o espetáculo vai se constituir a partir do modelo de vida atual, sob as realidades das pessoas. O forró que conhecemos hoje teve modificações ao longo dos anos para atender as necessidades de uma sociedade. E quais são essas necessidades?

São as aglutinações sociais que exigem uma modificação nas práticas culturais, mediante as demandas que essas sociedades necessitam de acordo com seu dinamismo. São as demandas econômicas, sociais, identitárias, tecnológicas e principalmente políticas, que são responsáveis por modificações, modernizações e reapropriações das tradições.

Ao citar o exemplo do São João como símbolo dessa expressão cultural identitária nordestina, percebe-se que as relações de poder interferem nas produções culturais, que envolve diversos segmentos da sociedade. Os embates no campo político e seus anseios eleitorais e partidários, além de estratégias turísticas, resultaram nas realizações desses grandes eventos, responsáveis por se apropriar dessa tradição popular que são as festividades espontâneas realizadas nas zonas rurais durante o período estudado, e transformá-la em uma festividade gigantesca.

Essas espetacularizações são produzidas para um público que tanto se insere nas festividades participando, como apenas observando, sendo mais comum devido ao grande número de pessoas nessas festas na zona urbana, em praça pública. Já as festas realizadas nas zonas rurais, durante o período estudado possuem características mais participativas, reúnem a população, aproxima suas relações. Como bem destaca Castro (2012):

Existem as festas de participação e de representação; enquanto as primeiras congregam a comunidade, nas segundas há uma separação entre os protagonistas da trama festiva e os espectadores. (CASTRO, 2012, p.40)

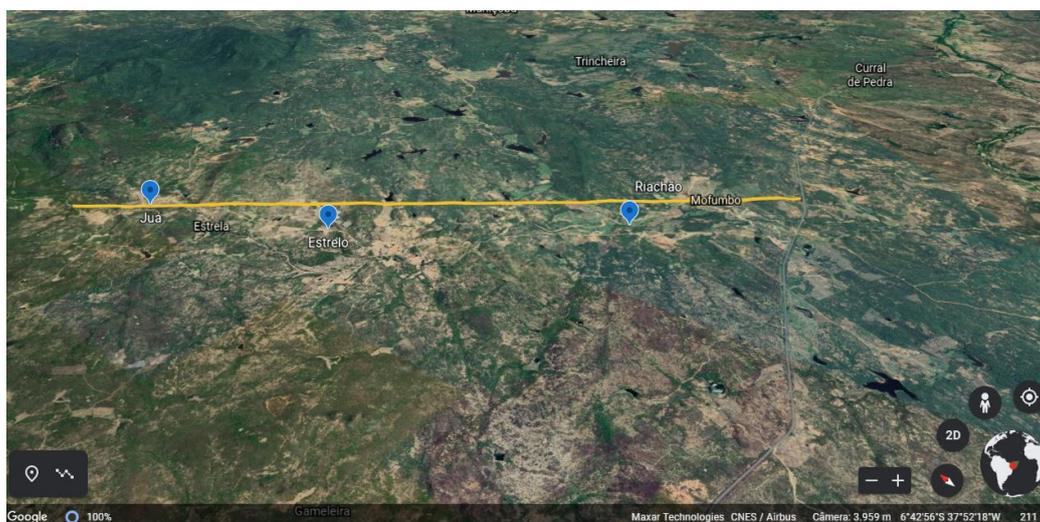
O forró tem características distintas em épocas diferentes. Remetendo-se ao período entre 1960 a meados de 1970, o forró tinha uma outra representatividade que não condiz com a realidade atual. O forró não era visto como um espaço de espetáculo de apresentações de bandas e cantores, nesse período estudado, o forró se apresenta em um sentido de diversão. As pessoas que frequentavam essas festas buscavam a diversão, a descontração e a comemoração.

1.2 Interação entre a zona urbana e zona rural

A cidade de Pombal está localizada no alto sertão paraibano. Segundo Sousa (2018) era um espaço urbano marcado por aspectos rurais, ainda com pouquíssimas construções. Existe uma grande interação e influência entre o espaço urbano e o espaço rural. De acordo com Sousa (2018), era comum a criação de cidades ocorrerem através de uma elite formada por homens de altas patentes, como majores e os coronéis, que detinham numerosas propriedades rurais. “A centralidade destes patrimônios influenciou na formação de toda uma vivência sedimentada no campo, onde se constituiu desta forma um vasto espaço de um mundo rural em Pombal” (SOUSA, 2018, p.40). Assim, a cidade ainda é fortemente marcada por traços do campo, de um meio rural.

Remetendo-se ao meu lugar de fala, as comunidades onde a pesquisa foi direcionada segue-se pelos sítios Juá, Estrêlo e Riachão. São comunidades pertencentes ao município de Pombal e devido à proximidade entre elas possuem uma identidade cultural semelhante entre seus habitantes. São sítios populosos com, atualmente, aproximadamente cem famílias, onde a princípio é difícil a identificação de onde se inicia e termina espacialmente um sítio. Mas a pesquisa não se limita apenas a essas comunidades. Através das entrevistadas são citados outros sítios próximos que mantêm a mesma prática identitária para o lazer e a música.

IMAGEM 01: Mapa da localização geográfica das comunidades rurais Riachão, Estrelo e Juá - 2021



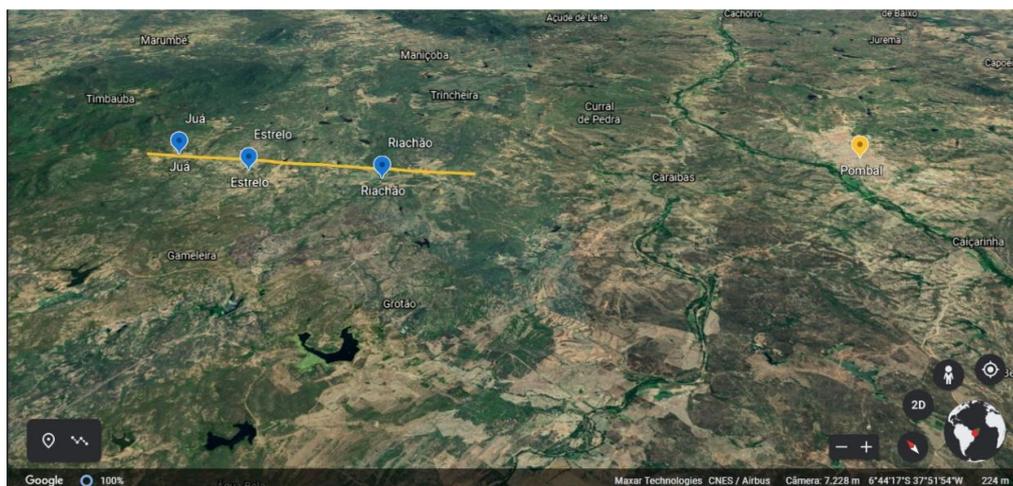
Fonte: imagem de satélite retirada do Google Earth⁴

A distância do centro urbano, da cidade de Pombal – PB até os sítios onde ocorre a pesquisa, é de aproximadamente 17 km de rodovia. Os sítios a partir da entrada na BR 230 onde inicia a comunidade Riachão até o sítio Juá corresponde ao total de 6 km de distância em estrada de terra. Por volta da década de 1960, as cidades possuíam características rurais. São espaços relativamente próximos, que possuem suas especificidades geográficas, econômicas e sociais, mas apresentam dinâmicas semelhantes, uma espécie de “complementariedade” e interdependência.

As áreas rurais são marcadas por características como: uma maior interação com a natureza, uma menor densidade demográfica, as suas atividades produtivas estão mais relacionadas a agricultura e com a pecuária. Nota-se que as cidades no alto sertão da Paraíba, no período da pesquisa, apresentam poucas distinções entre o meio rural e o meio urbano nos seu cotidiano e na produção econômica.

⁴ Disponível em <https://earth.google.com/web/@-6.70860232,-37.88972116,233.04637026a,7430.73464633d,35y,52.54875968h,59.93667073t,0.00000001r> acesso 15/04/2021.

IMAGEM 02: Mapa de localização geográfica da distância entre a cidade de Pombal – PB e os sítios Riachão, Estrelo e Juá. 2021.



Fonte: imagem de satélite retirada do Google Earth⁵

Os habitantes das zonas rurais se deslocavam para as cidades em busca de atendimento de saúde, quando não conseguiam a cura de suas enfermidades com métodos caseiros, ou para adquirir produtos que não eram produzidos nos sítios, como ferramentas de trabalho, tecidos para a fabricação de roupas, calçados, produtos de higiene entre tantos outros. Embora a distância entre essas comunidades e o centro urbano seja relativamente próxima, Maria Nobrega Lima, de 75 anos, que nasceu e sempre residiu no sítio Riachão, nos relata um pouco sobre os produtos que adquiriam nas cidades e como se dava esse deslocamento até o centro urbano, onde o meio de transporte comum nessa época era o uso de animais:

Era a cavalo e a pé. Mas depois foi aparecendo carro. Pra ir a pé tinha que sair cedo, 3 da madrugada, cansei de sair mais minha avó, 3 horas. Minha avó era veinha doida. A cavalo eu fui muito dia de sábado mais meu pai, quando eu queria comprar alguma coisa, um par de sandália, um vestido, uma coisa como um troço pra casa, aí eu ia a cavalo. Eu tinha um cavalo que meu avô me deu. Só ia na rua quando era pra comprar essas coisas, um pano pra fazer um vestido, um talcozin de pó, derli, uma chinela.⁶

Os meios de transportes até a década de 1960 era comum através do uso de animais, ou percorrendo longos caminhos andando a pé. A partir da década de 1970 com

⁵ Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-6.74781095,-37.87900177,205.07735709a,13971.39607605d,35y,42.51450178h,59.87897512t,0r> acesso em 14/04/2021

⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

a construção da rodovia no ano de 1978, passa a ter caminhões, camionetes e ônibus responsáveis por transportar essas pessoas dos sítios às cidades.

Será através do estudo da cultura de uma comunidade que poderemos conhecer os seus costumes, suas crenças, suas tradições, as artes, o cotidiano. Essas pessoas que habitam essas comunidades partilham uma identidade semelhante, com práticas que formulam seus cotidianos, e são sob esses lugares de pertencimentos que nos debruçamos agora, sobre suas relações, para então partimos para os momentos de lazer.

1.3 Cotidiano

Era comum os habitantes dessas extensas comunidades acordarem aos primeiros raios de sol, entre cinco e seis horas da manhã, e como era quase uma regra, passar um cafezinho para então iniciar suas atividades diárias de trabalho. Homens e mulheres tinham funções distintas durante o dia: as mulheres ficavam responsáveis pelos cuidados com a casa, com a alimentação e com os filhos. Maria Nobrega nos relata um pouco dessa rotina realizada pelas mulheres em sua época:

Ah era muita coisa, era arrumar a casa, varrer a casa, passar o pano, fazer almoço, primeiro era o lanche, [...] aí depois fazia o almoço, fazia queijo, costurava.⁷

Percebemos em seu discurso que as atividades diárias das mulheres nessa região estavam ligadas ao âmbito da casa, aos afazeres domésticos, direcionada desde a infância ao casamento, para dedicar-se ao marido e aos filhos. Mas que também realizavam outras atividades como costurar, bordar, cuidar das galinhas, cultivar uma horta e às vezes ainda auxiliavam o marido com a alimentação dos animais.

Em relação aos homens, em sua grande maioria são agricultores, trabalhadores da roça, que acordam cedo e seguem a rotina no campo. Plantar, campinar, produzir itens para o consumo, era a atividade exclusiva de quase todos os habitantes dessas comunidades próximas. Uma rotina de longas horas sob sol forte, que iniciava por volta de sete horas da manhã até onze horas quando retornavam para suas casas para almoçar

⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

ao meio-dia. Ao almoçar descansavam por volta de uma hora e em seguida retornavam a roça novamente onde trabalhavam até cinco horas da tarde.

Essas atividades seguiam um cronograma: primeiramente com o preparo das terras, prática realizada com o auxílio de um boi, uma capinadeira e enxadas usadas para o retoque quando limpava o mato. Em seguida, ao final desse processo seria o plantio, com a plantação de sementes como: arroz, milho, feijão, algodão, que plantavam com o objetivo de produzir e garantir a alimentação de suas famílias ao longo do ano. Maria Nobrega ressalta os tipos de alimentos produzidos por seu marido

Tinha cajueiro, tinha a casa de farinha também que fazia a farinhada, depois de casada, Rosí plantou mandioca um ano e nós fazia a farinhada. Algodão, feijão, arroz, era o que cultivava né? Sempre tinha uma hortazinha. Daquelas hortas em pé, Rosí fez, mas sempre plantava um coentrin, cebola.⁸

Essas comunidades possuem um histórico de produções de subsistência, com lavouras produtivas e, até mesmo, servindo para o abastecimento das pequenas cidades. Dificuldades perante as estiagens chegaram a existir, mas foge da regra criada dos discursos da fome, da região atrasada e inerte.

Era costume a plantação de legumes para a base alimentar, como a abóbora, mandioca, batata, que eram produzidos em grande quantidade. Além de consumidos para a própria subsistência, ainda eram comercializados e compartilhados com os vizinhos. Garantia-se a alimentação por meio das próprias terras cultivadas e da criação de animais. Maria Nobrega relata:

Era feijão, arroz, arroz vermelho tem mais essa e galinha, buchada, fígado, na casa do meu avô de 15 em 15 dias matava uma criação, tinha queijo, manteiga, peixe, comia tanto queijo. Jerimum, mandioca, batata.

Além disso, a criação de animais também era uma das principais fontes de renda desses sítios, os animais eram criados com o objetivo de auxiliar durante o trabalho na roça, como o uso do boi como tração animal no cortar da terra com o arado. A criação das vacas servia para a produção de leite, tanto para consumo diário, como na produção de queijos e manteigas que faziam parte da alimentação dessas famílias. Esses produtos também eram comercializados tanto entre os habitantes das comunidades, como na feira livre na cidade de Pombal. Os produtos agrícolas eram vendidos tanto nas feiras livres,

⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

como nas feiras realizadas pelos órgãos estaduais com a oportunidade de divulgar os produtos produzidos nessas comunidades.⁹

Praticavam e ainda praticam atualmente a criação de ovinos, com a finalidade de consumo de suas carnes. Com o processo de armazenamento, asseguravam a alimentação por várias semanas. Mesmo não havendo nas décadas de 1960 a 80 meios de refrigeração por não existir energia elétrica, existia a salga¹⁰. Não eram consumidos apenas carne de ovinos. Também se consumia carne bovina, de porcos, galinhas, peixes e até de pássaros.

A fonte de água dessas comunidades se dava por meio de um grande riacho chamado de “Riachão”, que as corta até desaguar no rio Piranhas. Devido às grandes cheias no período chuvoso, garante-se acesso a água durante o período de estiagem. Mas esse recurso nem sempre foi suficiente. Locais mais distantes da fonte d’água, em anos de seca, precisavam se deslocar ao longo do leito do riacho cavando uma cacimba pra obter água subterrânea para consumo, uso doméstico, para a plantação e os animais. Trazia-se a água do riacho até as casas através de carroças de burro, ou em pequenos barris chamados de ancoretas, atrelados aos jumentos que auxiliavam no carregamento até as casas.

Posteriormente, já no final da década de 1980, com o surgimento das Associações Comunitárias Rurais, e com o objetivo de obter uma representatividade das regiões rurais, mediante reuniões mensais, foram elaborados diversos projetos que com a apoio de representantes do poder legislativo e da Emater¹¹, obtiveram-se melhorias no acesso às águas. Foi realizada a perfuração de “poços amazonas”¹² para facilitar o processo de irrigação nas roças através de motores a *diesel* e carroças de burro para auxiliar aos habitantes no enfrentamento da falta de água, além de máquinas para o uso de colheita das sementes.¹³

⁹ Associação Comunitária Rural de Riachão. Livro de Atas 01. Ata da 7ª reunião extraordinária da Associação Comunitária Rural de Riachão. 31 de agosto de 1992, fl. 36.

¹⁰ A salga é um processo de conservação das carnes através do uso do sal. Uma prática que possibilita a duração da carne por mais tempo devido absorção da umidade.

¹¹ Emater é um órgão estadual que significa Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

¹² São definidos como poços amazonas, todos aqueles poços escavados que possuem diâmetros superiores a 5 m e tenham um revestimento parcial ou total em sua parede, diferenciando-se dos poços do tipo cacimbão apenas pelo diâmetro. Cf.: VASCONCELOS, Mickaelon Belchior. **Poços para captação de águas subterrâneas: revisão de conceitos e proposta de nomenclatura**. In XVIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. 2014, Fortaleza, p.07.

¹³ Associação Comunitária Rural de Riachão. Livro de Atas 01. Ata da 7ª reunião ordinária da Associação Comunitária Rural de Riachão. 13 de maio de 1990, fl. 10.

Essas comunidades possuíam uma variedade em materiais usados em suas habitações, de acordo com as condições financeiras naquela época que remete-se as décadas de 1960 a 1980 e com o tamanho das famílias (em média de cinco a oito pessoas residentes na mesma casa). É forte a presença de casarões grandes e altos, construídos com a própria matéria prima adquirida na natureza, como suas madeiras feitas através de árvores que os próprios moradores adquiriam, cortavam e moldavam de acordo com a necessidade para cobrir suas casas.

Os tijolos eram produzidos pelos próprios moradores, utilizando a matéria prima da natureza. Com a utilização do barro, fabricavam os tijolos utilizados nas construções dos grandes casarões, como durante a construção das paredes por não utilizarem o cimento. Existiam também as casas de taipa, eram casas simples, pequenas, com poucos repartimentos internos e feitas com o barro e madeiras entrelaçadas, além do piso ser de terra batida.

A sociedade da região em estudo é caracterizada por sua religiosidade, especialmente católica, marcada por práticas e representações religiosas que ditam o cotidiano de seus habitantes. De acordo com Sousa (2018), existem diversas manifestações de expressões religiosas nessas sociedades rurais:

Registra-se a ocorrência de práticas caseiras a exemplo de benzeduras, curandeirismos, sortilégios, ritos de passagem, dentre outras, que se apropriavam de muitos ritos católicos e os forneciam novos sentidos. (SOUSA, 2018. p. 26)

Era comum nessas comunidades a presença de rezadores (as), que acreditavam possuir um dom divino para a cura das enfermidades. Em contato com os arquivos pertencentes a Igreja do Estrêlo, que guardam fotografias e pequenos relatos sobre os moradores prestigiados por prestarem esses serviços para as comunidades próximas, nos anos 1960, percebemos que essas pessoas destinavam seu tempo para a prática de benzeduras:

Rezava em crianças, e pessoas idosas, curava mal olhado, quebrantes, cobreiro, erisipela. Era associada ao Sagrado Coração de Jesus e zeladora em Pombal.¹⁴

A realização de cultos, missas e festas religiosas além de exercer um caráter de expressão cultural era um dos momentos de sociabilidade dessas comunidades. Os

¹⁴ Relato extraído de um documento escrito sobre as comunidades, arquivado na Igreja do Estrêlo. Ver o texto original nos anexos.

eventos festivos, como os leilões de galinhas, festas do padroeiro, festa de argolinhas – corrida de homens montados a cavalo e com uma lança na mão tentavam passar por uma pequena argola – também assumiam assim um dos momentos de descontração, lazer e sociabilidade desses habitantes da zona rural, formulando uma identidade coletiva.

1.4 Momentos de lazer

Nem só de trabalho viviam o homem e a mulher do campo. Quando discutido anteriormente sobre a representatividade construída mediante a figura de Luís Gonzaga, retratando através de suas músicas o cotidiano “sofrido” dos nordestinos, os sertanejos, entendemos através das falas dessas pessoas, moradores dos sítios, seus momentos de descontração, que tinha como finalidade a diversão.

Antes disso, precisamos entender e questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. Entender como as pessoas ou grupos elaboraram suas experiências, suas estratégias, nos possibilita uma melhor compreensão dos valores coletivos e as ações em grupo. Segundo Verena Alberti (2008), trabalhar com relatos orais é uma metodologia aplicada para dar voz as minorias, e escrever uma história vinda de baixo, das pessoas simples. Mas devemos observar que ao utilizar esse discurso precisamos ter um cuidado ao se referir a essas pessoas como pertencentes a “classes sociais inferiores”, pois cairíamos no equívoco de cada vez mais reforçar a marginalidade dessas comunidades e das suas falas. Deveremos ter cuidado ao produzir a história desses povos. Não produzir como uma forma de “compensação” por não escreverem suas próprias histórias, mas sim pela inclusão desses povos na produção historiográfica. Para não acabarmos reforçando preconceitos ao se referir a história “vinda de baixo”.

Outro aspecto que merecemos ressaltar com os relatos orais que serão analisados, nos diz sobre seu cotidiano que podem conter descrições bastante fidedignas de suas práticas e ao mesmo tempo não, por trabalharmos com a memória, carregada de subjetividades e por estarmos falando de outro período ao qual não estamos inseridos, habituados. Muitas das vezes levamos a ilusão de que os relatos pessoais já falam por si só e que formulam a “verdade do povo”.

A memória como entendemos, nos possibilita ter acesso aos vestígios de memórias individuais. Como Pollak (1992) descreve, “a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201). Mas que essa memória é mutável, é um resultado da organização e seleção do que

é importante para o sentimento individual, mas que essas memórias têm um ponto de partida, esse é imutável. Ou seja, de um único acontecimento, cada pessoa possui uma lembrança e uma forma de percepção diferente tanto do fato ocorrido como do mundo.

São essas memórias que nos permitem aproximar desses momentos de lazer dessa época. Diferentemente do que atualmente temos como descontração, conhecido como forró da época junina, na década que segue de 1960 até os anos de 1980, ainda com uma cidade marcada pelo aspecto rural, o principal momento de lazer, de diversão nesse momento eram as festas chamadas pelos habitantes de “forró”. Para compreender essa dinâmica social ao longo do texto é necessário termos conhecimento que a palavra forró aparece de múltiplas formas nas falas de nossos colaboradores.

Esses momentos de festividades nas zonas rurais exercem o papel de coletividade, de relações sociais importantes nas vidas dos moradores, pois costumam reunir-se para comemorarem. As festas promovem encontros amorosos, criam vínculos, fazem-se amizades, há diversão e fuga das cansativas horas de trabalho. Essas festas eram frequentemente realizadas nas próprias comunidades, nas casas dos habitantes, que diferentemente do que temos hoje, não eram “forrós” realizados apenas no mês de junho, com enormes públicos, com a sua espetacularização e teatralização, assistida por um aglomerado de pessoas em pé assistindo as apresentações de bandas popularizadas. Trata-se, aqui, de festas realizadas nos sítios, repleta de signos locais, de identidades comuns àquela comunidade.

As festividades que predominavam nessas comunidades eram encontros chamados pelos colaboradores de “forró”. Qualquer festa que fosse dançante, que contasse com a presença de vários habitantes das comunidades próximas, na maioria das vezes as entrevistadas se referem a “forró” ou “baile” para designar esses inúmeros encontros de descontrações. Percebe-se que é característico dos habitantes dessas comunidades se referirem aos espaços de lazer como “forró”. Essas festas não ocorriam apenas no mês de junho, remetendo-se ao período junino, tal como reproduzido por uma imagética criada a respeito do São João. As festas aconteciam na época de São João, mas o forró também ocorria durante os diversos meses ao longo do ano. Cassia Maria Ramos, agricultora de 50 anos, residente do Sítio Riachão, descreve o período em que mais ocorriam essas festas:

Era mais no mês de junho por conta do São João e assim setembro, outubro, final de colheita e quando havia os casamentos das filhas aí fazia os forrós.

Aniversário era mais difícil, nunca presenciei de aniversário não, era mais casamento.¹⁵

Era comum a realização desses forrós após a realização dos casamentos, que aconteciam com maior frequência durante os meses de maio, setembro, outubro, dezembro e janeiro. Os casamentos aconteciam durante o dia, voltado para a família e amigos mais próximos, e ao anoitecer dava-se início aos forrós. Geralmente ocorriam nas casas dos pais das noivas. Esse momento era aberto, de modo geral, ao público, sem especificação de quem poderia frequentar essas festas.

Eram em variados momentos festivos que se organizavam os forrós: ao final das boas colheitas e das safras. Geralmente organizavam-se os forrós com a finalidade de comemorar os bons lucros e a garantia da alimentação durante o ano. No período de final de ano também se realizavam essas festividades.

Era grande a quantidade de pessoas que frequentavam essas festas durante a noite. Contava com a presença de pessoas das diversas comunidades, pois era divulgado através do rádio quais os sítios organizariam os forrós. Por meio dessas festas as comunidades estabeleceram redes de sociabilidade, de identidade diante desses momentos de descontração.

Em relação ao rádio, as transmissões radiofônicas na cidade de Pombal (PB) deram início tardiamente se considerarmos a primeira transmissão no Brasil. Segundo Rufino (2017) o rádio surge em decorrência das transformações do século XIX, e mais precisamente no ano de 1942 em Pombal. Esses avisos eram divulgados através da “Difusora Guarany”, pertencente a Manoel Bandeira, que passou a levar entretenimento a sociedade rural e urbana. Rufino (2017) descreve que:

podemos afirmar que os “Serviços de Alto-Falantes” foram os primeiros componentes na construção do contexto histórico da comunicação em Pombal. O pioneirismo ficou por conta da Difusora Guarany, levando informação e entretenimento para os ouvintes por meio dos seus programas. (RUFINO, 2017, p. 23).

Esses forrós geralmente eram divulgados nesses programas que diversificavam entre programas musicais e informativos, tanto locais como nacionais. Convidavam-se as comunidades próximas de onde seriam realizadas essas festas. Existiam no período que ocorre a pesquisa, os sistemas de Alto-falantes como o *Lord Amplificador*. Eram uma

¹⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

espécie de caixas de sons instalados em pontos estratégicos da cidade, com o objetivo de alcançar um número maior de ouvintes. Segundo Clemildo Brunet de Sá (2014)

Em fevereiro de 1968, o comunicador Clemildo Brunet, instalou no centro da cidade, o Lord Amplificador, cujo nome LORD, no sentido figurado de “elegante” e do inglês “Senhor”, que tinha como slogan: O Som Direcional da Comunicação e o mais perfeito serviço de alto falante, foi instalado inicialmente na Rua João Capuxú (rua estreita) passando depois a funcionar no Box 48 ao lado sul do Mercado Público. Era o único veículo de comunicação com o público na época. Em pontos estratégicos foram fixados os chamados projetores de som (cornêtas) de 20 polegadas. (SÁ, 2014, p. 65 **apud RUFINO, 2017, p.26**).

Contudo, não era apenas as festas de casamentos os momentos de lazer. O forró como festa e como ritmo estava presente dentro das casas, no cotidiano das famílias. Com a chegada do rádio na zona rural, por volta do ano de 1964, a vida desses agricultores (as) passou a ter uma nova experiência. Segundo o depoimento de Cassia Maria, existiam os “assustados”, um momento de diversão voltado apenas para a família, nos mostrando em quais momentos essas comemorações aconteciam:

Os assustados eram assim: quando chegava uma pessoa de São Paulo, ou nas desbulhas de feijão quando terminava aí vamos pra fazer a quebra da casca do feijão e tome forró, ligava a radiolinha e dançava até o dia amanhecer, uma forma de descontrair e comemorar a safra que tinha sido boa.¹⁶

A música agora fazia parte desse cotidiano, que habitualmente ao final do dia ou no final de semana as famílias se reuniam para escutar músicas e dançarem na área externa e interna das suas casas, acompanhadas do rádio ou da radiola apresentando como essas sociedades rurais viviam o ritmo e as músicas do gênero forró.

¹⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal -PB.

IMAGEM 03: Família reunida em volta de um rádio no sítio Lagoa Escondida, Pombal – PB no início da década de 1970.



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida pelo acervo familiar de Edgleyson Forrozeiro.

Ao analisarmos a mensagem que a fotografia nos traz, percebemos a busca em dar ênfase ao rádio, como uma forma de passar a ideia de modernidade. Esse aparelho modificou e interferiu na vida dessas pessoas, relações são estabelecidas a partir do contato com o aparelho, desencadeando uma interação, formulando a identidade dessas pessoas em torno das descontrações, dos seus momentos de lazer.

A fotografia registra histórias, eventos, fatos, mas é imprescindível nos atentarmos para a intencionalidade da foto, pois ela nos dá vestígios do passado, não mais apenas de grandes homens, ou acontecimentos políticos, mas passa a fotografar pessoas comuns em seus cotidianos, ou em seus eventos, como Ana Maria Mauad (2005) retrata:

a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e ideologias oficiais. (MAUAD, 2005, p. 136-137)

Ainda sobre a intencionalidade da fotografia, Ana Maria Mauad (2005) descreve que o historiador exerce a função de interpretar além do que se vê na imagem, e a importância de observar a mensagem que quis repassar com o registro fotográfico,

a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções signícas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. (MAUAD, 2005, p. 139)

Mediante os relatos orais e as produções de fotos, buscamos analisar as relações sociais nesses espaços festivos, as diferenças entre os gêneros e seus conflitos nesse espaço de sociabilidade, apresentando quem são esses agentes sociais inseridos em seus contextos históricos e produtores de suas próprias histórias, suas interações e suas particularidades.

CAPÍTULO 02

Pavilhão: Cenário de encontros e desencontros

*A poeira sobe o suor desce
A gente vê o sol raiar
O sanfoneiro padece
Mas não pode reclamar.*

É proibido cochilar – canção dos Três do Nordeste

Ao longo do tempo, a função do historiador foi sendo formulada como a de um agente responsável e devedor do seu grupo social. As funções históricas a partir dos pensamentos dos teóricos positivistas designavam como função do historiador a árdua tarefa de formular e dar sentido aos grupos humanos, dar identidade aos diversos povos. Contudo o saber histórico sofreu transformações e temas voltados para o cotidiano e das pessoas comum que mantem vivências nele foram sendo acrescentados na historiografia. Nos permitindo, desse modo, fazer hoje uma história de homens e mulheres "simples", como aqueles que abordo nesta pesquisa e que mantem vivências, e dançam seus forrós nos sítios: Riachão, Estrêlo e Juá.

Por tanto, nesta escrita, estamos conscientes de que a nossa tarefa ultrapassa a função atraente de transpor apenas as informações responsáveis por descrever nossas origens e nossos antepassados. Esta pesquisa histórica me possibilitou, dessa forma, reescrever o passado a partir das inquietações que nos são suscitadas do presente, partindo da necessidade de desconstruirmos e questionar as verdades que nos são dadas como absolutas, nos abrindo novas perspectivas e análises.

A partir dessas premissas, as análises abordadas nesses capítulos são direcionadas para as experiências desses habitantes rurais em seus momentos de descontração nos forrós. Onde vamos enfatizar: a descrição e o funcionamento desses espaços festivos, seus frequentadores e suas vestimentas, e aqueles que eram responsáveis por animar essas festas, como sanfoneiros, cantores e seus instrumentos utilizados.

Entendemos como experiência enquanto todos aqueles acontecimentos vivenciados pelos colaboradores nesses espaços onde aconteciam essas festas. Essas experiências são atravessadas por relações de saber, poder e subjetividade entre os homens e mulheres que manteve vivências nesses espaços. Que segundo Foucault (1984), esses elementos podem nos ajudar a compreender a formulação das culturas e suas práticas, como abordo nessa pesquisa. E ainda evidenciando que essas experiências

perpassam também por práticas e discursos que são incumbidos de dar forma a àquilo que somos em nossas relações sociais, no nosso cotidiano.

É diante dessas experiências culturais e sociais que se objetiva tornar visíveis e concretas as ações humanas, através das experiências individuais e particulares. A partir disso cria-se o sujeito em sua singularidade, mediante a subjetividade. Não é possível descobrir a verdade sobre determinado assunto – as relações nesses espaços de festividades – mas através dos seus jogos de verdade e sobre suas práticas nos permite entender os sujeitos enquanto agentes históricos.

Conforme descreve Foucault (1984):

Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos 'jogos de verdade', dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. (FOUCAULT, 1984, p. 11)

Portanto, essas experiências nos possibilitam formular memórias e identidades em decorrência de nossos cotidianos, nossas experiências familiares, no trabalho, nas nossas expressões religiosas, e nas sociabilidades. São as experiências vividas e mantidas no passado que possibilita esses sujeitos formularem essas memórias no presente, e consequentemente são responsáveis por fornecerem elementos para a nossa construção identitária, que ambas são frequentemente reelaboradas.

1. Aspecto físico das festividades

Esses forrós realizados nos sítios existiram em dois momentos: celebrativos, como nos casamentos, nos eventos políticos e em inaugurações, com a presença de grande quantidade de pessoas e com a presença de sanfoneiros; e os momentos privados, realizando-se encontros mais íntimos em família, com apenas o uso do rádio, e na década de 1970 a radiola, responsáveis por animar as casas dos habitantes nas zonas rurais.

No campo de pesquisa, na análise dos relatos das entrevistadas, sabe-se que os forrós realizados nos casamentos e nos eventos políticos, se iniciavam logo ao pôr do sol, por volta das dezoito horas, e terminava ao amanhecer do outro dia.

A colaboradora Edileusa Dantas, 57 anos, que viveu toda sua juventude no sítio Juá, nos trouxe em seus relatos orais, que foram reforçados pelos demais participantes da pesquisa, que essas festas tinham horário para iniciar e terminar:

Ah minha filha, a festa começava cedo, seis, no máximo seis e quinze da noite já tava tocando e o pavilhão já estava cheio de gente... Até sete horas da manhã, cansei de chegar em casa depois de sete e meia, a noite todinha dançando. Pegava o sol com a mão, e tinha mais esse forró: pegar o sol com a mão.¹⁷

Essas festividades geralmente ocorriam nos finais de semana e durante a noite, momento em que a comunidade já tinha concluído seus afazeres diários. E o término dessas festividades respeitavam o ritmo desse cotidiano, encerrando-se ao nascer do sol, momento que os frequentadores deveriam retornar aos seus lares e suas atividades cotidianas.

Ainda sobre o relato de Edileusa Dantas e reforçado por outros colaboradores, a ideia de forró para essas comunidades tinham a finalidade de diversão. Quando eles nos falam que iam para essas festas dançar, “dançar a noite todinha”. Portanto, o forró como festa era um momento direcionado para dançar, encontrar os amigos, ouvir músicas ao vivo, e estabelecer encontros amorosos. As pessoas que frequentavam esses forrós buscavam reencontrar os vizinhos e amigos, fazer novas amizades reforçando desse modo a ideia do forró enquanto um evento que congrega diversas sociabilidades nessa sociedade.

As pessoas tendiam a frequentar os forrós realizados nas comunidades vizinhas, das quais as mais citadas pelos nossos colaboradores foram: Sítio Riachão, Estrêlo e Juá. Apesar disso, não impediam de frequentarem os forrós que ocorriam em outros sítios mais distantes, como: Lagoa Escondida, Trincheiras, Pedra Branca, Triângulo e Várzea Comprida dos Oliveiras. Assim como nos descreve Edileusa Dantas ao falar das comunidades que frequentavam:

Ah minha fia eu fui muito no Riachão, Estrêlo, Juá, Pedra Branca, Lagoa Escondida, Trincheira, minha filha eu fui todos os lugares sabe, era esses sítios assim sabe, perto da gente. Era muito bom.¹⁸

Sobre essa informação o ato de frequentar as comunidades possibilitava a entrevistada a manter experiências caracterizadas como “muito boas”. A história oral nos permitiu ver e perceber essas expressões que nenhuma outra fonte nos possibilita. Por

¹⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes. 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 29 de março de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal -PB.

¹⁸ *Idem*.

lidar com agentes históricos vivos, os gestos nos dizem muito sobre suas vivências e experiências. Edileusa Dantas Fernandes sempre se refere a essas festas com nostalgia por momentos vividos no passado, e essa forma sensível de relatar seu passado e suas memórias nos permite conhecer um pouco da sua história e das suas experiências nesses locais designados para divertimento em sua juventude. A satisfação em relatar seus momentos de descontração nos permitiu o fascínio da experiência vivida, o que torna o passado mais concreto.

Essas entrevistas nos possibilitam de acordo com Verena Alberti (2008) o “estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Os relatos orais nos apresentam características do espaço físico de onde eram realizados os forrós, para então partimos para entender como as pessoas desenvolvem práticas e experimentam o passado.

Analisando a fala da colaboradora, o acesso a essas festas eram difíceis, pois os habitantes se dirigiam aos forrós a pé ou montados a cavalo, na escuridão da noite, apenas a lua iluminando seus percursos até os locais que aconteceriam essas festividades. Maria Nobrega nos relata uma dessas experiências em frequentar um “baile” nas comunidades vizinhas:

Saiu daqui sete horas da noite eu, Rozil, Sale e Ilza tiremo pro dentro daquele tabuleiro dos enocs pra sair lá no açude véi, se perdemos, o zíper da minha calça se torou, era uma beleza, o sofrimento mais do que diversão.¹⁹

Observando essas idas e vindas a esses “forrós” que apesar de serem cheias de obstáculos, eles eram superados. Pois mediante das dificuldades de se deslocar aos locais das festas, eles a enfrentavam pela diversão que os forrós os proporcionavam. Como observamos anteriormente, as pessoas que frequentavam esses “bailes” eram os próprios moradores das comunidades, mas contavam com a presença de pessoas de outros sítios, além de habitantes da cidade. E esse deslocamento de suas casas até onde ocorriam os “forrós” muitas das vezes eram um caminho árduo, mas que essas pessoas tinha um único objetivo: a diversão.

Geralmente os forrós aconteciam em frente às casas das pessoas que organizavam as festas. O local é chamado pelas entrevistadas como “Pavilhão”, espaço de chão de terra batida destinado para as danças, para acomodar o sanfoneiro em local estratégico e

¹⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

recepcionar as pessoas de modo geral que frequentavam esses espaços. Existe uma mesma narrativa entre as entrevistadas sobre esses locais, como Edileusa reforça:

Era o Pavilhão, era batido, como que diz, ficava bem batidinho pra não ficar terra solta num tem? O pessoal da casa, o dono da casa batia o pavilhão pra poder o povo dançar pra não ter lama, nem poeira, e tinha mais na época quando tava fazendo poeira, o pessoal saía aguando o pavilhão pra não fazer poeira. Assim tinha um intervalozinho quando o sanfoneiro parava aí eles aguavam o pavilhão pra não fazer poeira.²⁰

Além disso, no discurso de Cassia Maria, percebemos o cuidado que as pessoas tinham em organizar um espaço para recepcionar as pessoas e a realização desses eventos. Eram locais simples, mas que nos diz muito sobre as condições econômicas que os habitantes dessas comunidades tinham, pois eram sociedades que não possuíam alto poder aquisitivo para elaborar uma grande estrutura como vemos nas festas atualmente. Eram apenas enfeitados com bandeirinhas, característicos da época:

era na frente da casa, das casas das pessoas, na casa mesmo eles fazia aquele pavilhão de terra batida e colocava as bandeirinhas, enfeitavam com bandeirinhas e cercava assim ao redor com vários paus que era pra fazer as bancadas para o pessoal se sentar.²¹

Mais uma vez percebemos que nesse período estudado, os habitantes das zonas rurais utilizavam os recursos adquiridos na natureza tanto nas construções, na alimentação, já discutido anteriormente, como até em seus momentos de lazer, a exemplo da elaboração de “bancadas” de madeiras, designada para acomodar as pessoas durante a noite que ocorriam esses forrós. As pessoas ficavam distribuídas em sua grande maioria em pé durante toda a noite, pois não existia a presença de cadeiras ou mesas. Por meio das falas dos colaboradores, entendemos melhor a dinâmica da distribuição e da acomodação.

Tinha baile que não tinha onde você se sentar, passava a noite toda em pé de braço cruzado ao redor. Outros, o dono da casa porque era mais, num sei, se era mais bondoso, cortava umas forquilhas e botava um pau, aí o povo se sentava, um banco. Não tinha mesa nem cadeira.²²

Segundo Certeau (2000), a história é a ciência que estuda as permanências e transformações das ações humanas em sociedade ao longo do tempo. Percebemos que esses forrós nas zonas rurais possuem características semelhantes ao longo das décadas

²⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes. 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 29 de março de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

²¹ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

²² Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

estudadas de 1960 a 1980. Mas no aspecto físico onde ocorriam essas festas também existiam mudanças e permanências na elaboração do local.

Maria Nobrega que frequentou essas festas em meados da década de 1960 nos relata aspectos que ao passar dos anos vão se modificando, como por exemplo: a iluminação. Em sua época de juventude a iluminação desse “pavilhão” era através de “lâmparinas”²³ que eram espalhadas pelo espaço onde se realizam as danças. Maria Nobrega descreve:

Lâmparina, quando o vento chegava que apagava a lâmparina as mães de família ficavam doida, tirava as fias do baile, entrava no baile pegava as fias tomava dos cabas, tirava pra fora com medo dos cabas agarrar (risos). Basta eu fui baile de lâmparina, fui muito baile de lâmparina. As muié dona da casa tinha mais o cuidado de tá arrudiando o pavilhão puxando o pavi da lâmparina e botando querosene que era pra não se apagar, mas quando o vento chegava, o Aracati, não tinha jeito, apagava.²⁴

Já em meados da década de 1970, a iluminação desses espaços era comum o uso do “lâmpião”²⁵, fixados nos “*paus do pavilhão, no máximo duas no pau do pavilhão lá e outra no botequim*”²⁶. O que hoje conhecemos como salão de festa, nesse período da pesquisa é chamado de pavilhão. Daí surge a necessidade de enfatizar esse espaço, um cenário que aparentemente está voltado para a diversão, camuflava diversos outros aspectos que merecem serem investigados. Será o que abordaremos ao longo deste capítulo.

²³ Lâmparina é uma iluminação produzida com uma lata de óleo ou zinco, em formato de funil. Em seu interior adicionava querosene e um pavio torcido de algodão, onde mantinha a chama acesa durante um período de tempo.

²⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

²⁵ Lâmpião ou candeeiro produzido com metal, fixado em um botijão pequeno de combustível que mantinha a chama acesa dentro de uma lâmpada de vidro.

²⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

*IMAGEM 04: Forró na casa de Osnir Alencar no sítio Estrêlo, Pombal – PB.
Ano de 1981.*



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida do acervo familiar de Rosineide Oliveira Alencar.

A imagem acima nos dá uma ideia de como eram essas festas e o local onde ocorriam. Interessante observarmos que as pessoas que estão retratadas nesta imagem não estavam pousando para um ato fotográfico, sendo assim não sofreu tantas interferências em sua produção, nos dando a possibilidade de perceber como era a dinâmica dessas festas. Notamos a partir dessa imagem a ausência de energia elétrica pelo espaço ser iluminado pelo lampião, além da disposição das pessoas no espaço onde os tocadores se posicionavam ao fundo do Pavilhão e o restante do espaço era ocupado pelos dançantes. A partir dessa imagem reforçamos aquilo que foi dito nos relatos orais que existia a preocupação de ornamentar o espaço.

Observamos que o momento de descontração não se limitava aos forrós no Pavilhão. Podiam ser realizados de forma mais privada entre amigos e vizinhos mais próximos, mais restritos, não apenas esses forrós mais elaborados como vimos anteriormente. Os vizinhos das comunidades se deslocavam para a igreja e ao final das

missas ou novenas, combinavam entre eles mesmo para fazer um momento de “brincadeiras”, o chamado “assustado”, expressão utilizada para mostrar que essa sociabilidade entre amigos era rápida e improvisada. A entrevistada traz um exemplo de um desses momentos na casa do senhor Biró Tijolo no sítio Estrêlo, que era um dos homens que realizavam os forrós ou os assustados.

A fala de Edileusa Dantas nos traz esses aspectos particulares do “susto”, mostrando que era de fato um momento mais simples entre amigos:

Quem realizava era o pessoal lá da vizinhança, era tudo assim, a gente se reunia, fazia uma festa assim, ia pros forró, a gente combinava todo mundo a gente mesmo fazia de combinava de fazer aqueles forrós de antigamente, a gente ia pra igreja, quando voltava da igreja tinha lá a casa de Biró Tijolo que a gente chamava o pueirão, quando terminava de rezar, a gente ia pra lá e nois dançava a noite todinha forró tocado por Silvino. Era o forrozinho pé-de-serra, só zabumba, triângulo e o pandeiro e a sofona somente.²⁷

Observamos ainda que, segundo os relatos orais, não tinha um público alvo que frequentavam essas festividades. Eram um momento que uniam todos, tanto crianças, como adultos e idosos. Homens e mulheres, solteiros e casados.

Podemos perceber ainda uma ambiguidade dentro do cotidiano e as sociabilidades apresentadas pela colaboradora. Ao mesmo tempo que ela se refere ao espaço do sagrado ao dizer que frequentava a igreja enquanto um espaço de normas, ela quebra com esta ordem a dizer que ao final das missas frequentavam as festas tidas como espaços profanos para a igreja. No cotidiano desses indivíduos eles frequentavam esses dois espaços distintos em que se coloca em prática suas socializações, compartilhava-se hábitos, mas rompiam costumes e normatizações. Ou seja, o forró foge do espaço do sagrado. Torna-se o lugar do paganismo se realizando após um ritual religioso.

1.2 Puxa o Fole, sanfoneiro!

Em contato com as pessoas que frequentavam esses forrós, percebe-se que os sanfoneiros não cantavam e tocavam em palcos. Nessa época os sanfoneiros tocavam em cima de uma mesa, ou em cima de um caminhão e corriqueiramente no piso batido, ao lado dos festeiros. Como relata Cassia Maria em sua fala:

²⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB.

Cheguei a ver tocar em cima de uma mesa, e quando não era em cima da mesa era em cima de um carro, uma caminhonete, ou no chão mesmo.²⁸

Os sanfoneiros cantavam e tocavam durante a noite inteira, havendo apenas algumas pausas para beberem água ou se alimentarem. Enquanto isso, os donos das casas responsáveis pelo forró ficavam encarregados de aguar o pavilhão para evitar que a poeira erguida na dança atrapalhasse a diversão. Barbalho e Calixto (2013, p. 112) descreve que os sanfoneiros eram os responsáveis por garantir a diversão à população durante toda a noite e que era um trabalho cansativo: “exigia muito de quem já passava boa parte do dia no trabalho braçal do campo e nas noites dos finais de semana tinha que ser o elemento central das festas e comemorações que ocorriam em suas regiões.

Os principais sanfoneiros, mais relatados nas entrevistas, responsáveis por animar esses forrós no período de 1970 a 1980 nessas comunidades e região eram: Geraldo Bernadino, Chico Mineiro, Silvino, Severino de Né e Ary Sanfoneiro. Já na década de 1960 os sanfoneiros que costumavam participar das festas nos pavilhões eram Dedé Felix, Raimundo Cearense e Chico Amaro. Alguns residiam na cidade de Pombal, outros eram moradores da própria comunidade. Os instrumentos responsáveis por animar essas festas eram basicamente o triângulo, a zabumba, o pandeiro e a sanfona. Barbalho e Calixto (2013, p. 113) retrata como a sanfona foi amplamente expandida:

a sanfona de oito baixos era difundida pelo Nordeste no início do século XX, admirada e tocada por vaqueiros, tropeiros e também por cangaceiros, talvez por ser um instrumento pequeno, de fácil locomoção e com sonoridade forte, ideal para festas que transcorriam sem o auxílio de caixas de som.

²⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

IMAGEM 05: Forró realizado na casa de Osni Alencar no sítio Estrêlo, município de Pombal – PB no ano de 1981.



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida do acervo familiar de Rosineide Oliveira Alencar.

A foto apresenta um “forró” realizado na casa do senhor Osni Alencar, morador da comunidade Estrêlo, que na ocasião o forró ocorria em comemoração a chegada de um amigo recém chegado de São Paulo, na imagem é o homem que estava com a zabumba, registro do ano de 1981. O sanfoneiro na fotografia é o Senhor Silvino, morador do sítio Juá, que foi responsável por animar essas durante aproximadamente três décadas nessas localidades.

Percebe-se que na década de 1980 o gênero forró nessas comunidades ainda é marcada pela presença apenas do triângulo, a zabumba, o pandeiro e sanfona, que são características do forró “tradicional” ou “forró pé-de-serra”, e que quando juntos são responsáveis por produzir um ritmo que contagia e convida aqueles que escutam, a balançar seus corpos a executarem movimentos ritmados, harmônicos.

*IMAGEM 06: Ary Sanfoneiro e companheiros com seus instrumentos musicais
no ano de 1985*



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida pelo acervo familiar de Francisco Ferreira Assis Neto.

A sanfona se apresenta como o símbolo da alegria, da festividade para agricultores. É notável a apreciação das pessoas por esse instrumento, por seu arranjo dançante que despertava euforia nesses trabalhadores rurais. Os sanfoneiros cantavam músicas de Luís Gonzaga, Trio Nordestino e os Três do Nordeste. Os moradores que frequentavam essas festas sentiam-se representados pelas canções que retratavam seu cotidiano, seu espaço rural.

1.3 “Eu vou dançar forró, vou me balançar”

A dança é uma expressão corporal que caracteriza a necessidade humana de interação e sociabilidade, um ato de troca: trocas de movimentos corporais, gestos, de ritmos, e sentimentos, uma manifestação emocional. A dança é marcada por uma expressão de sentimentos e sociabilidades, seja para celebrar, agradecer ou pelo divertimento. Este momento do festejar também termina formulando uma identidade. De acordo com Cardoso (2016):

A partir das mais remotas organizações sociais a dança sempre esteve presente nas diversas manifestações culturais dos diferentes povos e etnias. [...] Era uma forma de expressar a vida, ritmo, intenção, movimento, em sua integração com a vida, o cotidiano das tribos, em suas manifestações, cerimônias, consagrações da natureza, etc., fazendo parte deste mistério, da magia e essa busca pelo conhecimento e autoconhecimento sempre presente.

O forró como ritmo dançante nessas comunidades pesquisadas era realizado em pares, entre homens e mulheres, e as vezes entre as mulheres. Joan Scott (1990) escreve meticulosamente sua obra “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, por meio da discussão sobre a história das mulheres. Pioneira na elaboração de uma teoria que tem suas diretrizes no debate acerca do conceito de gênero, fugindo do determinismo biológico como responsável pelos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino, Scott (1990) discute o conceito de gênero como uma categoria mais fluída, ou seja, são os papéis sociais atribuídos a cada sexo.

A todo instante, nos relatos orais das entrevistadas, percebemos a reprodução de um discurso moralizante, de ações que giram em torno de uma “honra” tanto das mulheres, como dos homens. Formas de condutas de comportamento na dança, por exemplo, as mulheres poderiam dançar com outras mulheres, pois não feriam a feminilidade. Já em relação ao homem, observa-se como uma regra explícita não poder dançar com outro homem nessa região, nessa sociedade. Percebemos aspectos entre as relações de gênero dentro desses espaços de festas, e essas relações de gênero definem nossas relações sociais, pois são produtos de uma construção de ideais de masculinidade e feminilidade que de acordo com Scott (1990) irão passar por mudanças entre as diversas sociedades e momentos na história.

A partir dos estudos feministas, utiliza-se a palavra gênero no sentido mais próprio e genuíno para se referir a uma organização social entre os sexos. Scott (1990) diz que as normas, a moralidade e discursos são impostos sobre os corpos sexuados através de “leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos” (SCOTT, 1990, p.72), então vemos nos discursos das entrevistadas a assertiva de uma normatização de comportamento, de como agir durante a festa e principalmente durante as danças.

Em contato com esses relatos orais das entrevistadas, elas fazem referência as danças marcadas pelo o arrastado dos pés, como por exemplo: o xote, a rancheira, a quadrilha e arrasta pé. De acordo com Cássia Maria:

Era xote, era rancheira, tinha valsa e rancheira era a mais tocada e no finalzin, todo final tinha que ter a quadrilha, tinha que ter.²⁹

²⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

Ao longo da noite, era quase que como uma regra, realizarem uma quadrilha nesses bailes, onde existia a pessoa encarregada para conduzir essa dança. A quadrilha era dançada num ritmo mais rápido que a dança arrasta pé, pois o seu objetivo era incluir todas as pessoas presentes naquele espaço para dançarem. Maria Nobrega lembra das pessoas que ficavam responsáveis por dirigir a quadrilha: *“tinha o mestre da quadrilha, aqui eu conheci Benedito de Quinú e Agustin, finado Agustin”*.³⁰ Moradores das próprias comunidades que possuíam habilidade para “puxar” a quadrilha.

Assim, diante de interesses políticos e econômicos houve a apropriação dessas práticas festeiras do campo e criaram a tradição espetacularizada das quadrilhas de São João, caracterizada de vestimentas estereotipadas de “caipiras”. Hobsbawm (1984) descreve estas formas de tradição como inventadas: a apropriação de uma prática outrora comum, ordinária, espaço lúdico de determinadas comunidades, que se tornam símbolo de uma cultura regional, servindo para a espetacularização das festas juninas.

Castro (2012, p.89) utiliza da argumentação que:

Um aspecto que evidencia o caráter espetacular das festas juninas da atualidade é a grande concentração de foliões e turistas em espaços públicos – praças, avenidas... – ou privados. Existe uma relação direta entre a espetacularidade desses eventos e os processos de massificação, hegemonia e hipervisibilidade.

As danças aconteciam geralmente entre casais, mantendo um distanciamento entre ambos, em movimentos de “dois passos para lá, dois passos para cá” que Nunes e Souza (2014, p.22) afirmam “possuir variações simples, alternando rapidez e lentidão de acordo com a canção executada. Nela, por exemplo, somente a mulher é rodada”. A dança tem gestos próprios do homem e da mulher. Percebemos que o homem assume um papel de posição mais fixa, sem executar movimentos mais elaborados, sendo mais rígidos, sem coreografia. De acordo com as análises das falas das entrevistadas, o homem necessariamente deveria ser o responsável por conduzir a mulher durante a dança, ou seja, vemos em gestos, em ações e discursos que essas sociedades são marcadas pela atuação masculina, como responsável pela moralidade e a quem merece ser “respeitado”.

A dança chamada de “xote” também era realizada em casais, executada em um ritmo mais lento e usavam pouco o espaço do pavilhão. Já a rancheira era o momento em que os casais dançavam em movimentos mais rápidos e era como uma regra usar todo o

³⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

espaço do pavilhão. O arrasta pé é marcado pela a proximidade do casal e no movimento mais sensualizado, evitando ao máximo levantar os pés do chão. Vale salientar que durante essas festas chamadas de “forró” também dançava-se outros ritmos, como a exemplo da valsa. Mas para essas comunidades estudadas o “forró” como ritmo, como música era o que predominava.

Em suma, as mulheres ao sair de casa recebiam orientações dos pais como deveriam se comportar ao dançar com os homens. Eram valores comportamentais que geralmente a mãe repassava para as filhas. Conforme Cassia Maria, antes de sair de casa sua mãe sempre a alertava:

Pai não, mãe quem dizia: “olha cuidado, veja como dança, não é pra agarrar demais, não é pra dançar com homem casado e aquela coisa, num pode, num pode, num sai do pavilhão, se pra dançar num é pra chegar perto demais tem que manter a distância. E assim era. Não podia nem passar no escuro.³¹

Nessa fala, percebemos a preocupação das mães em cuidar e proteger a “honra” das suas filhas, com o objetivo de não “ficar falada” perante a sociedade. Existia o cuidado em zelar suas filhas do perigo do espaço festivo, pois as filhas representavam o nome das famílias, se a filha ficasse “falada” todos da família carregavam esse estigma por ter falhado na educação. Esse perigo era a libertinagem, da indecência diante dos movimentos realizados durante as danças com os homens.

Devemos nos atentar para a criação e instituição de um discurso que moldava essas meninas/mulheres. Uma docilização dos corpos femininos presentes nos discursos das mães e pais repassados para suas filhas, como um corpo controlado, ensinado a reproduzir movimentos que não fugisse da regra socialmente criada como “boa conduta” designada para aquela mulher executar, como percebemos na fala de Cassia Maria sobre os ensinamentos repassados sobre não poder dançar próximo de um homem, ou até mesmo com um homem casado. Além de não se distanciar do local onde estava acontecendo as festas, evitar o escuro, onde é reafirmado anteriormente pela fala da entrevistada Maria Nobrega que quando “*apagava a lamparina as mães de família ficavam doida, tirava as fias do baile, entrava no baile pegava as fias tomava dos cabas,*

³¹ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

tirava pra fora com medo dos cabas agarrar”³². Eram regras que ditava o que podia ou não fazer, tanto durante as danças, como se comportar diante do público.

É importante frisar que Edileusa Dantas, nossa colaboradora de 57 anos, nos chama a atenção de como aconteciam as danças. Segundo ela, a forma como as pessoas dançavam era *“muito respeitada a gente dançava com os cavalheiros solteiros e casados”*³³. Ou seja, percebemos que a mulher sempre busca manter sua “honra”, seus valores, diante de homens mal intencionados. A diversão nesses espaços vinha rodeados de aspectos e condutas de comportamento de uma “moral feminina”.

Nossa entrevistada Edileusa Dantas busca representar seu passado enquanto um lugar de respeito, sempre caracterizando o seu tempo e essas festividades como um período que existia respeito. Vemos em sua fala um discurso moralizante e nostálgico, de momentos de descontração marcado por respeito entres seus frequentadores.

Mas, nem sempre era assim. Existia mulheres que fugiam dessas regras impostas, e que não eram todos os homens que possuíam comportamentos mais libertos com as mulheres. Cassia Maria descreve em seu relato oral que existiam diversos comportamentos durante as danças nessas festividades:

Tinha vários comportamentos. Tinha os que se comportavam com respeito, tinha os que gostavam de apertar, tinha os que na hora da dança já apertava mais e era aquela coisa, tinha vários comportamentos. Tinha os do respeito, totalmente respeito e tinha os que levavam aí no eito mesmo. Tinha a libertinagem.³⁴

Ao analisarmos seu depoimento em relação aos comportamentos entre os gêneros feminino e masculino, vemos que nesses “forrós” existiam os mais diferentes comportamentos. A mulher também inferia códigos de condutas que eram direcionadas a elas, como por exemplo:

Tinhas as que gostavam de dançar agarrado, tinhas as que não gostava, tinha todo tipo de mulher. Tinha amiga minha que ia só pra dançar agarradin. Podia ser com quem fosse.³⁵

Existia as mulheres que mesmo carregadas de atribuições de funções sociais do que é permitido e do que é proibido ainda assim fugiam dessas regras moralizantes. E são

³² Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima, 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

³³ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB.

³⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega, 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

³⁵ *Idem*.

nesses aspectos que iniciavam os conflitos entre gêneros nesses espaços de sociabilidade. A partir de ações de um poder masculino, como de resistência e quebra de normatizações por parte das mulheres.

IMAGEM 07: Crianças e adultos dançando o ritmo forró no ano de 1981 no Sítio Estrêlo, município de Pombal – PB.



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida do acervo familiar de Rosineide Oliveira Alencar.

A imagem reafirma o que já foi discutido anteriormente sobre o momento de sociabilidade ser acessível a todo o público, desde adultos, idosos até as crianças. Nessa imagem percebemos crianças de diferentes faixas etárias dançando nesses “forrós” no mesmo espaço que as pessoas adultas. Além disso percebemos aspectos como vestimentas e calçados.

1.4 Vestimentas

Convém lembrar das vestimentas usadas nessas festas. Nos discursos das entrevistadas percebemos algumas modificações em suas roupas ao longo do tempo. Nos anos que se seguem à década de 1960, as vestimentas femininas eram marcadas pelo uso de vestidos e saias rodadas para facilitar o movimento durante a dança. Maria Nobrega relata:

Ah, naquele tempo tudo era vestido, muié num usava calça não. Vestido de saia rodada, vixe maria! Quando pegava um cavalheiro bom chega a saia saía pro lado. Mandado fazer, naquele tempo ninguém comprava roupa não, era tudo mandado fazer.³⁶

Essas roupas eram elaboradas na própria comunidade. As mulheres compravam o tecido na cidade e produziam os vestidos para usar em eventos especiais. Esses vestidos eram chamados de “godê” por usar uma grande quantidade de tecido com o intuito de proporcionar um movimento mais fluido na hora da dança.

Tinha uns vestidos que chamava três saias, era cortado o primeiro babado aqui, aí franzia, aí cortava outro mais largo, franzia aí apregava nesse e cortava o derradeiro de baixo mais largo, franzia e apregava no outro, aí chamava de vestido três saia. Facilitava pra girar, as saias eram tudo larga, saia godê. Naquele tempo ninguém usava nada não. Muié mermo num usava calça não.³⁷

Edileusa Dantas reafirma:

Ah minha filha, as roupas, sabe o tempo que aquelas saias godê comprida, aquelas saias compridas, blusas de manga, num usava blusa de alça não era blusa de manga. Eu mesmo fui criada assim sabe. Minha tia fazia aquelas saias compridas, aqueles vestidos tudo de manga, eu não usava roupa costa nua nem uma saia curta, tinha que ir toda equipada sabe (risos) né como hoje não, que a maioria das jovens vão de short bem curtinho pras festas né? Ah minha fia, se eu tivesse um short curto eu levava um pisa (risos).³⁸

Nesse mesmo período surgia, nos Estados Unidos, o movimento feminista. As mulheres davam início a luta para romper um sistema de dominação masculina, inclusive no uso das roupas. As mulheres usavam calças antes mesmo do início desse movimento, mas percebe-se que nessas comunidades rurais do alto sertão paraibano essas modificações nas vestimentas chegam tardiamente se compararmos a outras sociedades, mais citadinas, ou em outros países.

³⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima, 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

³⁷ *Idem.*

³⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

Mas a partir de meados de 1970, as roupas das mulheres nessas comunidades passaram por modificações. Já é frequente o uso de calças jeans e camisas por mulheres. Os vestidos passam a ser mais curtos, além do uso de tênis. Percebemos essas características na fala da entrevistada Cassia Maria:

No meu tempo já era calça, muita calça comprida. Calça, blusa de manga passada o pano, a manga aqui meio braço, a blusa sempre estampada, era camisa, tipo camisa estampada, abotoada até aqui em cima no pescoço, de calça jeans e de tênis. No meu tempo já foi assim.³⁹

Já os homens se vestiam de calças jeans, camisas sociais e sapatos ou tênis. Mas também eram comum o uso de chinelas. Quando era um evento político, segundo Maria Nobrega existia homens que “vinha de palitô, os mais ricos, os senhores.”⁴⁰

IMAGEM 08: Casamento de Celina e Jailson, no sítio Riachão, município de Pombal-PB, no ano de 1987



FONTE: Autor desconhecido. Foto cedida do acervo familiar de Kássia Rejane Ramos de Sousa.

Na foto, observamos um registro de um evento em comemoração ao casamento do casal Celina e Jailson, ambos habitantes da comunidade Riachão. Notamos em suas vestimentas características da época, como as camisas social masculina, as roupas das crianças e das mulheres, que segundo as entrevistadas, eram confeccionadas na própria

³⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

⁴⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB. Quando ela fala em “senhores”, está se referindo aos homens de patente, ou políticos da cidade que frequentavam essas festas nas zonas rurais.

comunidade, e seus calçados em sua grande maioria na cor branca. Além de nos atentarmos para o ambiente em que foi registrado, como “os paus do pavilhão” as bandeirinhas, e se observarmos ao fundo da imagem vemos as “bancadas” elaboradas para acomodação das pessoas durante essas festividades, como já discutido anteriormente.

No entanto, vemos nos discursos das entrevistadas aspectos de suas vestimentas que também caracterizam a busca de uma moralidade, de uma honra mediante suas roupas. É perceptível a busca por cobrir os corpos femininos, em não usar roupas curtas. E nesse momento vemos que a mulher nesses espaços festivos deveria evitar ao máximo expor seus corpos, dançar com uma certa distância dos homens, ou seja, são vários os momentos que as mulheres deveriam seguir regras e normas de condutas pra evitar ferir a masculinidade do homem e preservar sua própria imagem.

Segundo Scott (1990) o estudo de gênero é fundamental para o entendimento das construções do que vem a ser o feminino e o masculino, quais são seus papéis criados perante a sociedade e suas implicações. Scott (1990) afirma que estudar e pesquisar sobre gênero é muito mais que falar sobre mulheres, nossas relações de gêneros são construções sociais que englobam tanto o homem como a mulher:

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. (SCOTT, 1990, p.75)

Ou seja, não adianta pesquisar e estudar apenas as subordinações das mulheres. É necessário entendermos como são estabelecidas essas relações de subordinação e dominação. Além de percebermos seus movimentos de resistências.

Diante da teorização sobre gênero, vemos que o objetivo da história das mulheres foi essencialmente evidenciar suas experiências em seus cotidianos. E esse campo de pesquisa nos possibilita entender a partir de um conjunto de valores e comportamentos direcionados as mulheres uma forma de como elas devem agir, seus modos, e conseqüentemente passou a instituir por meios como religiosos, culturais, educacionais entre outras, a instauração de práticas e condutas reguladoras do que vem a se constituir como uma mulher.

No período estudado, a sociedade era marcada pelo patriarcalismo, construção social onde o domínio das relações era centralizado na figura do homem. Essas

construções sociais foram estabelecidas afirmando uma superioridade masculina até mesmo nesses espaços de sociabilidade como o “farró”. Ou seja, existia a honra do homem, criação da imagem do homem atrelada ao macho viril, forte. E nesse local chamado pelas entrevistadas como “Pavilhão” percebemos ações desse patriarcalismo de forma demasiada presentes nesses momentos de descontração.

Muitos homens inseridos nesse sistema patriarcal agregado ao exagerado consumo de bebida alcoólica, sentiam-se no direito de realizar práticas abusivas e violentas tanto entre os homens, como com as mulheres. Pois o sistema patriarcal já é violento, abusivo. Exerciam esse poder como se aquele espaço fosse um local de liberdade, onde deveriam afirmar cada vez mais seu poder sob as pessoas, sob as mulheres, sob os corpos. Daí desencadeavam inúmeras discursões e conflitos.

Então notamos que são em diversos aspectos que essas construções do que vem a ser o feminino e suas formas de comportamentos, são frequentemente acionados nos relatos orais das entrevistadas, tanto na forma de dançar, de se vestir, na orientação recebida pelos pais, de como a menina/mulher deveria se posicionar diante do escuro, em espaços públicos. Isso corresponde a construção social do “ser mulher” em uma sociedade marcadamente patriarcal. E o não cumprimento dessas regras desencadeava em atos violentos e abusivos contra as mulheres dentro desses espaços de sociabilidades, o que será aprofundado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 03

Botequim e a dança: uma questão de gênero

Nos espaços festivos existia o “botequim”, local voltado para a venda de bebidas alcoólicas. Era o espaço onde as pessoas iam beber e o que hoje podemos considerar como o bar. Apenas os homens se dirigiam até o local, pois as mulheres não tinham o hábito de ingerir bebidas alcoólicas nesses espaços públicos. O local designado para o consumo de bebidas alcoólicas nessas festividades é um espaço masculino, mediante um discurso construtor sobre os papéis do feminino e do masculino. A mulher que se dirigisse ao local seria rodeada por discursos do masculino que a marcariam como mulheres que fugiam da regra social imposta.

A estrutura física do “botequim” era um local dentro do Pavilhão, produzido com madeiras retiradas da própria vegetação. Ficava um homem dentro desse espaço responsável por vender essas bebidas durante a realização das festas, uma espécie de garçom. E os homens se dirigiam ao local para comprar e consumir a bebida. Era o local onde mais ocorriam brigas nos forrós, pois os homens consumiam excessivamente bebida alcoólica. Nossa entrevistada Edileusa Dantas, retrata um pouco sobre esse espaço:

botequim era feito assim: tipo uma faxina, [...] eu alcancei feito faxina, cercada de cerca mesmo numas varas, aí o pessoal pedia por cima dessa faxina, aí iam beber e num tinha cadeira não, tinha que beber em pé bem pertin do botequim, chamava o botequim num era o bar não, era o botequim.⁴¹

As bebidas alcoólicas presentes nesses forrós eram geladas na areia. Frequentemente aguava-se a areia, servindo para resfriar as bebidas que variavam entre cervejas, cachaças e licores. Rosália Alves de Oliveira Silva, 67 anos, entrevistada que viveu toda sua juventude na comunidade Riachão e atualmente reside na Bahia, relata sobre as bebidas existentes nessas festas:

Oh minha fia, é, era todo tipo de bebida, era, era cerveja, tinha pinga, tinha toda bebida, [...] tinha cachaça, essa pitú, cerveja, conhaque, cortesã, jurubeba, menta, menta tinha, e licor.⁴²

Percebemos em seus discursos que o consumo exagerado de bebidas alcoólicas ocasionava discussões e conflitos nesses momentos de lazer, e conseqüentemente atos

⁴¹ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

⁴² Trecho da entrevista oral concedida por Rosália Alves de Oliveira Silva, 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 26 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

violentos. Ao ingerir bebida alcoólica em excesso, os homens passam a terem alterações em suas formas de agir, atrelado aos fatores impostos das estruturas sociais do sistema patriarcal e machista, alguns desenvolvem comportamentos agressivos, que nesse caso, contra as mulheres.

Percebe-se ao longo das realizações das entrevistas que as festas são espaços de atuação do masculino, da afirmação de uma superioridade dos homens. A violência é parte desta masculinidade e a mulheres estão integradas a estes valores masculinos, seja em seu comportamento, seja nas disputas entre homens para consentimento nas danças.

Esses comportamentos agressivos aconteciam em dois momentos: brigas por motivos do uso de álcool entre os homens e por causa da honra do homem em relação às danças. Ambos os aspectos estão interligados e os que abordarei posteriormente.

Do ponto de vista de Cassia Maria, um dos motivos que desencadeavam as confusões eram:

A bebida, muita bebida. Muita cachaça porque o que mais tinha era a cachaça. Eles ficavam lá aquele monte de homem no pé do botequim, o botequim era um cercadinho, a faxina ficava o vendedor pra dentro da faxina e outra turma pra fora, aí ali tinha muito. Ali tinha cachaça menino [...] aí briga por conta de corte, por tudo. Vários fatores.⁴³

Notamos em seus discursos uma padronização em suas falas como o espaço do “botequim” sendo um local do masculino. Pierre Bourdieu (2002) em sua célebre obra “A dominação masculina”, descreve essas construções da estrutura de pensamento a respeito da elaboração dos papéis femininos e masculinos. Ele vai chamar de violência simbólica as estruturas de pensamentos enraizadas em uma sociedade. A dominação masculina nesses espaços festivos se legitima a partir de práticas de violências que nos discursos das entrevistadas aparece até de forma suave e muitas das vezes até de forma imperceptível, impensadas, pois a todo instante suas criações, a educação no âmbito familiar e demais instituições reguladoras reafirmam e legitimam seus comportamentos como corpos docilizados, que são naturalizadas desde a infância, e consequentemente desencadeia como formas de conceber o mundo.

Bourdieu (2002, p. 17) afirma essa naturalização das construções sociais do “ser” feminino e masculino:

⁴³ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

E nesse aspecto, Bourdieu (2002) apresenta que essas construções sob os gêneros foram constituídas como uma dicotomia, o feminino em oposição ao masculino. São impostas limitações e disciplinarizações que reduz o papel da mulher perante a sociedade. A produção dos discursos e das ações, são elaboradas e reproduzidas nessas comunidades. Sob o ponto de vista Joan Scott (1990, p. 75) percebemos que:

O termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

Nessas comunidades o papel masculino era de ser o homem casado, responsável por trabalhar e prover a alimentação da família. Era o chefe da família. Nenhuma decisão era tomada em seu cotidiano se não fosse aprovada pelo marido/pai. Em síntese, Bourdieu (2002) vai afirmar que são símbolos enraizados que tanto os homens como as mulheres legitimam e naturalizam os códigos e normas direcionadas a cada gênero. Nesse caso a mulher é o símbolo da docilização, da infantilização mediante a forma de se comportar, de agir, a forma como devem ser tratadas. Enquanto os homens desde a infância são educados a conquistar espaços, a ser o símbolo da força física, da coragem, da virilidade. São ensinados a serem autoridades, chefes e detentores do poder e da "honra" masculina.

Bourdieu (2002, p. 18) destaca os papéis atribuídos a cada gênero:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.

Nesses espaços festivos não é diferente. A pesquisa evidencia diversas práticas que afirmam esse discurso. Aprofundando ao tema das danças, esses momentos de lazer e descontração geram nos indivíduos sentimentos de euforia, de liberdade e em vista disso, os homens muitas das vezes sentem-se no direito de exercer poder sobre os corpos femininos. Consequentemente vemos a naturalização em seus discursos sob as práticas de dominação masculina mediante ao momento festivo.

Esses discursos são afirmados e impostos mediante as construções sociais e a partir das diferenças biológicas entre os sexos, que ambas contribuíram para o enraizamento e consolidação da dominação masculina em várias vertentes femininas, não apenas em seu corpo, mas na sua concepção de se perceber como “seres inferiores”. Bourdieu (2002, p. 20) enfatiza em sua obra que essas diferenças justificam essas relações de poderes, entre dominação e submissão:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Em contato com os relatos orais, as entrevistadas deixam pistas de como as mulheres deveriam se comportar no momento da dança. A todo tempo percebemos a presença de códigos sociais que as mulheres deveriam respeitar em razão de não ferir a masculinidade do homem.

Este será nosso objeto do terceiro capítulo, procurar analisar os comportamentos entre homens e mulheres, suas relações e, conseqüentemente, os numerosos conflitos durante essas festas. Entender melhor como era essa sociedade patriarcal, as imagens e códigos sociais que compõem os valores e institui os papéis do feminino e masculino nesse período pesquisado.

1. O “corte” e a negação ao homem

O que chama mais a atenção nesses espaços é a presença da expressão “corte” em todos os relatos das entrevistadas durante as danças. Mas então, o que seria essa expressão “corte”?

No momento em que o sanfoneiro iniciava o forró, também dava início as danças. Nesse momento é onde reside minha maior inquietação diante do tema pesquisado. Como já vimos no capítulo anterior, dançavam homens, mulheres e crianças. Mas nos voltaremos para as relações entre os gêneros feminino e masculino, onde os homens ou “cavalheiros” como frequentemente é chamado pelas entrevistadas, convidavam as mulheres a dançarem. Existia um ritual que funcionava como uma obrigatoriedade às mulheres aceitarem o convite para a dança.

As mulheres poderiam negar a dança com os homens que estivessem alcoolizados, ou homens considerados “enxeridos”, isto é, que não respeitassem o distanciamento social com as mulheres durante as danças. Ou seja, podia-se negar o forró àqueles que rompessem com os códigos de comportamento social. Percebemos no discurso de Edileusa Dantas esses aspectos:

Negava sim, po as vezes tinha bêbado aquele homem bêbado sabe, caindo por cima da pessoa, aí chamava eu pra dançar, aí eu dizia: nam essa parte eu não vou dançar não, vou dançar essa parte não. Porque tinha homem que além de bêbado era inchirido, tá entendendo? Não queria dançar com suas esposas, eu remendava e não dançava aquela parte.⁴⁴

É perceptível em sua fala que não existia uma padronização no perfil dos homens. Existiam homens solteiros que tinha comportamentos considerados mais “libertos”, isto é, abusivos; como também existiam os homens casados que tinham intenções de aproximação física com as mulheres durante as danças. Edileusa ainda reforça esse aspecto em seu relato:

Tinha gente até mesmo solteiro eu não gostava de dançar com rapaz inchirido, tá entendendo? Porque tinha deles que era muito gabola, só dançava e dizia o que fazia e não fazia, no outro dia saia dizendo. Eu não gostava de dançar com esse tipo de gente.⁴⁵

Quando a entrevistada diz a expressão “gabola”, ela se refere aos homens que tinha comportamentos abusivos na hora de dançar, que poderia ser da sua fala, com expressões que eram desconfortáveis, que inferiam o direito e faltavam com o respeito às mulheres, ou na prática de gestos obscenos durante o movimento da dança.

Cassia Maria relata os motivos que as mulheres alegavam não querer dançar com algum homem nessas festas:

Eu acho assim, pelo motivo deles agarrar, por se esfregar nelas, se agarrar mesmo e outra, bêbado, casado, era sempre esses motivos. Tinha muito inxiridos.⁴⁶

O “corte” acontecia quando o homem convidava a mulher para dançar uma música e a mulher, pelos motivos citados acima, se negava a dançar com aquele “cavalheiro”. Mas se durante a mesma música outro homem também a convidasse para dançar e ela aceitasse, estaria realizando o “corte”. Chamava-se “cortou o cavalheiro” e diante disso iniciavam-se os conflitos como agressões físicas, tanto entre o homem que tinha sido

⁴⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

⁴⁵ *Idem.*

⁴⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

rejeitado e o homem com quem a mulher aceitou dançar, como as mulheres também eram agredidas fisicamente, verbalmente, oprimidas e constrangidas em público.

No relato oral, Rosália Alves enfatiza o que era o “corte” e como era visto em sua época as relações de gênero durante as danças nas festas:

O corte é, você por acaso o cara me chamava, eu não ia, aí eu ia com outro, aí era o corte, tava cortando aquela pessoa que me chamou primeiro. Aí aquele que me chamou primeiro eu não fui com ele, fui com outra pessoa, ele achava que eu tava desfazendo dele né? Tava se desfazendo dele.⁴⁷

Mais uma vez percebemos em seus discursos a legitimação de um sistema de dominação masculina sobre as mulheres. A todo momento vemos em suas falas a preocupação em manter a ordem social e a integridade da “honra” masculina e sua virilidade, além do temor das mulheres em romper com esses códigos morais e consequentemente ficarem mal vistas ou mal faladas.

Nesse aspecto, Bourdieu (2002) reforça:

virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto equidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual. (BOURDIEU, 2002, p. 20)

Segundo Maria Nobrega, alguns homens infligiam o respeito às mulheres com frequência nessas festividades. Entretanto, nesse período e nas comunidades estudadas, ao dançar com os corpos aproximados demasiadamente e consequentemente os homens tivessem uma ereção, era comentado pela comunidade como um comportamento impróprio para o espaço destinado a descontração de todo o público.

Respeito toda vida existiu, e falta de respeito também toda vida existiu. Eu via Zé Pereira, meu tio, um dia chegou na casa véia ali, na sala da casa véia, a gente tinha ido um baile de noite, eu num lembra, que eu era mais nova, num lembra mais não. Aí ele tava mais mãe, pai, tudo conversando, relatando as coisas do baile aí Zé Pereira disse “mas tinha caba com a espiga de mie no bolso dançando”, aí mãe: “crie vergonha Zé Pereira! Você num ta vendo a menina aí não?”. A espiga era que tava armado né, aí ele disse: “tá, é a espiga de mie no bolso!”, aí botou a mão mesmo assim pra despistar. Tinha os mais saídos e tinha os mais quietos, que respeitavam.⁴⁸

Interessante atentarmos para o relato e entender que a expressão “*espiga de mie no bolso*”⁴⁹ possui uma ambiguidade ao fazer referência a espiga de milho com o pênis

⁴⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Rosália Alves de Oliveira Silva, 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 26 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

⁴⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima, 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

⁴⁹ *Idem*.

do homem ereto. Ou seja, criam-se códigos de linguagem e expressões para comentarem e se referirem a essa violência simbólica, aos comportamentos “libertos” de alguns homens com as mulheres.

Percebemos também no discurso dos pais e do tio de Maria Nobrega que não eram apenas as mulheres que seguiam uma disciplinarização dos corpos. Os homens também passavam por esse processo. Mas observamos que o olhar da disciplinarização recaía e prevalecia especialmente sobre a mulher, numa análise social para não realizar determinadas ações e condutas para não “provocar” o desejo aos homens. De acordo com Bourdieu (2002, p.23) o homem naturalizou “até tirar partido do estado minimizado do sexo masculino para afirmar a superioridade do sexo feminino”.

O título da música do Trio Nordestino (1997), “Forró desarmado”, a frase “O senhor tá dançando armado” remete-se também a essa ambiguidade, tanto por ser presente na sociedade homens frequentando essas festividades armados com armas de fogo ou facas. Como a partir do contato com os relatos dos moradores dessas comunidades em relação a abusos sexuais durante as danças, entende-se que o “dançar armado” descrito na música aparece como uma forma de denúncia de atos desrespeitosos dos homens com as mulheres.

*“Pode dançar a noite inteira, até amanhecer o dia
Por que a nossa brincadeira, é uma eterna alegria
Mas o senhor não tem respeito, é um homem mal educado
Sabe que não é de direito, o senhor tá dançando armado
O senhor tá dançando armado, o senhor tá dançando armado
O senhor tá dançando armado, nós vamos dizer pro delegado*

*Todo mundo se desarmou, prá poder dançar com mais jeito
A mulherada até que gostou, achou isso muito bem feito
Só o senhor tá desconforme, então vai ser logo encanado
Porque a polícia não dorme, e nós vamos dizer pro delegado
O senhor tá dançando armado, o senhor tá dançando armado
O senhor tá dançando armado, nós vamos dizer pro delegado⁵⁰”*

Na primeira estrofe, podemos perceber que a composição da música faz referência a descontração como uma brincadeira, um momento de lazer como se ocorresse tudo na normalidade e que poderia encerrar apenas ao amanhecer do dia. Além de chamar a atenção para o senhor que não tem respeito, possivelmente com as mulheres por estar

⁵⁰ TRIO NORDESTINO. **Forró desarmado**. Os rouxinhos da Bahia. Gravadora Copacabana, 1978.

dançando armado, que nesse caso pode ser armado de revólver ou fazendo referência ao pênis ereto. E ambos remetem às formas de violência masculina no forró, e em seguida avisando que vai denunciar ao delegado por esse homem estar rompendo com os códigos sociais.

Na segunda estrofe a música fala que as mulheres gostaram da nova regra, dos homens dançarem desarmados, e que esse tipo de comportamento não é mais aceito diante daquele momento de festividade. A música foi lançada posteriormente ao período histórico em que essa pesquisa analisa as relações sociais e de gênero nesses “forrós” como momento de lazer. E não deixa de ser uma representação das formas de violência masculina nos espaços festivos da comunidade.

Ao relacionarmos os relatos orais e mediante o estudo da teoria de Pierre Bourdieu (2002), entendemos o significado da violência simbólica como a naturalização de uma imposição e submissão das práticas femininas. Quando indagado às entrevistadas se elas poderiam se negar a dançar, percebe-se uma dualidade em suas falas. As mulheres até poderiam se negar, mas ao mesmo tempo, com receio de se envolverem em uma polêmica, sofrerem violências, abusos físicos e psicológicos, elas aceitavam dançar, mesmo que contra a própria vontade, por medo de julgamentos ou desentendimentos.

O medo em negar a dança, assume como uma forma de violência. A mulher não tem outra saída, a todo momento é violentada em suas escolhas, seja no momento que aceita a dança, ou no momento da negação.

Maria Nobrega relata ao ser questionada se as mulheres eram obrigadas a dançarem:

Era, se ela tava dançando no baile, era! Chamou, ia. Se não fosse já fazia a confusão. Tinha deles que não dizia nada, e outros ficavam pastorando no aceiro do pavilhão, se ela saísse com outro, aí.. na mesma música, já na outra parte num era mais cortado. É só naquela que ele chamou.⁵¹

Se a mulher aceitasse dançar com outro homem, era tido por essa sociedade patriarcal como uma ofensa à masculinidade e à honra do homem. Ele afirmava-se como o macho viril que detinha poder sobre as relações, sobre as mulheres e seus corpos. As mulheres a todo momento deveriam seguir regras que não rompessem os códigos morais masculinos, e principalmente aceitar as imposições das ações sociais sobre seus corpos.

⁵¹ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

É isso que Bourdieu (2002) caracteriza como violência simbólica: aquela estrutura de pensamento; e nos casos aqui apresentados, das práticas que são instituídas, aceitas e inquestionáveis. As mulheres naturalizaram esse discurso, e são repassados por gerações como a forma correta de agir perante o homem. A exemplo dessa afirmação vemos um trecho dos ensinamentos que a mãe da entrevistada Cassia Maria aconselhava:

quando saia de casa mãe dizia: “não nega a dança” (risos), “não nega a dança mode a confusão”. Pra evitar a briga né?⁵²

1.2 Violência física e simbólica

Em relação à violência no Brasil, esse é um tema ainda mais presente nos debates de políticas públicas, pois o discurso sobre violência, segundo Alba Zaluar (1998, p. 246):

Passou a fazer parte das conversas cotidianas na casa, na rua, na escola, nos estabelecimentos comerciais, nos jornais, nas rádios, em todos os canais de televisão, nos inquéritos e processos judiciais, onde quer que se comente o que acontecia e o que poderia acontecer.

O conceito de violência tem sido usado de forma banalizada, esquecendo-se das estruturas que ocasionam e justificam tais práticas. É aquilo que Alba Zaluar (1998) apresenta como um discurso de caráter ideológico onde “o adjetivo violento é utilizado sistematicamente para caracterizar o outro” (ZALUAR, 1998, p. 248). No entanto, sua visão acerca da violência prioriza esse discurso através da mídia, mostrando seus efeitos e os números de violência em diversas áreas.

Assim, a violência contra as mulheres dentro desses espaços de lazer acontecia mediante as mulheres quebrarem as regras impostas sobre não poder dançar com outros homens, caso tivesse rejeitado o primeiro homem que a convidou. Vemos que existiam mulheres que não concordavam com essas imposições e aceitavam o convite para dançar com outro. Entretanto, nesse momento o homem rejeitado sentia-se “ofendido” por ferir sua “honra” e sua “masculinidade” e havia perdido a “dama” para outro homem.

Baseado nesses discursos de superioridade, da manutenção da “honra” masculina que Bourdieu (2002) afirma ser naturalizada por ambos os gêneros a disciplinarização dos corpos. A elas estava atrelada a normatização de não se negar ao homem. E isso foi se enraizando nas construções sociais e como percepção de mundo tanto para essas

⁵² Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

mulheres que eram oprimidas, como para os homens que cada vez mais afirmavam essa superioridade sob as mulheres.

Através do relato oral de Edileusa Dantas percebemos essa naturalização, mesmo ela não tendo presenciado tal violência contra a mulher nesse momento de negação ao homem. Sua tia usava o caso de uma moradora da comunidade de Estrêlo, que havia sofrido violência por realizar o “corte”, como exemplaridade de como não agir:

minha tia contava muito e quando a gente ia pra as festas, ela dizia “olhe não corte cavalheiros, porque a filha de Corma, irmã de Cícero de Dalva, é Ana de Corma uma vez cortou um cavalheiro e foi dançar com outro, quando ela foi passando o cara meteu a mão na cara dela, puxou ela, deu uma mãozada na cara dela, botou ela pra sentar e falou: “aqui hoje você não dança mais, e ela não dançou mais não. Porque ela tinha cortado ele e não podia dançar com outra pessoa. Ela não dançou e foi dançar com outra pessoa, aí ele se sentiu ofendido né? Aí ele deu na cara dela, deu na cara dela! Botou ela pra sentar, amanheceu o dia e ela não dançou mais com ninguém. A minha tia sempre falava isso para nós.⁵³

A negação a um homem vem atrelada ao castigo do feminino: não dançar. Aceitar outro convite para aquela música seria uma ofensa à masculinidade do primeiro galanteador. Isso é uma forma de violência sobre o feminino.

Conhecemos outro relato de uma agressão física a uma moradora da comunidade Juá após realizar o “corte” no cavalheiro que a tinha convidado a dançar. Maria Nobrega também relata que não presenciou a cena, mas que esse caso repercutiu em todas as comunidades. A entrevistada fala que as mulheres podiam cortar, que inclusive existiam em grande quantidade mulheres que “cortavam” os homens. Era uma prática frequente:

Cortava bastante, tinha delas que cortava e era muito. Agora só não saia naquela parte pra evitar confusão. Quando começava na outra parte em diante ela podia dançar, agora tinha cavalheiro que era nojento, como Antoin Branco fez com Rubenita, é o único caso que conheço que via Zé Pereira mais Amélia contar. Ela cortou esse Antoin Branco, ele convidou ela pra dançar, ela disse que não ia, aí saiu com outro, aí também ele só fez avuar no cabelo dela e levou pra cozinha e disse que ela ia passar a noite na cozinha e num saia mais lá fora. Num passou porque Amélia mais Zé Pereira pegaram ela e foram se embora com ela.⁵⁴

Os moradores seguiam o código do patriarcalismo. Um patriarcalismo que legitima as ações e imposições cotidianas sobre a mulher através de construções sociais,

⁵³ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

⁵⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima, 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

culturais e representações da supremacia masculina: o poder do homem em diversos aspectos na sociedade.

Maria Nobrega também relata que sempre existiu esse medo em negar a dança a algum homem, embora seus pais nunca a permitisse dançar pelo motivo de não deixar sua única filha se envolver em confusões ou ficasse “falada” (marcada em sua honra feminina) mediante a sociedade. Ao ser questionada se existia uma forma de conduta de como dançar, ou se seus pais consentiam que ela dançasse durante essas festas, Maria Nobrega descreve:

Não! Não era em todo canto não. Eu dançava alguma parte, eu não era moça dançadeira de forró não. Eu dançava alguma parte, com alguma pessoa conhecida. Pai mais mãe nunca consentiram eu dançar não. Ora no casamento da fía de Chico Cãindo, foi obrigada ar menina ali da Pedra Branca pedir de dia, pra deixar eu dançar, que eles não queria deixar eu dançar. Eu dancei depois que casei. Tempo de solteira não.[...] Quando eu ia pra o forró era só olhar, eu ia só olhar, eu num dançava muito não. Eu não dançava porque meus pais não deixava, num era porque num quisesse não. Vontade tinha, ora mais se tinha. Quê que eu ia ver no forró e passar a noite todinha de braço encruzado no aceiro do pavilhão olhando os outros dançar. Coisa sem graça! Quando eu casei que comecei a dançar com Rosil, ai nós dançava.⁵⁵

Em sua fala, ao dizer que ela “*não era moça dançadeira*”, implica dizer que nesse período, década de 1960, existiam outras mulheres que tinham o hábito de dançarem e não serem reprimidas pelos pais, eram mais livres para dançarem. Mas vemos que seus pais controlavam sua filha para não dançar, baseado em exemplos de outras mulheres que eram mais “libertas” para dançarem. Pois a dança, nesse momento, assumia a função de uma expressão corporal perigosa para colocar a “honra” dessas meninas em risco. Os pais buscavam evitar o despertar, nessas meninas, de uma libido, o considerado perigoso desejo do contato físico durante os movimentos nas danças, por ser visto como algo errado.

Ainda ao analisamos esse relato, percebe-se que a entrevistada tinha o desejo de dançar, que não fazia sentindo ir a um forró e não dançar, pois esse era o objetivo das festividades realizadas nessas comunidades. Mesmo ela tendo essa vontade de dançar, a dança era reprimida por dois fatores: primeiro por colocar a sua “honra” em risco; e de toda sua família sofrer com os comentários sobre sua reputação social, sobre sua dignidade como mulher casta e religiosa. E em segundo, devido ao temor dos homens dançarem “armados”, com “corpos colados”, provocadores do desejo. As mães poderiam

⁵⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

reprimir suas filhas, ainda, pelo fato da manutenção de sua “honra”, isto é, do não despertar o desejo de uma sexualidade nas próprias filhas por estarem carregadas do estigma da “pureza”, direcionada a casar e se relacionar apenas com um homem. Era esse o modelo de sociedade reproduzido e controlado dentro do pavilhão.

Já durante a década de 1970 e 1980 percebe-se uma modificação nessas relações. Mas ainda permanecia o medo do “cortar” devido aos relatos das comunidades da existência de um passado de violência contra as mulheres nessas festas, fosse física ou simbólica. Vemos nos relatos das entrevistadas que os pais já permitiam suas filhas dançarem, mas os modelos de comportamento ainda continuavam os mesmos. Rosália Alves, por exemplo, nos conta sobre seus pais permitirem que ela dançasse:

Não, eles se importavam não, só que era assim, tinha canto que eles não queria que eu fosse, nem queria deixar eu ir. Tinha canto que eles não queria que eu fosse e eu teimava e ia. Pai num se importava muito não, era mais mãe [...] falava pra ter cuidado pra não caçar briga, pra não ter confusão, dançar com os cavalheiros direito e respeitar os cavalheiros.⁵⁶

Esses modos de valores no sertão mudam de uma família para outra, de uma comunidade para outra. Num período de dez anos conseguimos perceber a mudança desses comportamentos, dessas formas de conduta. Mas isso não implica dizer que na década de 1970 os códigos sociais do forró eram livres para todas as mulheres. Elas ainda estavam rodeadas pelo discurso da honra e do pudor. Porém algumas famílias já davam uma maior liberdade às suas filhas. Não existe uma ruptura significativa, são mudanças sutis e lentas ao passar dos anos.

Então vemos uma caracterização para a dança. Ela passa a ser tida como algo que pode arriscar a “honra” da mulher e pô-la em perigo. Dançar com homens com os quais elas não estão comprometidas é uma ameaça à virilidade do noivo ou do marido, assim como dever-se-ia evitar a todo o momento colocar em risco a pureza e a imagem da mulher. Assim, os pais e as mães reprimem esse desejo das filhas de poderem dançar com quem e como elas desejavam. É um corpo que está sendo docilizado pelos discursos, disciplinadas a aceitarem as imposições com o objetivo de manter aquela identidade de mulher “honrada” e casta.

As relações de gênero nesse momento estão imbrincadas nas relações sociais. Elas são determinadas dentro das casas, nas relações familiares, ou em espaços de lazer como

⁵⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Rosália Alves de Oliveira Silva, 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 26 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

nas danças do Pavilhão. Essas relações se estendem, portanto, para dentro do espaço do Pavilhão. Foi construído todo um sistema de valores, de dominação, de condutas que devem ser seguidas, definindo e ditando os papéis das mulheres, com quem e como as mulheres poderia dançar nesses forrós.

É isso o que Joan Scott (1990) conceitua como gênero: as construções que ditam como as relações sociais devem acontecer. Elas moldam a família, as posturas, as condutas do homem e da mulher dentro do Pavilhão. Scott (1990) afirma que essas relações de gênero só podem ser entendidas ligadas às relações de poder, às relações políticas.

De acordo com Camurça (2007, p. 20), existem mecanismos que sustentam e legitimam o sistema de dominação característico do sistema patriarcal:

1. A prática da violência contra as mulheres para subjugar-las; 2. O controle sobre o corpo, a sexualidade e a vida reprodutiva das mulheres; 3. A manutenção das mulheres em situação de dependência econômica e 4. A manutenção, no âmbito do sistema político e práticas sociais, de interdição à participação das mulheres. (apud FEITOSA, LIMA e MEDEIROS, 2010, p. 04).

O sistema patriarcal se consolidou na afirmação da ideologia de dominação e superioridade masculina perante a mulher. A sociedade em que vivemos é masculinizada. E nos espaços de diversão não é diferente, são espaços sexistas, da visibilidade do masculino, em que as mulheres são parte integrada para reforçar este lugar de poder do homem.

Nos relatos das entrevistadas sempre foi citada uma prática de violência contra a mulher que assusta por se impor ao coletivo. Cassia Maria, ao descrever que sua mãe frequentou vários “forrós” e que presenciou diversas brigas e violência contra as mulheres durante essas festividades, conta que:

Quando minha mãe falava pra mim que na época que ela ia os forrós tinha violência física, tinha puxão de cabelo, tinha ameaça de cortar o cabelo da moça, tinha de botar ela lá num canto a noite todinha e ela não saia mais de lá, sentada numa cadeira lá fora o tempo todinho. Com minha mãe mesmo aconteceu, ela falava pra mim que aconteceu. Ela nem dançava, que ela nunca dançou, mas por conta da irmã dela as três teve que passar a noite ali sentadinha sem sair do canto. A irmã dela cortou um cavalheiro e ele botou ela lá e elas três sem ninguém sair, mesmo mãe nunca ter dançado.⁵⁷

⁵⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal -PB.

Em seu relato, notamos os dois tipos de violência em uma única fala. Primeiro quando a colaboradora retrata que existia violência física como “puxão de cabelo” e ameaças de “cortar o cabelo da moça”. Nesse depoimento entendemos que o cortar o cabelo como castigo por se negar a dançar com algum homem, era uma forma de ferir um símbolo de feminilidade dessas mulheres. Seria uma agressão tanto física, como simbólica, fazendo com que a mulher se sinta humilhada perante a sociedade ao cortar aquilo que as mulheres tinham como símbolo do feminino, ou seja, os cabelos longos.

São criados estigmas sob a imagem da mulher, tanto em relação às suas vestimentas, seus comportamentos, e como nesse caso, sobre seu signo de beleza. O cabelo feminino sempre foi ligado à imagem de um cabelo grande, simbolizando a sensualidade da mulher. Nisso vemos as criações dos papéis sociais do que vem a ser o gênero “feminino”, suas construções como a mulher sendo símbolo de beleza e de sensualidade. E cortar o cabelo dessas mulheres era uma forma de oprimir, intimidar, e principalmente diminuir a sua autoestima. Mais uma vez firma-se a violência sob diversas vertentes, sejam elas simbólicas, psicológicas e físicas (sexuais).

Outro aspecto que desperta interesse por entender essas práticas abusivas, era o fator que se uma mulher cortasse um homem na dança, as suas irmãs que não realizaram o “corte” também sofreriam consequências. Esta prática torna-se uma forma de exemplaridade para as demais mulheres não cometerem o mesmo “erro” que ela. Além disso, vale salientar que era frequente os homens andarem armados, principalmente com armas brancas, nesse período estudado, aumentando o temor das violências físicas e ameaças do corte de cabelos com facas, chamada pelas entrevistadas de “peixeira”.

Edileusa Dantas relata em seu depoimento como era comum os homens se dirigiam a essas festas armados:

Ah minha fia, andava, quando não era com revolve, era com uma faca e puxava na briga. Nos baile quando tava tudo embriagado brigava de faca, outros puxava o revolve ai já ia aquela equipe e tomava o revolver, já tomava a faca. Eu vi muito, corri muito, corri quando puxava um revolve ou uma faca eu perna pra quem te quer! (risos).⁵⁸

Nessas festas, não é relatado a presença de polícia para preservar a ordem ou proteger essas mulheres de violência. Quando ocorriam brigas, os próprios frequentadores eram os que se encarregavam de apaziguar os conflitos. Mas nos atentamos para a fala da

⁵⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

entrevistada Maria Nobrega, ao relatar sobre como os pais reagiam quando viam suas filhas sendo agredidas:

Ah, tirava pra fora, tirava pra fora e num deixava mais dançar. Outros iam se bora. Era difícil eles brigarem, era mais fácil a mãe, porque de primeiro quem mais, nesse povo de idade quem mais ia pra o baile com as fias era a mãe. Olhe quando começava dá briga em baile, a mãe, só só via a mãe no meio do pavilhão catando as fias, as filhas e as outras vizinhas que tinha ido com ela e tirava.⁵⁹

Percebemos que quando eram as mulheres que eram agredidas ou entravam em conflitos, os pais evitavam se envolver nas brigas, pois podemos entender que aquela agressão era justificada, pois os discursos dessa sociedade patriarcal giram em torno da ideia de quem errou foi a mulher que disse o “não” ao homem.

Vale salientar, que as mães acompanhavam as filhas às festas. Elas eram a própria vigilância da honra da família. As mães eram responsáveis por exercer o papel de garantir o olhar panóptico e disciplinar, pois, caso as mães fracassassem na missão de proteger essa honra, elas carregavam a responsabilidade pela mácula na família.

1.3 “Quando a dama corta o cavalheiro”: uma forma de resistências e fugas femininas

“Cabe ressaltar, que se, por um lado, o patriarcado coloca, ao longo da história, em mãos masculinas o poder, por outro, encontra o seu antagonismo na resistência das mulheres feministas.” (FEITOSA, LIMA e MEDEIROS, 2010, p.01). Vemos nos discursos das entrevistadas que o sistema em si era extremamente abusivo com as mulheres nas relações sociais e de gênero. Mas existiam mulheres que não aceitavam essa dominação masculina no momento de dançar.

Existiam a presença de mulheres que corriqueiramente “cortavam” os “cavalheiros” ao dizer que não iriam dançar com eles naquela música. E a partir disso eram criados meio estratégicos para evitar confrontos e, conseqüentemente, abusos físicos e até mesmo sexuais. Essas resistências não possuíam a mesma conformação de movimentos feministas em busca por direitos iguais e dignidade perante a lei, ou na luta

⁵⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Maria Nobrega Lima. 75 anos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

por espaços no debate político. As mulheres aqui estudadas possuíam ações mais imediatas, ao fugirem de abusos e violências no momento de descontração.

Faz necessário evidenciar que mediante os relatos orais das entrevistadas, percebemos a ausência de uma reação mais ativa das mulheres diante das violências sofridas. As mulheres sempre apareceram no lugar de submissão, obedecendo as ordens e imposições de uma sociedade patriarcal. Ou seja, não existiam mulheres que contestavam essas violências.

A entrevistada Edileusa Dantas descreve que não concordava da mulher se negar a dança e na mesma música dançar com outro. Para ela, não era uma prática aceitável para se realizar com um homem. Edileusa relata:

Eu não achava não, porque na minha época eu não achava normal por causa que poderia dar uma confusão, eu nunca gostei sabe, eu me assujeitava a dançar com todo mundo sabe, menos com o bêbado, com o bêbado eu não dançava não. Quando ele vinha pro meu lado eu já ia lá pra o escurin pra ninguém me ver. Aí quando terminava aquela parte aí eu voltava pra o Pavilhão e dançava com outra pessoa, aí também tinha essa questão: era Gilson de Assis Birú, era na minha época, Gilson, Naldo de Maroli, esses meninos da minha época num sabe, aí pro bêbado não chamar mais a gente já pegava na mão dos meninos “vamos dançar” a gente mesmo chamava o cavalheiro, com os conhecidos né?⁶⁰

Em sua fala compreendemos que o corte, se apresenta como uma fuga para evitar constrangimentos. Notamos que ao negar uma dança, ela se escondia em pontos pouco iluminados do Pavilhão para evitar ser vista por outros homens e não aceitar outro convite durante certos momentos do forró e, assim, desviar de uma possível confusão. Seria uma submissão a dominação masculina, em decorrência do temor que essas mulheres tinham de se envolverem em confusão.

Um outro meio de escapar da obrigatoriedade em dançar com homens não desejáveis, a colaboradora Edileusa relata que chamavam os amigos mais próximos para dançar, mesmo contrariando a regra social comum nessa época: o homem era quem convidava a mulher. Ela cita que as próprias mulheres convidavam os amigos mais íntimos para dançar devido o receio que elas tinham de serem chamadas por homens “bêbados e enxeridos”, e assim evitar de serem assediadas.

Rosália Alves reafirma a fala de Edileusa:

⁶⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

[...] Tinha umas que se escondiam, tinha outras que ficavam com medo e não ia. Entrava pra dentro de casa e ficava lá dentro escondida pra o cara não chamar ela pra dançar, por que tinha uns que eram muito persistentes, ficavam insistindo pra pessoa ir.⁶¹

A todo instante esses espaços que agregam as festividades ofereciam riscos às mulheres. Riscos de serem agredidas, violentadas, como o risco de ficarem mal vistas diante dessa sociedade patriarcal. Em seus relatos, vimos aquilo que Bourdieu (2002) discute como a instituição de um sistema de pensamento que vai se enraizando nas relações, na mente das próprias mulheres que eram agredidas, pois em seus discursos é quase que uma regra as mulheres não verem essas práticas violentas como uma ação que fere sua integridade.

Mas ao mesmo tempo vemos no relato oral de Cassia Maria, em relação como ela compreendia as mulheres que realizavam o “corte”, como uma forma de se impor perante um sistema de dominação e superioridade masculina:

Ai, eu achava o máximo (risos), eu achava bonito porque era a forma dela dizer que não tava gostando daquilo, eu achava toda vida. Eu concordava, eu só não fazia porque mãe não deixava (longos risos).⁶²

Mesmo ela concordando que a mulher poderia se negar e se impor, vemos em sua fala que ela “*não fazia porque mãe não deixava*”. Ou seja, a mulher não era apenas vítima, por mais que houvesse códigos reguladores acerca do comportamento feminino, existiam mulheres que não concordavam com tais imposições, mas mesmo assim tinham que seguir por respeito e obediência aos pais, por estarem incluídas numa sociedade patriarcal, onde a todo momento encontra-se o controle do feminino.

Mas o “corte” se apresentavam também como um elemento de resistência. Pois da forma que existiam mulheres que dançavam com todos os homens que a convidasse, para evitar constrangimentos e confusões, existiam as mulheres que resistiam. A negação ao homem nessa pesquisa se apresenta como uma forma de resistir a dominação masculina nesses espaços festivos.

⁶¹ Trecho da entrevista oral concedida por Rosália Alves de Oliveira Silva, 67 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 26 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB

⁶² Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

1.4 Pagamento da “cota”

Outro aspecto que merece ser ressaltado nessa pesquisa é a ausência de pagamento de taxa para diversão nos forrós. Não existia o que hoje conhecemos por ingresso, pois as festas eram abertas a todo o público circunvizinho. Não existia um local fechado para a realização dos forrós. Ao invés de pagar a entrada ou ingresso para ter acesso a essas festas, eram cobrados um pequeno valor em dinheiro durante a dança, somente aos casais que estavam dançando, chamado pelas entrevistadas como “cota”. Ela era cobrada apenas aos homens.

Geralmente essas “cotas” não eram obrigatórias, mas eram cobradas no decorrer da noite, quando o *“pavilhão já tinha bastante gente dançando”*⁶³. Era selecionado uma pessoa de confiança da comunidade, comumente um homem, pra realizar a cobrança àqueles que estavam dançando no pavilhão. Esse dinheiro era utilizado para o pagamento do sanfoneiro.

Para entendermos melhor, Cassia Maria explicita:

Era na parte assim, na faixa de umas dez da noite mais o menos, quando já tinha bastante gente dançando aí vinha o dono da casa e outra pessoa que fosse bem, como é que se diz, bem conhecido na comunidade que todo mundo respeitasse, de confiança aí vinham com um caderno, o dono da casa com um caderno e um lápis, ele parava as pessoas e cobrava. Ali tinha canto que era determinado uma certa quantia de pagar e tinha baile não, que você ajudava com o que você podia.⁶⁴

Edileusa Dantas completa:

a gente chegava, só o cavalheiro que queria dançar com a gente, pagava, o cavalheiro quem pagava, como que diz aquela cota que chamava né? [...] Concordava, por que assim, era ruim, porque só o homem pagava e tinha o direito de chamar qualquer pessoa pra dançar e você não poderia dizer o não. Porque ele tava pagando tá entendendo. Se você não fosse dançar com aquela pessoa dava até confusão.⁶⁵

É importante frisar um aspecto interessante nesse momento de recolhimento da “cota”: a dança é uma forma de aproximação masculina às mulheres. E o pagamento, em algumas festas, é a permissão desse ato. Quem não paga, não dança. Se não dança, não

⁶³ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega, 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB.

⁶⁴ *Idem*.

⁶⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Edileusa Dantas Fernandes, 57 anos. Agricultora. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2021, através do Google Meet, Pombal-PB.

tem como se aproximar às mulheres. Se o fizer, fugia dos códigos sociais estabelecidos na comunidade.

Entretanto, observa-se em seus discursos, que as mulheres por não possuírem condições financeiras para pagar sua “cota”, era típico dessa sociedade e período se sujeitavam a estabelecer uma relação de dominação perante ao homem, por dependerem economicamente de seus pais, maridos ou namorados. A partir daí, esse aspecto associado ao excessivo uso de álcool, os homens (e a sociedade) legitimavam sub-repticiamente as atitudes violentas e a submissão feminina nesses espaços de sociabilidade. A diversão mostra-se sexista, de visibilidade masculina, e as mulheres assumem a função de reforçar este lugar como um espaço de poder do homem na sociedade e em todas as suas relações sociais e de gênero.

Notamos que essa prática teve mudanças ao longo do tempo, pois a partir do momento que a mulher passou a pagar para ter acesso aos espaços festivos, diminuiu estas formas comuns de violência contra as mulheres nos momentos de descontração da comunidade. Vemos esses exemplos no relato de Cassia Maria, ao se referir à mudança ocorrida na organização das festividades a partir da década de 1990:

Aí nos anos noventa foi que começou a cercar os bailes, cercado com palha de coco e você pagava uma entrada, eles chamavam a portaria, você pagava na portaria. Tipo se você fosse os forrós lá em Bodé era todo cercado de palha de coco pra ninguém ver quem tava dentro, pra você ter acesso a dançar você tinha que pagar a entrada. Aí já cobrava homem e mulher. Aí diminuiu bastante as violências, porque a mulher chegava lá dentro ela só dançava com quem ela quisesse. Porque ela pagava.⁶⁶

Quando a mulher começa a pagar essas entradas nas festas, percebemos modificações nas relações sociais. Pois as mulheres pagando, elas se sentem no direito de se negar a dançar, por mais que ainda continuem dependentes aos homens, esses valores de dependência nos ambientes de festas são modificados. Esse sistema de pagamento de “cota” na época de 1960 a 1980 é visto como o que mantinha as mulheres subordinadas aos homens que pagavam, pois eram eles quem geravam o pagamento para a realização da festa, garantindo a diversão com o sanfoneiro e o lucro do botequim. Esta centralidade legitimava sua superioridade sobre as mulheres. Exercia-se formas de poder sobre as mulheres dentro daquele espaço por eles estarem pagando para dançar.

⁶⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega. 50 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 02 abril de 2021, em sua residência no Sítio Riachão, município de Pombal-PB

Se relacionarmos com a reportagem exibida atualmente e apresentada no início do texto, podemos entender que ainda existe essa separação entre gêneros nos espaços festivos, mas atualmente se apresenta de forma diferente do modelo que vemos no período da pesquisa. É uma remodelação dessa subordinação ao masculino. Essa violência simbólica passou por modificações, e ainda temos sobrevivências dessas práticas: pagar menos ou há entrada grátis até certa hora da noite para as mulheres.

A partir do conteúdo da reportagem televisiva exibida no programa de notícias retratando a insatisfação do estudante de graduação em Direito, alegando não ser respaldado no Código do Consumidor a diferenciação no pagamento de ingressos com base na diferença de gênero. Entretanto, o estudante buscou uma liminar contra uma casa de *show* argumentando ser errado cobrar preços diferenciados entre homens e mulheres, onde mulheres pagam mais barato ou até mesmo com entradas gratuitas. A juíza Caroline Lima do Ministério da Justiça concedeu a liminar favorável ao estudante afirmando que as casas de *shows* “usam” as mulheres como uma estratégia para atrair clientes homens.

Devemos nos atentar a qual seria o objetivo do estudante em cobrar igualdade nos preços das entradas. Seria uma luta pelos direitos iguais perante a constituição? Ou apenas porque ele poderia ter se sentindo prejudicado por estar pagando um valor mais alto em relação às mulheres?

A casa de show oferece nas festas entradas grátis para as mulheres. Seria uma espécie de compensação por ainda estarmos presos a uma sociedade desigual economicamente entre os gêneros feminino e masculino? Ou seria uma forma de explorar a imagem das mulheres como forma de atrair o público masculino? É mais vantajoso para o proprietário da casa de *show* ter frequentadores que possuam maior poder econômico para consumir bebidas e produtos alimentícios nos *shows*. Mesmo diante das lutas por uma igualdade de gênero, os lugares de diversão ainda se apresentam como espaços sexistas, marcados por interesse nos lucros, o que reafirma ainda mais a violência simbólica contra as mulheres. Ao que parece, as práticas apenas foram reelaboradas.

Entretanto, diante dos aspectos das relações entre gêneros apresentados nessa pesquisa, compreendemos que a submissão feminina, a construção e a validação desses papéis atribuídos ao “ser feminino” e ao “ser masculino” estão estritamente ligadas as relações de poder, as questões econômicas, culturais e principalmente sociais, que ditam

formas de agir e pensar que cada sociedade passa a praticar e institucionalizar como normas a serem seguidas.

CONCLUSÃO

Ao discutirmos o “farró” como expressão cultural ligada a cultura nordestina, entendemos que inúmeros estereótipos são atrelados a uma imagética criada para legitimar um lugar de fala. Percebemos em que contexto histórico essa cultura foi pensada e divulgada a partir da criação da figura de Luís Gonzaga e suas músicas como aspectos característicos de uma região.

O “farró” tornou-se uma tradição, fixado no cotidiano das pessoas e especialmente na região Nordeste. Uma região que inclusive foi criada, marcada por estereótipos. Ao estudar o cotidiano dos agricultores das comunidades próximas à cidade de Pombal (PB), nos permitiu entender como ocorriam seus momentos de lazer e descontração após longas rotinas de trabalho.

Esse estudo centrou-se na principal festa realizada por esses(as) agricultores(as): o farró. Passei a entender que o sentido do “farró”, para esses habitantes, se entrecruzava. Não existia uma divisão bem definida sobre o que era farró nessas comunidades. Farró em suas falas apareciam como a realização da própria festa, como música e em outros momentos como dança. O significado da expressão para esses habitantes era o que menos importava; o objetivo era apenas a diversão.

Assim, buscamos analisar como os habitantes dessas comunidades estabeleciam relações sociais e de gênero mediante essas festividades. Trabalhei o “pavilhão” como um espaço físico concreto que estava voltado para a diversão, para o lazer. Mas que ao pesquisar e analisar suas experiências minuciosamente, nos permitiu conhecer nossos agentes históricos, seus papéis sociais, a relação entre os habitantes dessas comunidades – Riachão, Estrêlo e Juá – e seus costumes, os seus hábitos.

A partir da pesquisa de campo e em contato com as entrevistadas, entendemos como um momento de descontração agregava questões sociais a serem levantadas e discutidas, como: a violência física e simbólica contra as mulheres que se negavam a dançar nessas festas. Foi necessário se debruçar sob os teóricos especialistas na área de pesquisa, como Joan Scott (1990) e Pierre Bourdieu (2002) para o entendimento de conceitos elaborados por eles e assim buscar analisar e escrever as relações de moradores rurais em suas vidas cotidianas. Foi essencial trabalhar com os conceitos de gênero e violência simbólica para o questionamento levantado no objetivo desta pesquisa.

Peter Burke (2005) nos possibilita, com a Nova História Cultural, trabalharmos com novos temas, novos questionamentos e assim novos sujeitos históricos. Nessa pesquisa não foi diferente. Surgem novos problemas e novos paradoxos, e a partir de sua discussão, nos possibilitou esclarecer questionamentos até então novos para a chamada História Cultural iniciada nos anos 1960.

Essa nova geração de historiadores e pensadores adotaram um novo paradigma do fazer história. Marieta Morais Ferreira (1994) exemplifica o interesse dos pesquisadores em deixava de lado a produção historiográfica política e focavam em estudos culturais, das mentalidades, gênero, o cotidiano das pessoas comuns:

Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, conhecida como a École des Annales, passou a questionar a hegemonia da história política, imputando-lhe um número infindável de defeitos -era elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado. (FERREIRA, 1994, p. 2)

A partir daí, a produção da história cultural e sua interdisciplinaridade possibilitou novos objetos de pesquisa e novas fonte, a exemplo da fonte oral. Agora o que chamava a atenção para os historiadores não era apenas o evento, e sim o que está por trás do evento. Como Ferreira (1994, p. 2-3) defende:

O fundamental era o estudo das estruturas, em que assumia primazia não mais o que é manifesto, o que se vê, mas o que está por trás do manifesto. O que importava era identificar as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso.

A história oral como método de pesquisa assumiu um instrumento essencial no objetivo de compreender as construções sociais, os cotidianos, as relações entre gêneros e suas representações coletivas e individuais. A história oral nos possibilitou entender as vivências e as relações entre os moradores dessas comunidades rurais e, assim, produzir a história sobre seus momentos de lazer e suas relações.

Observamos as continuidades e rupturas de algumas práticas, como o aspecto físicos das festas, as vestimentas, e principalmente como as relações entre gêneros eram estabelecidas ao longo dessas três décadas estudadas entre 1960 a 1980, onde foi realizada entrevistas orais com mulheres que frequentavam essas festas e em idades diferenciadas, com o intuito de nos dar pista dessas relações, suas mudanças e permanências.

Percebemos diversos momentos ao longo das festas que caracterizavam essas violências contra as mulheres: aspectos como as normas do dançar, de se vestir, e

comportamentos, ditados principalmente às mulheres. Desta forma formulava-se a identidade de gênero dessas comunidades e seus papéis sociais. E os fatores que ocasionavam essas violências eram de uma forma mais simbólica, quase que imperceptível para as frequentadoras, e de uma forma mais concreta com o uso excessivo de bebidas alcoólicas, que desencadeava no ato da violência física em si.

Concluimos que o sistema patriarcal impõe formas de condutas, de comportamentos e valores, tanto para homens como para as mulheres. Mas vemos nesse texto que a partir de mecanismos bem definidos que os homens buscavam a todo momento afirmar a dominação sobre as mulheres, seja no âmbito doméstico, do lar, como em espaços públicos. E assim cada vez mais legitimando a submissão e inferioridade imposta às mulheres, que se desencadeou a naturalização desses discursos de dominação e subordinação entre os gêneros feminino e masculino construído ao longo do tempo.

Mas uma vez repito, é aquilo que Bourdieu (2002) teoriza como um sistema de pensamento enraizado e inquestionável pelo opressor e pelo oprimido. O desenvolvimento da sua ideia do que seria a violência simbólica: como uma agressão que pode ser psicológica ou social que fere e ofende o outro, que nesse caso é contra as mulheres. O sistema patriarcal é violento e abusivo em todas as suas vertentes.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 14.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste** e outras artes. São Paulo: Cortez, 2011
- Associação Comunitária Rural de Riachão. Livro de Atas 01. Ata da 7º reunião extraordinária da Associação Comunitária Rural de Riachão. 31 de agosto de 1992, fl. 36.
- BARBALHO, A; CALIXTO, T. Toca o fole, sanfoneiro: Memórias e práticas no universo nordestino da sanfona de oito baixos. **RIF**, Ponta Grossa, v. 11, n. 24, p. 109-121, dez 2013.
- BOURDIEU, P.F. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena. . ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 160.
- BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> acesso em 09/07/2017.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, (2005).
- CARDOSO, K.W **Dança Brasileira Forró Pé-de-Serra –Arte Espontânea da Nossa Cultura - das origens ao movimento da vida**. 2016. Monografia (Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUUFBA, 2012, 340 p.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. 2.ed. 2000
- CHATIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações** (2002).

FEITOSA, S.M; LIMA, M.G; MEDEIROS, M.G. PATRIARCADO E FORRÓ: UMA ANÁLISE DE GÊNERO. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, v. 9, p. 1-9, 23 a 26 de agosto 2010.

FERREIRA, M.M et al. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M.M et al (Orgs.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. p. 1-13

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 9-231.

GOOGLE. Google Earth website. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-6.74781095,-37.87900177,205.07735709a,13971.39607605d,35y,42.51450178h,59.87897512t,0r> acesso em 14/04/2021

GOOGLE. Google Earth website. Disponível em <https://earth.google.com/web/@-6.70860232,-37.88972116,233.04637026a,7430.73464633d,35y,52.54875968h,59.93667073t,0.00000001r> acesso 15/04/2021.

HOBSBAWM, Eric. e Ranger, Terence. A invenção das tradições. RJ: Paz e Terra, 1990.

LIRA, A.N. **De Severina Xique Xique à Locadora de Mulher: Representação do Gênero Feminino nas músicas de forró**. 2012. 305.4. Monografia (Especialista em história cultural) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. An. Mus. Paul., São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jun. 2005. Disponível em . Acessos em 14 abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>

NUNES, E.V.M; SOUZA, S.F. O Forró e suas configurações: a aliteração, a mulher, o homem, o movimento corporal e o ambiente nas canções forrozísticas. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 21-28, jan/jul 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992, p. 200-212.

RUFINO, Francimario Sales. **Histórias e memórias: uma análise da produção memorialista do rádio em Pombal-PB (1940-1980)**. Cajazeiras, f. 60, 2017. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Cajazeiras, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, p. 05-17, 1990.

SOUZA, Emerson José Ferreira. **“Vivas ao santo padroeiro das chuvas”: (re) significações religiosas no culto a São José, Pombal-PB (1950-1980)**. Cajazeiras, f. 152, 2018. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Cajazeiras, 2018.

TRIO NORDESTINO. **Forró desarmado**. Os rouxinhos da Bahia. Gravadora Copacabana, 1978.

VASCONCELOS, Mickaelon Belchior. **Poços para captação de águas subterrâneas: revisão de conceitos e proposta de nomenclatura**. In XVIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. 2014, Fortaleza, p.07.

ZALUAR, Alba. **História da vida privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea**. Para não dizer que não falei do samba: os enigmas da violência no Brasil. São Paulo, v.4, p. 245-254, 1998.

FONTES ORAIS

FERNANDES, E.D. **Edileusa Dantas Fernandes**: depoimento [mar. 2021]. Entrevistadora: Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. Pombal, 2021. (29 min 10s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

LIMA, M.N. **Maria Nobrega Lima**: depoimento [abr. 2021]. Entrevistadora: Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. Pombal, 2021. (53 min 5s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

NOBREGA, C.M.R.S. **Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega**: depoimento [abr. 2021]. Entrevistadora: Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. Pombal, 2021. (27 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

SILVA, R.A.O. **Rosália Alves de Oliveira Silva**: depoimento [mar. 2021]. Entrevistadora: Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. Pombal, 2021. (25 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO: Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB (1960-1980)”**, desenvolvida pela aluna: **VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA** orientado pelo professor: **RODRIGO CEBALLOS** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **ANALISAR PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES OCORRIDAS EM FESTAS NAS ZONAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE POMBAL – PB ENTRE 1960 A 1980** e se faz necessário por **COMPREENDER COMO AS DESIGUALDADES DE GÊNEROS DESENCADAVAM PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO DETERMINADO CONTEXTO SOCIAL.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **ENTREVISTA ORAL QUE SERÁ GRAVADA BEM COMO A ANÁLISE DOS ARQUIVOS PRIVADO TAIS COMO FOTOGRAFIAS E OS DEMAIS QUE O SR.ª OU SRA. PERMITA O ACESSO.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTANDO CIENTE QUE A SUA PARTICIPAÇÃO IMPLICA NA CONCESSÃO DOS DIREITOS AUTORAIS AO RESPONSÁVEL DA PESQUISA BEM COMO AUTORIZA A PUBLICAÇÃO PARCIAL/TOTAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NESTA PESQUISA, PELO PESQUISADOR OU POR TERCEIROS.** Os benefícios da pesquisa serão: **A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL DAS COMUNIDADES RURAIS POMBALENSES.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Sítio Riachão, s/n Zona Rural, Pombal – PB.
Telefone: (83) 98198-8157
Email: vanessakellysn@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFPG, situado a
Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares,
Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfp.ufcg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 29/03/2021

Rozalia Alves de Oliveira Silva

Assinatura ou impressão datiloscópica do
Voluntário ou responsável

Vanessa Kelly de S. Nobrega

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO: Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB (1960-1980)”**, desenvolvida pela aluna: **VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA** orientado pelo professor: **RODRIGO CEBALLOS** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFPG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **ANALISAR PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES OCORRIDAS EM FESTAS NAS ZONAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE POMBAL – PB ENTRE 1960 A 1980** e se faz necessário por **COMPREENDER COMO AS DESIGUALDADES DE GÊNEROS DESENCADAVAM PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO DETERMINADO CONTEXTO SOCIAL.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **ENTREVISTA ORAL QUE SERÁ GRAVADA BEM COMO A ANÁLISE DOS ARQUIVOS PRIVADO TAIS COMO FOTOGRAFIAS E OS DEMAIS QUE O SR.ª OU SRA. PERMITA O ACESSO.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTANDO CIENTE QUE A SUA PARTICIPAÇÃO IMPLICA NA CONCESSÃO DOS DIREITOS AUTORAIS AO RESPONSÁVEL DA PESQUISA BEM COMO AUTORIZA A PUBLICAÇÃO PARCIAL/TOTAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NESTA PESQUISA, PELO PESQUISADOR OU POR TERCEIROS.** Os benefícios da pesquisa serão: **A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL DAS COMUNIDADES RURAIS POMBALENSES.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Sítio Riachão, s/n Zona Rural, Pombal – PB.
Telefone: (83) 98198-8157
Email: vanessakellysn@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFPG, situado a Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfp.ufcg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 29/03/2021

Edileneza Dantas Fernandes

Assinatura ou impressão datiloscópica do
Voluntário ou responsável

Vanessa Kelly de S. Nobrega

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO: Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB (1960-1980)”**, desenvolvida pela aluna: **VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA** orientado pelo professor: **RODRIGO CEBALLOS** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **ANALISAR PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES OCORRIDAS EM FESTAS NAS ZONAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE POMBAL – PB ENTRE 1960 A 1980** e se faz necessário por **COMPREENDER COMO AS DESIGUALDADES DE GÊNEROS DESENCADAVAM PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO DETERMINADO CONTEXTO SOCIAL.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **ENTREVISTA ORAL QUE SERÁ GRAVADA BEM COMO A ANÁLISE DOS ARQUIVOS PRIVADO TAIS COMO FOTOGRAFIAS E OS DEMAIS QUE O SR.ª OU SRA. PERMITA O ACESSO.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTANDO CIENTE QUE A SUA PARTICIPAÇÃO IMPLICA NA CONCESSÃO DOS DIREITOS AUTORAIS AO RESPONSÁVEL DA PESQUISA BEM COMO AUTORIZA A PUBLICAÇÃO PARCIAL/TOTAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NESTA PESQUISA, PELO PESQUISADOR OU POR TERCEIROS.** Os benefícios da pesquisa serão: **A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL DAS COMUNIDADES RURAIS POMBALENSES.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Sítio Riachão, s/n Zona Rural, Pombal – PB.
Telefone: (83) 98198-8157
Email: vanessakellysn@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfp.ufcg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 02/04/2021

Cassia Maria Ramos de S. Nobrega

Assinatura ou impressão datiloscópica do
Voluntário ou responsável

Vanessa Kelly de S. Nobrega

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O SENHOR TÁ DANÇANDO ARMADO: Violência de Gênero nas festas da zona rural de Pombal – PB (1960-1980)”**, desenvolvida pela aluna: **VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA** orientado pelo professor: **RODRIGO CEBALLOS** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFPG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **ANALISAR PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES OCORRIDAS EM FESTAS NAS ZONAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE POMBAL – PB ENTRE 1960 A 1980** e se faz necessário por **COMPREENDER COMO AS DESIGUALDADES DE GÊNEROS DESENCADAVAM PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO DETERMINADO CONTEXTO SOCIAL.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **ENTREVISTA ORAL QUE SERÁ GRAVADA BEM COMO A ANÁLISE DOS ARQUIVOS PRIVADO TAIS COMO FOTOGRAFIAS E OS DEMAIS QUE O SR.ª OU SRA. PERMITA O ACESSO.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTANDO CIENTE QUE A SUA PARTICIPAÇÃO IMPLICA NA CONCESSÃO DOS DIREITOS AUTORAIS AO RESPONSÁVEL DA PESQUISA BEM COMO AUTORIZA A PUBLICAÇÃO PARCIAL/TOTAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NESTA PESQUISA, PELO PESQUISADOR OU POR TERCEIROS.** Os benefícios da pesquisa serão: **A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL DAS COMUNIDADES RURAIS POMBALENSES.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: VANESSA KELLY DE SOUSA NOBREGA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Sítio Riachão, s/n Zona Rural, Pombal – PB.
Telefone: (83) 98198-8157
Email: vanessakellysn@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a
Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares,
Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfr.ufcg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 02/04/2021

Barbara C. Nobrega Lima *Vanessa Kelly de S. Nobrega*

Assinatura ou impressão datiloscópica do
Voluntário ou responsável

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

Entrevista de história oral I: **Rosália Alves de Oliveira Silva**. Concedida a Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. 26 Mar. 2021.

Vanessa: Convido a senhora a participar da minha pesquisa monográfica, e peço a autorização a senhora para gravar essa entrevista com o objetivo de usar as informações para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. A senhora permite essa gravação?

Rosália: Permito.

Vanessa: Como é o nome da senhora?

Rosália: Rosália Alves de Oliveira Silva.

Vanessa: Qual o ano do seu nascimento?

Rosália: Cinquenta e quatro. Quatro de outubro de cinquenta e quatro (04/10/1954).

Vanessa: Onde a senhora nasceu?

Rosália: Eu nasci aí mesmo no Riachão.

Vanessa: Sempre morou na mesma comunidade?

Rosália: Morei, sempre morei.

Vanessa: Quando a senhora morava aqui, a senhora exercia algum trabalho?

Rosália: Era trabalho de roça, só em roça mesmo.

Vanessa: Como eram os momentos de descontrações na época da sua juventude?

Rosália: Ah era assim, muito difícil né, as coisas eram difícil pa gente conseguir pa, pa as festas, pa ir pa os cantos, andava mais deapé, naquele tempo não tinha transporte.

Vanessa: Qual era a finalidade dessas festas que a senhora ia?

Rosália: Era festa de igreja, forró, missa, jogo de futebol.

Vanessa: Em relação ao forró, quem organizavam essas festas?

Rosália: Comé, era lá em João ló, no Triângulo.

Vanessa: Qual era o período que aconteciam esses forrós? Qual o período do ano?

Rosália: No São João, no mês de junho, as vezes faziam nas festas de aniversário, eu não lembro bem, mas tinha muito nas festas de aniversário, no final de ano, na festa de casamento.

Vanessa: Esses forrós, onde, assim onde aconteciam esses forrós?

Rosália: Aconteciam na Varge Comprida, no Triângulo, no Juá, mas era muito difícil, na Lagoa Escondida.

Vanessa: Que horas iniciava mais o menos essas festas?

Rosália: Lá pra umas 9 horas, 10 horas.

Vanessa: Sem prazo pra terminar?

Rosália: Só terminava de manhã, lá pra umas 5 horas, 4:30, 5 horas da manhã. Pegava o sol com a mão.

Vanessa: Quem era que mais tocava nessas festas? A senhora lembra do nome de algum forrozeiro?

Rosália: Eu me lembro, do cantor que mais eu lembro é Geraldo Bernadino. Eu me lembro mais de Geraldo Bernadino, o mais que tocava lá era Geraldo Bernadino mesmo.

Vanessa: Tinha a presença de instrumentos nesses forrós?

Rosália: Tinha, tinha banda, tinha sonfona, tinha o bumba, tinha pandeiro, eu não me lembro se tinha guitarra eu acho que não tinha não. Era triângulo, pandeiro, zabumba.

Vanessa: Qual estilo de música que mais tocava?

Rosália: Arrasta pé, comé, arrasta é, tinha aquele como que chama? Valsa, tinha valsa também, era arrasta pé.

Vanessa: Eu não sabia que tinha valsa.

Rosália: Tinha, tinha valsa, o forró pé-de-serra, arrasta pé, e tinha rancheira.

Vanessa: Assim, em relação ao espaço onde eram as danças, a senhora poderia me descrever como era tipo assim, a iluminação, a recepção, bilheteria e se tinha palco.

Rosália: Oh minha fia, era, era, era fazia um palco em cima de um carro, e era de lampião, tinha aqueles lampião de lâmpada. A iluminação era de lampião.

Vanessa: Ai tinha mesa, cadeira? As pessoas ficavam como?

Rosália: Não, não tinha nada, não tinha mesa, nem cadeira, o povo ficava em pé, tinha assim umas cadeirinhas para os idosos se sentarem. Mas pra ter barraca, tinha barraca sim, mas não tinha mesa e cadeira pra sentar não.

Vanessa: Pagava alguma coisa pra entrar?

Rosália: Não. Era de graça.

Vanessa: Existia venda de bebidas alcoólicas?

Rosália: Era, existia sim. Chamava os botequim.

Vanessa: A senhora sabe as bebidas que mais vendiam nesses forrós?

Rosália: Oh minha fia, é, era todo tipo de bebida, era, era cerveja, tinha pinga, tinha toda bebida, era aquele bicho que chama comé? Caipirinha, caipirinha não, tinha todo tipo de bebida. Tinha cachaça, essa pitú, cerveja, conhaque, cortesã, jurubeba, menta, menta tinha, e licor.

Vanessa: Ai quem era as pessoas que frequentavam assim, essas festas? Geralmente iam famílias completas, ou só ia as moças, rapazes?

Rosália: Não, ia todo mundo, era idoso, era novo, era jovem, era tudo, todo mundo participava.

Vanessa: Tinha criança também?

Rosália: Tinha, tinha. As mães levavam as crianças.

Vanessa: Vinham mais pessoas de outras localidades? Ou era só o pessoal do sítio mesmo?

Rosália: Não, vinha gente de toda região, vinha pessoal de Pombal, vinha de todo... Lagoa Escondida, de da, de todo canto vinha, Varge Comprida, Lagoa, comé aquele outro sítio, do Juá, Estrêlo, toda cidade, do povoado ia gente pros forró, pra festas.

Vanessa: E as danças, a senhora poderia falar como eram as danças naquela época?

Rosália: Eram do mesmo jeito, só que hoje o ritmo mudou. Mas era a mesma coisa, arrasta pé, forró, todo mundo dançando, chamava a cavalheira pra dançar, dançava até terminar a parte, aí quando terminava tinha que terminar com aquele cavalheiro dançando. Eles cobrava uma cota.

Vanessa: No caso era o homem ou a mulher que pagava, ou era apenas o homem?

Rosália: Era, tinha festa que assim, era uma época que tinha uma parte era a mulher, e na outra era o homem.

Vanessa: A senhora costumava ir essas festas acompanhada?

Rosália: Era. Eu e Balão.

Vanessa: Mas iam pessoas da família?

Rosália: As vez ia, as meninas ia, minhas irmãs ia, mas era mais difícil, só ia mais eu e Balão.

Vanessa: Em relação como a senhora foi criada pelo seus pais, eles sempre permitiram que a senhora poderia dançar?

Rosália: Não, eles se importavam não, só que era assim, tinha canto que eles não queria que eu fosse, nem queria deixar eu ir. Tinha canto que eles não queria que eu fosse e eu teimava e ia. Pai num se importava muito não, era mais mãe.

Vanessa: Existia assim, alguma forma de conduta das mulheres se comportarem nessas festas?

Rosália: Tinha, tinha. Falava pra ter cuidado pra não caçar briga, pra não ter confusão, dançar com os cavalheiros direito e respeitar os cavalheiros.

Vanessa: A senhora poderia me descrever como eram as roupas que as mulheres iam para essas festas?

Rosália: Era vestido rodado, vestidos listrados rodados, que chamavam godê, vestido godê.

Vanessa: Era produzido aonde?

Rosália: Em casa. A gente comprava os tecidos e mandava fazer os vestidos.

Vanessa: Eu queria saber da senhora como era o comportamento dos homens com as mulheres nessa questão das danças nas festas?

Rosália: Olha, tinha uns que era bem entendidos, já tinha uns que eram mais agressivos, né? Po acaso, quando eles tomavam uma bebida ai tinha uns que ficavam agressivos, caçando confusão, mas tinha uns que não, era direito, eles eram direitos, respeitavam o direito da mulher.

Vanessa: Era obrigatório dançar com todo homem que chamasse a senhora pra dançar?

Rosália: Não, ói, po acaso, se tivesse bêbado, e se tivesse caçando coisa errada a pessoa num ia não.

Vanessa: Podia se negar né?

Rosália: Sim (silêncio)

Vanessa: Pra senhora, a senhora achava que era desconfortável dançar com um homem que não queria, que era briguento?

Rosália: Olha, a gente dançava com cara assim, era desconfortável sim, com cara bêbado, que quer cair, derrubar a gente, pisando nos pés da gente, ai era desconfortável.

Vanessa: Existia mulheres que fugiam dessa regra?

Rosália: Era, tinha umas que se escondiam, tinha outras que ficavam com medo e não ia. Entrava pra dentro de casa e ficava lá dentro escondida pra o cara não chamar ela pra dançar, por que tinha uns que eram muito persistentes, ficavam insistindo pra pessoa ir.

Vanessa: Pra senhora, o que era o corte?

Rosália: O corte é, você po acaso o cara me chamava, eu não ia, ai eu ia com outro, ai era o corte, tava cortando aquela pessoa que me chamou primeiro. Aí aquele que me chamou primeiro eu não fui com ele, fui com outra pessoa, ele achava que eu tava desfazendo dele né? Tava se desfazendo dele.

Vanessa: ai por isso eles ficavam revoltados?

Rosália: Ficavam, caçando confusão.

Vanessa: Quais os motivos que levavam a uma mulher cortar um homem?

Rosália: É por que quando era ruim pra dançar, a pessoa não ia e também tinha uns que ficavam falando abobrinhas, aí a pessoa dava corte nele e não ia.

Vanessa: Como a senhora via as mulheres que realizavam o corte?

Rosália: Não, olha, tinha muitas que achava assim, é porque a pessoa era feia ou tava mal trajado, tinha muitas que não queria dançar com aquela pessoa, eu achava que era desfazer daquela pessoa. As vezes o coitado era feio e achava que não queria dançar com ele.

Vanessa: As vezes poderia ser porque eram violentos?

Rosália: É, como te falei, quando tava bêbado a pessoa recusava a dançar com uma pessoa bebo, um cara que fica falando umas palavras que não era suficiente para falar com a pessoa, aí muitas vezes a gente evitava.

Vanessa: E como as demais pessoas viam essas mulheres que cortavam os homens?

Rosália: Aí as pessoas davam conselhos pela não ir dançar com outra pessoa, até passar umas três partes, até passar umas três modas pra pessoa não ir pra evitar confusão.

Vanessa: A partir disso, existia violência nessas festas?

Rosália: Existe, porque você sabe em toda festa que há bebida tem uns que parte pra violência né?

Vanessa: Existia violência física?

Rosália: Eu não me lembro não (silêncio).

Vanessa: A senhora já presenciou ou ouviu falar em alguma mulher que foi agredida ou tentaram cortar o cabelo dela?

Rosália. Não. Eu nunca vi não. Eu já assisti assim, confusão de homem com homem por causa de bebida, as vez po causa dessas coisa, mas por causa de mulher eu nunca vi não, não me lembro não.

Vanessa: Tinha por causa do corte né?

Rosália: Era, as confusão que tinha mais era porque chamava a pessoa pra dançar e a pessoa ia com outra aí arrumava confusão.

Vanessa: Mas era entra homens e mulheres?

Rosália: Era, o primeiro cara que chamou, ela não quis, ai ela ia com outro ai ele ia caçar confusão com o outro que dançando com ela. Ia tomar a dama dele e ele acha ruim, ai onde começava as confusão.

Vanessa: No caso a senhora nunca ouviu falar que existia de cortar o cabelo de mulheres?

Rosália: Eu não, não me lembro, eu não ouvi falar não, as vezes até tinha é porque eu já esqueci. Mas num me a lembro não.

Vanessa: Tinha costume de ter homens que frequentavam esses locais assim, armados?

Rosália: Tinha, tinha. Eles levavam, uns levavam a peixeira, outros levavam revolve, era até aprovado que o dono do forró, da casa, chama até policia pra ir pra lá.

Vanessa: Quando existia as brigas, as pessoas separavam ou interviam nas brigas?

Rosália: É, separavam, muita gente entrava, gente corria né, quando era de tiro, corria, e quando era de peixeira nós entrava no meio, outra hora era de soco, uns dano soco nos os outros e segurava e retirava.

Vanessa: A senhora chegou a presenciar alguma briga assim?

Rosália: Já presenciei, briga de murro, os caras dando murro no outro e empurrão, já presenciei. O pessoal corria quando tinha uma confusão numa festa, o pessoal corria, só deixavam as pessoas que tinha coragem para entrar para apartar.

Vanessa: Depois que acontecia alguma briga, o forró continuava?

Rosália: Continuava, continuava.

Entrevista de história oral II: **Edileusa Dantas Fernandes**. Concedida a Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. 29 de Mar. 2021.

Vanessa: Eu convido a senhora a participar da realização da minha pesquisa monográfica e peço a sua autorização para gravar a entrevista com o objetivo de usar essa gravação para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. A senhora permite a gravação dessa entrevista?

Edileusa: Permito sim.

Vanessa: Como é nome da senhora?

Edileusa: Edileusa Dantas Fernandes.

Vanessa: Qual o ano do seu nascimento?

Edileusa: Treze de agosto de mil novecentos e sessenta e quatro (13/09/1964).

Vanessa: Onde a senhora nasceu?

Edileusa: Eu nasci na cidade de Pombal.

Vanessa: Sempre morou no mesmo lugar?

Edileusa: Assim, eu, eu vivi muitos tempos muitos anos no sítio Juá, município de Pombal né?

Vanessa: a senhora exercia algum trabalho?

Edileusa: Não eu trabalhei assim, eu só ensinei uns tempos no grupo, substitui professora no grupo do Estado.

Vanessa: Como eram os momentos de descontração quando a senhora era jovem?

Edileusa: Foi muito bom minha amiga, foi tão bom, muito diferente de hoje em dia, minha juventude foi boa demais. E aproveitei bastante da minha juventude.

Vanessa: Tinha muitas festas?

Edileusa: Assim, não era como hoje, as festas como hoje, funk essas coisas, era forró pé-de-serra, eu participei muito de festa forró, muito bom.

Vanessa: Qual era a finalidade dessas festas para a senhora?

Edileusa: Ah, era bom demais (nostalgia) a gente ia pro forró dançar, dançar a noite todinha, de sete da noite a sete do dia, era muito bom, era ótimo.

Vanessa: Quem realizava essas festas, Edileusa?

Edileusa: Quem realizava era o pessoal lá da vizinhança, era tudo assim, a gente se reunia, fazia uma festa assim, ia pros forró, a gente combinava todo mundo a gente mesmo fazia de combinava de fazer aqueles forrós de antigamente, a gente ia pra igreja, quando voltava da igreja tinha lá a casa de Biró Tijolo que a gente chamava o pueirão, quando terminava de rezar, a gente ia pra lá e nois dançava a noite todinha forró tocado por Silvino. Era o forrozinho pé-de-serra, só zabumba, triângulo e o pandeiro e a sofona somente.

Vanessa: Qual o período que mais tinha essas festas assim?

Edileusa: Era mês de junho, mês de maio, maio e junho, tinha muita festa no final do ano. E quando também tinha os casamentos. Casamento era muito bom, a gente passava a noite todinha no forró dançando.

Vanessa: A senhora poderia me descrever os locais que ocorriam esses forrós?

Edileusa: Ah minha fia eu fui muito no Riachão, Estrêlo, Juá, Pedra Branca, Lagoa Escondida, Trincheira, minha filha eu fui todos os lugares sabe, era esses sítios assim sabe, perto da gente. Era muito bom.

Vanessa: Que horas começavam essas festas?

Edileusa: Ah minha filha, a festa começava cedo, seis, no máximo seis e quinze da noite já tava tocando e o pavilhão já estava chei de gente. Não tinha energia não, era lâmpada num tem? Era lâmpada, todo mundo dançava de boa sabe, era bom demais.

Vanessa: Durava quanto tempo?

Edileusa: Até sete horas da manhã, cansei de chegar em casa depois de sete e meia, a noite todinha dançando. Pegava o sol com a mão, e tinha mais esse forró, pegar o sol com a mão.

Vanessa: Quem tocava nessas festas?

Edileusa: Ah minha fia, fui forró Sevirino de Né, por Silvino, é... muita gente, forró com os meninos de Bado, Edimir já era novim e já tocava forró.

Vanessa: Existia a presença de instrumentos?

Edileusa: Só sofona, zabumba, triângulo e pandeiro.

Vanessa: Quais os estilos de música que mais tocava?

Edileusa: O estilo de música que mais tocava era xote, baião, aquela tipo marcha, o povo chamava, a dança bem rápida e o forró pé-de-serra.

Vanessa: Em relação ao local, a senhora poderia me descrever?

Edileusa: Era o Pavilhão, era batido, como que diz, ficava bem batidinho pra não ficar terra solta num tem? O pessoal da casa, o dono da casa batia o pavilhão pra poder o povo dançar pra não ter lama, nem poeira, e tinha mais na época quando tava fazendo poeira, o pessoal saía aguando o pavilhão pra não fazer poeira. Assim tinha um intervalozinho quando o sanfoneiro parava aí eles aguavam o pavilhão pra não fazer poeira.

Vanessa: Tinha bilheteria?

Edileusa: Tinha não minha fia, tinha assim cobrava mais quando a gente tava dançando, o casal tava dançando, por exemplo: eu tava dançando com meu cavalheiro aí o pessoal chegava com um caderno e fazia a cobrança com o lápis e o caderno.

Vanessa: Tinha palco?

Edileusa: Tinha não, tinha palco não, o palco era o pavilhão mesmo.

Vanessa: Como era que as pessoas ficavam distribuídas nessas festas?

Edileusa: Não minha fia, ói, não tinha mesa e cadeira não, o pessoal sentava nos bancos, lá no final dos terreiros, o pessoal ficava lá sentado e o botequim era feito assim tipo uma faxina deles, eu alcancei feito faxina, cercada de cerca mesmo numas varas, aí o pessoal

pedia por cima dessa faxina, aí iam beber e num tinha cadeira não, tinha que beber em pé bem pertindo do botequim, chamava o botequim num era o bar não, era o botequim.

Vanessa: Tinha a venda de bebida alcoólica?

Edileusa: Tinha cachaça, mais mais cachaça, no meu tempo era mais cachaça, vodka, coisa assim. Cerveja já foi num tempo mais moderno.

Vanessa: Quem eram as pessoas que mais frequentavam essas festividades?

Edileusa: Minha filha, ia a família, na minha época ia a família, rapaz, homem casado, mulher, criança.

Vanessa: Vinha pessoas de outras localidades?

Edileusa: Vinha, por exemplo, no Estrêlo tinha um forró aí vinha o pessoal da Lagoa Escondida, o pessoal da Trincheira, o pessoal do Estrêlo, do Riachão, de todo mundo.

Vanessa: E as danças, a senhora poderia me descrever?

Edileusa: Era muito diferente dos dias de hoje viu, as danças eram muito respeitadas, a gente dançava com os cavalheiros solteiros e casados. Eu mesmo dancei muito, tanto com os solteiros como com os casados. A gente tinha o maior respeito só que nessa época, na minha época, hoje é diferente, na minha época dançava com um cavalheiro aí se aquela parte ele chamasse pra gente dançar, se a gente não fosse, a gente não poderia dançar com outro não, porque se chamava o corte, se eu cortasse o cavalheiro eu não poderia dançar com outro não aquela parte tinha que passar sem dançar com outra pessoa.

Vanessa: Existia o pagamento de taxa para entrar nesses eventos?

Edileusa: Não, pagava não. Porque a gente chegava só o cavalheiro que queria dançar com a gente, pagava, o cavalheiro quem pagava, como que diz aquela cota que chamava né? Mas a gente não pagava mensalidade não, aquele pagamento não sabe. Só apenas o cavalheiro.

Vanessa: A senhora concordava apenas o homem pagar?

Edileusa: Concordava, por que assim, era ruim, porque só o homem pagava e tinha o direito de chamar qualquer pessoa pra dançar e você não poderia dizer o não. Porque ele tava pagando tá entendendo. Se você não fosse dançar com aquela pessoa dava até confusão.

Vanessa: A senhora costumava ir a essas festas acompanhada?

Edileusa: Sim, eu ia acompanhada, eu nunca fui festa, forró sozinha não. Sempre ia com minha tia, meus irmãos, ah eu nunca ia sozinha não.

Vanessa: Seus pais sempre permitiam que a senhora dançasse?

Edileusa: Assim, porque eu nunca morei com meus pais, eu morava com minha tia e meu avô, mas eles nunca disseram nada não, sempre permitiu. Meu avô num ia não, minha tia ia comigo.

Vanessa: Existia uma conduta de como as mulheres se comportarem nessas festas?

Edileusa: Existia, ah o comportamento era, era muito diferente de hoje, era um comportamento total sabe, muito respeito, era muito diferente, todo mundo respeitava, as mulher respeitava os homens e os homens respeitavam as mulheres.

Vanessa: A senhora acha diferente de hoje porquê?

Edileusa: Porque assim, hoje a gente sabe que estamos no mundo moderno né, não é como antigamente né, hoje é diferente, se você vai a uma festa, você e uma jovem vai uma festa, você vai lá paga sua entrada, sua cota como a gente chamava, paga a sua bilheteria, compra sua senha, você entra, quer dizer, você, o homem também pagou do mesmo jeito, mas você dança com quem você quiser né? Você assim, antigamente era diferente você não podia cortar, dançar com outra pessoa e dizer que não ia e já dançar com outro. Hoje em dia as mulheres respondem: o mesmo direito que você (homem) tem, eu (mulher) também tem. Eu já vejo muito né? Eu acho que já bem diferente.

Vanessa: A senhora poderia me descrever como eram as roupas que as mulheres usavam para ir a essas festas?

Edileusa: Ah minha filha, as roupas, sabe o tempo que aquelas saias godê comprida, aquelas saias compridas, blusas de manga, num usava blusa de alça não era blusa de manga. Eu mesmo fui criada assim sabe. Minha tia fazia aquelas saias compridas, aqueles vestidos tudo de manga, eu não usava roupa costa nua nem uma saia curta, tinha que ir toda equipada sabe (risos) né como hoje não, que a maioria das jovens vão de short bem curtinho pras festas né? Ah minha fia, se eu tivesse um short curto eu levava um pisa (risos).

Vanessa: No caso era obrigatório dançar com todo homem que convidasse a senhora?

Edileusa: Ah! Era porque quando nós ia pá, pá os forrós, a minha tia no caminho ou antes de sair de casa ela já falava: olhe num vá cortar ninguém viu, tem que dançar com todo mundo, e eu dançava. Eu tinha que dançar se eu dissesse que não aquela parte eu já não dançava, ficava sentada esperar terminar aquela parte para eu poder dançar com outra pessoa, mas aquela parte eu não dançava, porque eu tinha medo de apanhar da minha fia. Porque era assim, as pessoas era violentas num sabe? Só queria saber se meia a mão e eu tinha o maior medo de apanhar dos outros (risos).

Vanessa: Mas a senhora podia se negar a dançar?

Edileusa: Negava sim, po as vezes tinha bêbado aquele homem bêbado sabe, caindo por cima da pessoa, aí chamava eu pra dançar, aí eu dizia: nam essa parte eu não vou dançar não, vou dançar essa parte não. Porque tinha homem que além de bêbado era inchirido, tá entendendo? Não queria dançar com suas esposas, eu remendava e não dançava aquela parte.

Vanessa: Era desconfortável pra senhora dançar com quem não queria?

Edileusa: Era, era, sabe porque era Vanessa, quando a gente se dava das pessoas tinha gente até mesmo solteiro eu não gostava de dançar com rapaz inchirido, tá entendendo? Porque tinha deles que era muito gabola, só dançava e dizia o que fazia e não fazia, no outro dia saia dizendo. Eu não gostava de dançar com esse tipo de gente.

Vanessa: Dentre esses, quais os outros motivos que levavam uma mulher cortar um homem?

Edileusa: Além de bêbado, o casado que deixava sua mulher e vinha chamar a gente. Porque lá no sitio da gente mesmo tinha, os homens casados que não gostava de dançar com suas mulheres, então só gostava de dançar com a gente, porque nessa época a gente era o que, umas mocinhas nova de doze, quinze, quatorze anos. Silvino tocava muito uma música, eu dancei muito, que dizia que o senhor tava dançando armado, e era essa musica

que o povo mais pedia, a gente só dizia “Silvino, bis!” pra ele tocar de novo, o senhor tá dançando armado, porque nois gostava (risos).

Vanessa: Como a senhora via as mulheres que cortavam os homens?

Edileusa: Assim, uma vez eu tava no forró lá em Biró tijolo, aí o Pavilhão, porque não era o salão, era o Pavilhão que chamava. O Pavilhão tinha muita gente dançando, aí eu sempre via quando algumas pessoas cortavam os cavalheiros e ia dançar com outro, eu vi uma vez, uma vez não, muitas vezes gente cortar e dançar com outra pessoa, aí aquela pessoa que tinha sido cortado ficava só observando de fora, quando a pessoa ia passando com outro cavalheiro aí eu pegava na mão e dizia: olha você não dançou comigo porquê? E foi dançar com ele? Eu minha fia tinha um medo, porque a minha tia já falava, já recomendava ao sair de casa: não corte ninguém! Eu dançava com todo mundo Vanessa. E se cortasse sabe o que acontecia, quando eu cortava eu saía lá do Pavilhão lá pra o cantinho escuro pra ninguém me ver, pra ninguém me chamar. Durante aquela parte eu ficava lá no escurinho escondida para evitar confusão ou problema, porque eu tinha o maior medo.

Vanessa: A senhora achava normal as mulheres cortarem?

Edileusa: Eu não achava não, porque na minha época eu não achava normal por causa que poderia dar uma confusão, eu nunca gostei sabe, eu me assujeitava a dançar com todo mundo sabe, menos com o bêbado, com o bêbado eu não dançava não. Quando ele vinha pro meu lado eu já ia lá pra o escurin pra ninguém me ver. Aí quando terminava aquela parte aí eu voltava pra o Pavilhão e dançava com outra pessoa, aí também tinha essa questão: era Gilson de Assis Birú, era na minha época, Gilson, Naldo de Maroli, esses meninos da minha época num sabe, aí pro bêbado não chamar mais a gente já pegava na mão dos meninos “vamos dançar” a gente mesmo chamava o cavalheiro, com os conhecidos né?

Vanessa: A senhora lembra como a comunidade no geral olhava pra essas mulheres que faziam o corte?

Edileusa: Não lembro muito não, porque na época que eu era jovem, que dançava, que eu ia para os forrós eu não observava muito essas coisas não, porque meu negócio era dançar. Era Zefinha minha prima, era Dalvani, nois era tudo mocinha nova de 15, 16, 17 anos. Vamos dançar, nós vamos dançar, aí a gente nem observava tanto essas coisas não sabe, só que era combinado pra não cortar o cavalheiro.

Vanessa: Era comum existir violência nesses espaços de festas? A senhora já ouviu falar?

Edileusa: Era difícil, mas às vezes aconteciam, às vezes acontecia. Eu vi muitos acontecimento, agora era difícil, principalmente quando os homens tavam embriagados, os homens ficava embriagados cedo, porque só bebia cachaça, não tinha cerveja, era só cachaça (risos).

Vanessa: Existia violência física?

Edileusa: Não. Assim, tinha uns que queriam violência física, mas as pessoas às vezes se metiam, apartava, dizia: vamos apartar, vamos deixar fazer isso não, vai acabar o forró? Aí botava os homens pro... mas acontecia mais quando tava bêbado, os homens gostavam de fazer besteira, muito.

Vanessa: A senhora já ouviu falar que teve alguma mulher que foi agredida em relação ao corte?

Edileusa: Não, assim, na minha época não, mas já ouvi falar, minha tia contava muito e quando a gente ia pra as festas, ela dizia “olhe não corte cavalheiros, porque a filha de Corma, irmã de Cícero de Dalva, é Ana de Corma uma vez cortou um cavalheiro e foi dançar com outro, quando ela foi passando o cara meteu a mão na cara dela, puxou ela, deu uma mãozada na cara dela, botou ela pra sentar e falou: “aqui hoje você não dança mais, e ela não dançou mais não. Porque ela tinha cortado ele e não podia dançar com outra pessoa. Ela não dançou e foi dançar com outra pessoa, aí ele se sentiu ofendido né? Aí ele deu na cara dela, deu na cara dela! Botou ela pra sentar, amanheceu o dia e ela não dançou mais com ninguém. A minha tia sempre falava isso para nós.

Vanessa: A senhora sabia de uma prática de corte de cabelo das mulheres?

Edileusa: Sim minha filha, na minha época não tinha não, mas minha tia sempre me falava que tinha cavalheiro que cortava os cabelos das mulher. Na minha época num tinha não.

Vanessa: em que década a senhora ia a esses forrós?

Edileusa: Ah, era na época de 80 tá entendendo, eu parar mais só de ir pros forrós depois que eu casei, em 92. De 92 pra cá eu só fui forró com meu esposo né, que eu já era casada, mas antes eu ia minha filha, não perdia um forró.

Vanessa: Voltando ao assunto sobre a violência, os homens tinham costume de andar armado?

Edileusa: Ah minha fia, andava, quando não era com revolve, era com uma faca e puxava na briga. Nos baile quando tava tudo embriagado brigava de faca, outros puxava o revolve aí já ia aquela equipe e tomava o revolver, já tomava a faca. Eu vi muito, corri muito, corri quando puxava um revolve ou uma faca eu perna pra quem te quer! (risos).

Vanessa: Havia a presença de polícia nesses forrós?

Edileusa: Tinha não, era difícil, só tinha mais assim quando era forró de casamento aí tinha participação de polícia. Mas era difícil num sabe.

Vanessa: E depois que aconteciam essas brigas, o forró acabava?

Edileusa: Nam minha filha, continuava, continuava! Porque quando começava a briga todo mundo corria prun canto e pra outro, aí pronto o povo metia o pé no salão até o dia amanhecer.

Entrevista de história oral III: **Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega.**

Concedida a Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. 02 de Abr. 2021.

Vanessa: Eu convido a senhora a participar da realização da minha pesquisa monográfica e autorização para gravar a entrevista com o objetivo de usar as informações na escrita do meu trabalho de conclusão de curso. A senhora permite a utilização da gravação nessa pesquisa?

Cassia: Permito. Autorizo.

Vanessa: Como é o nome da senhora?

Cassia: Cassia Maria Ramos de Sousa Nobrega.

Vanessa: Qual o ano de nascimento?

Cassia: Setenta.

Vanessa: Onde a senhora nasceu?

Cassia: No sítio Riachão.

Vanessa: Sempre morou nessa mesma comunidade?

Cassia: Sempre.

Vanessa: A senhora exercia alguma atividade remunerada?

Cassia: Só trabalhava em casa mesmo.

Vanessa: Como eram os momentos de descontrações na época da sua juventude?

Cassia: Era jogo de futebol, era forró, era assustado, tinha os assustadinhos que a gente ia, e só.

Vanessa: Qual era a finalidade dessas festas?

Cassia: Pra se divertir, pra namorar, pá distrair mesmo.

Vanessa: A senhora lembra quem organizava essas festas?

Cassia: Era os donos das casas quando fazia os forrós assim, em final de safra, período de São João, aí cada pessoa, cada ano era um diferente que fazia.

Vanessa: Qual o período dessas festas? Quais os meses do ano que mais tinha essas festas?

Cassia: Era mais no mês de junho por conta do São João e assim setembro, outubro, final de colheita e quando havia os casamentos das filhas aí fazia os forrós. Aniversário era mais difícil, nunca presenciei de aniversário não, era mais casamento.

Vanessa: Como eram os locais onde aconteciam essas festas?

Cassia: Pavilhão, era na frente da casa, das casas das pessoas, na casa mesmo eles fazia aquele pavilhão de terra batida e colocava as bandeirinhas, enfeitavam com bandeirinhas e cercava assim ao redor com vários paus que era pra fazer as bancadas para o pessoa se sentar.

Vanessa: Que horas iniciava essas festas?

Cassia: Era assim, as sete horas, ou até antes, umas seis e meia mais o menos, nessa faixa.

Vanessa: Quanto tempo durava?

Cassia: A noite toda, ia até sete da manhã.

Vanessa: A senhora lembra quem tocava nessas festas?

Cassia: Lembro, as que participei lembro. Era Silvino, era Geraldo Bernadino, foi com Chico Amaro, Chico Mineiro e foi esses que eu lembro assim.

Vanessa: Existia a presença de instrumentos?

Cassia: Sanfona, zabumba e triângulo. Era os instrumentos principal. E nos assustados... ah sim! Tinha os assustadozin que era com radiola, a radiolinha. Botava uma caixa de som uma lá outra cá na parede e dançava o forrozin.

Vanessa: Quais eram os estilos musicais mais tocados?

Cassia: Era xote, era rancheira, tinha valsa e rancheira era a mais tocada e no finalzin todo final tinha que ter a quadrilha, tinha que ter.

Vanessa: Quem puxava a quadrilha?

Cassia: O dono da casa. Segundo minha mãe, quando a minha mãe falava pra mim quem puxava era o dono da casa, na época dela, porque na minha época já era mais difícil ter as quadrilhas.

Vanessa: Em relação ao espaço do local que ocorriam as festividades, você poderia me descrever aspectos como iluminação, recepção, bilheteria, palco, como as pessoas ficavam distribuídas?

Cassia: No tempo que eu ia forró era assim: a iluminação era de lâmpada no pau, nos paus do pavilhão, no máximo duas no pau do pavilhão lá e outra no botequim, pronto era nossa iluminação. O pessoal ficava distribuído assim como eu falei, em pé ou sentados nesses banquin que tinha ao redor do pavilhão.

Vanessa: Tinha palco?

Cassia: Cheguei a ver tocar em cima de uma mesa, em cima de uma mesa, e quando não era em cima da mesa era em cima de um carro, uma caminhonete, ou no chão mesmo.

Vanessa: Tinha bilheteria?

Cassia: Não. No começo quando eu comecei a ir não. Era cota, só os homens que pagava a cota.

Vanessa: Quais eram os locais que a senhora mais frequentava esses forrós?

Cassia: Assim, forró o lugar que mais fui foi em Biró Tijolo, Estrêlo, na casa de Titi que fui dois forró na casa de ti Voldomiro. Lá na casa de Pai também teve uns três forró, teve uns três forró. Não cheguei a ir forró em João Ló. Aí era salteado, quando tinha um casamento num sítio, outro noutro, mas era sempre aqui do Riachão ao Estrelo e Juá. Eu nunca fui um forró tão longe não, o mais longe que eu fui foi no Catolezin. Esse foi longe, fomos tudo a pé pra lá.

Vanessa: Existia a venda de bebidas alcoólicas? Quais?

Cassia: Existia, a cachaça pitú, que tinha a pitú, tinha a cachaça, a cerveja era mais difícil, mas já tinha cerveja naquela época. As bebidas eram geladas na área aguada, pra ficar fria.

Vanessa: Quem eram as pessoas que mais frequentavam essas festividades?

Cassia: Era as famílias do lugar. Os pais iam com as filhas. Aqueles vizinhos próximos, vinha pessoas de outra comunidade, mas era sempre aqueles daquelas comunidades, aqueles convidados que aquela família e o dono da casa botava o convite no rádio, saia o convite do baile no rádio. Vinha muita gente de todo lugar por conta disso, mas era mais o pessoal das comunidades próximas. O convite era no rádio especificando sítio por sítio, Estrêlo, Juá, Riachão, a cidade de Pombal e circunvizinhos, ai vinha, podia vim gente de toda localidade aonde o convite alcançasse, vinha.

Vanessa: E as danças, a senhora poderia me descrever como acontecia?

Cassia: Era, tinha gente que dançava bem apertadin, tinha os que dançavam mais afastadin, mas dançava bem juntinho.

Vanessa: Quais os tipos de dança que existia?

Cassia: O xote, a valsa, a rancheira, vixe a rancheira enchia o pavilhão, era esses tipos de dança, a valsa, a rancheira e o xote.

Vanessa: Existia um pagamento de taxa para entrar nesses eventos?

Cassia: Não, era só cobrado a cota na hora da dança.

Vanessa: Qual era o momento que era cobrado essa cota?

Cassia: Era na parte assim, na faixa de umas dez da noite mais o menos, quando já tinha bastante gente dançando aí vinha o dono da casa e outra pessoa que fosse bem, como é que se diz, bem conhecido na comunidade que todo mundo respeitasse, de confiança aí vinham com um caderno, o dono da casa com um caderno e um lápis, ele parava as pessoas e cobrava. Ali tinha canto que era determinado uma certa quantia de pagar e tinha baile não, que você ajudava com o que você podia. Era uma forma de contribuir pra o sanfoneiro. Essa cota era pra o sanfoneiro. Aí nos anos noventa foi que começou a cercar os bailes, cercado com palha de coco e você pagava uma entrada, eles chamavam a portaria, você pagava na portaria. Tipo se você fosse os forrós lá em Bodé era todo cercado de palha de coco pra ninguém ver quem tava dentro, pra você ter acesso a dançar você tinha que pagara entrada. Aí já cobrava homem e mulher. Aí diminuiu bastante as violências, porque a mulher chegava lá dentro ela só dançava com quem ela quisesse. Porque ela pagava. Quando ela podia pagar, porque tinha aquelas que continuavam na mesma. Eu mesma nunca tive a liberdade de chegar num baile e pagar pra entrar. Quando num era no tempo da cota já era no tempo deu casada, já era o marido que pagava.

Vanessa: Porque apenas o homem pagava um valor em dinheiro nessas festas?

Cassia: Por conta que as mulheres não tinha como pagar. As mulheres não tinha condição, não trabalhava e só os homens que tinha a condição de pagar.

Vanessa: A senhora poderia me descrever qual a função da mulher nessa época?

Cassia: Era dona de casa, era casar, ter filho, cuidar da família, do marido e dos filhos, só.

Vanessa: A senhora concordava em só o marido trabalhar e ele ter a renda?

Cassia: Na época sim, porque era o costume de, era o costume não, porque não tinha condições da mulher trabalhar, e só o homem. Concordar, concordar não, mas era o que tinha!

Vanessa: a senhora costumava ir essas festas acompanhada?

Cassia: Só ia acompanhada. Ou pai ou a mãe. Nunca ia só com os irmãos não. Tinha que ir uma pessoa, ou o pai ou a mãe ou a tia, uma pessoa mais velha, porque só, jamais. Nunca fui.

Vanessa: Seu pai permitia que a senhora dançasse?

Cassia: Permitia, permitia. Nuca fez obstáculo não.

Vanessa: Nem dizia como a senhora teria que se comportar?

Cassia: Pai não, mãe quem dizia: “olha cuidado, veja como dança, não é pra agarrar demais, não é pra dançar com homem casado e aquela coisa, num pode, num pode, num sai do pavilhão, se pra dançar num é pra chegar perto demais tem que manter a distância. E assim era. Não podia nem passar no escuro.

Vanessa: A senhora poderia me descrever como eram as roupas femininas usadas nessas festas?

Cassia: No meu tempo já era calça, muita calça comprida. Calça, blusa de manga passada o pano, a manga aqui meio braço, a blusa sempre estampada, era camisa, tipo camisa estampada, abotoada até aqui em cima no pescoço, de calça jeans e de tênis. No meu tempo já foi assim.

Vanessa: E como eram as vestimentas dos homens?

Cassia: Era calça, camisa, normal. Uns tinha sapato, outros não. Nem todos tinham sapato. Eram como as mulher, nem todos tinha um bom sapato, era chinelo.

Vanessa: Mas tinha aquela preparação para comprar roupa?

Cassia: Tinha, um pano. Comprava o tecido e mandava fazer, mas só isso assim. Mandava fazer as blusas, no meu tempo, já com relatos da minha mãe também era tinha que comprar o tecido, mandar fazer os vestidos, que na época dela era muito vestido, mas na minha época já era mais calça e blusa tipo camisa, estampada.

Vanessa: Qual era a década que a senhora ia mais a essas festas?

Cassia: Foi de oitenta, foi de oitenta.

Vanessa: Como era o comportamento dos homens com as mulheres nessas festas?

Cassia: Tinha vários comportamentos. Tinha os que se comportavam com respeito, tinha os que gostavam de apertar, tinha os que na hora da dança já apertava mais e era aquela coisa, tinha vários comportamentos. Tinha os do respeito, totalmente respeito e tinha os que levavam aí no eito mesmo. Tinha a libertinagem.

Vanessa: Era obrigatório dançar com todo homem que a convidasse para dançar?

Cassia: Era. Por conta do corte, porque se você cortasse você poderia não dançar mais, ou passar só uma parte sem dançar, ou você não dançar mais naquele forró. Porque era sujeito uma briga, botava você pra ir embora, tudo isso tinha. Por isso tinha que dançar!

Vanessa: A senhora podia se negar a dançar?

Cassia: Poderia, até poderia, mas quando saía de casa mãe dizia: “não nega a dança” (risos), “não nega a dança mode a confusão”. Pra evitar a briga né?

Vanessa: Assim, pra senhora era desconfortável ser obrigada a dançar ou dançar com alguém que não queria?

Cassia: Era. Era muito desconfortável. Porque as vezes tinha bêbo, tinha pessoas, homens que gostava de se esfregar, de se agarrar demais. Tinha aqueles que já vinham enxirido pra o lado da pobi da mocinha, sabe? Aí por isso era desconfortável. Os casados, que deixavam suas mulheres em casa e iam pros forrós pra namorar, atrás das mocinhas e se desse bobeira eles pegavam.

Vanessa: Mas existiam mulheres que fugiam dessa regra?

Cassia: Existia, tinha delas que gostavam, como tem toda vida. Tinha as que cortava, tinha as que gostavam de dançar agarrado, tinha as que não gostava, tinha todo tipo de mulher. Tinha amiga minha que ia só pra dançar agarradin. Podia ser com quem fosse.

Vanessa: A senhora poderia me descrever como era que ocorria o corte?

Cassia: O corte era assim, o rapaz, o homem chamava a mulher pra dançar, aquela moça pra dançar essa parte, se ela disse assim: não eu não vou! Ela não poderia dançar com mais ninguém, porque se ela fosse era briga, ele ia e tomava do outro. Ele chegava e falava pro outro: ela vai dançar comigo ou não vai dançar mais com ninguém. E tinha as confusões, brigas, as ameaças, tinha tudo.

Vanessa: a senhora poderia citar quais os outros motivos que levava a uma mulher cortar um homem?

Cassia: Eu acho assim, pelo motivo deles agarrar, por se esfregar nelas, se agarrar mesmo e outra, bêbado, casado, era sempre esses motivos. Tinha muito inxiridos.

Vanessa: Como a senhora via as mulheres que cortavam os homens?

Cassia: Ai, eu achava o máximo (risos), eu achava bonito porque era a forma dela dizer que não tava gostando daquilo, eu achava toda vida. Eu concordava, eu só não fazia porque mãe não deixava (longos risos).

Vanessa: E como a comunidade viam essas mulheres que realizavam o corte?

Cassia: Ah, era mal vista. Fulana não pode dançar, ah você viu ciclano chamou ela pra dançar e ela não foi ai pega e já vai com filho de fulano que é mais bonito, que é fi de rico. Aquilo dali já ficava uma coisa falada ali na comunidade, ela já era conhecida ali como a que só dançava com quem ela queria, com o mais bonito, com o mais rico, com o filhin de fulano, filhin desse, era assim. Os julgamentos, julgavam mesmo. Era interesseira, era como eles viam também. Podia ser o filho de um homem tipo do pessoal da cidadã que vinha, se viesse num carro, ah porque fulano chegou, é filho de cicrano, fulana só quer dançar com ele e assim já ia a falação no outro dia.

Vanessa: Era comum existir violência desses espaços festivos?

Cassia: Era, sempre tinha. Sempre tinha violência.

Vanessa: Existia violência física?

Cassia: Eu nunca presenciei não, mas segundo minha mãe tinha. Quando minha mãe falava pra mim que na época que ela ia os forrós tinha violência física, tinha puxão de cabelo, tinha ameaça de cortar o cabelo da moça, tinha de botar ela lá num canto a noite todinha e ela não saia mais de lá, sentada numa cadeira lá fora o tempo todinho. Com minha mãe mesmo aconteceu, ela falava pra mim que aconteceu. Ela nem dançava, que ela nunca dançou, mas por conta da irmã dela as três teve que passar a noite ali sentadinha sem sair do canto. A irmã dela cortou um cavalheiro e ele botou ela lá e elas três sem ninguém sair, mesmo mãe nunca ter dançado.

Vanessa: Sua mãe frequentava muito forró?

Cassia: Sim, ela ia muito forró porque a avó dela tinha banca, ela vendia nos bailes. Era vendia café, vendia pão, que naquela época eles chamavam de cachorro quente. Era pão com galinha e bolo, essas coisas ela vendia tudin. Aí elas iam de tarde cedo pra fazer, pra levar lenha, pra fazer o café a noite. A minha mãe nunca dançou mas sempre foi baile.

Vanessa: Assim quais o motivos que levavam a ocorrer violência nessas festas?

Cassia: A bebida, muita bebida. Muita cachaça porque o que mais tinha era a cachaça. Eles ficavam lá aquele monte de homem no pé do botequim, o botequim era um cercadinho, a faxina ficava o vendedor pra dentro da faxina e outra turma pra fora, aí ali tinha muído. Ali tinha cachaça menino, aí a briga, aí briga por conta de corte, por tudo. Vários fatores.

Vanessa: A senhora falou que sua mãe descreveu a prática de cortar o cabelo, como isso acontecia?

Cassia: Ela me falava que eles ameaçavam cortar com a faca. Pegava o cabelo da moça porque naquela época as moças tudo tinha o cabelão e era tipo a honra da moça era o cabelo, aí ele pra atingir, a violência de não ser aquela violência de bater, de esfaquear dessas coisas era o corte do cabelo.

Vanessa: Mas a senhora já ouviu falar de mulheres agredidas aqui na sua região?

Cassia: Já, Já, Já ouvi falar. De eu ter visto não, mas de ter ouvido falar, já! E muitas não apanhavam porque os pais interviam e tirava do forró e iam pra casa pra num apanhar.

Vanessa: Era comum os homens andarem armados?

Cassia: Era, na época era. A maioria deles, peixeira, revolver era o que eles andavam. Tinha deles que faziam questão de botar pra fora da camisa, assim a camisa pra dentro e a arma pra fora, eu presenciei isso, eu via isso.

Vanessa: E quando existia briga assim, as pessoas interviam?

Cassia: A maioria corria, as mulheres como sempre corriam e os homens tinha aquela turma que aquietava né, que sempre apartava.

Vanessa: Existia a presença de polícia nesses eventos?

Cassia: Não! Não tinha nessa época a presença de polícia não. Eles tinha uma coisa de tirar a licença, mas polícia vim mesmo pro forró assim num vinha não.

Vanessa: O que ocorria após acontecer essas brigas?

Cassia: O forró continuava (risos). Eles voltavam a dançar e pronto. Era só confusão ali de momento. Mas chegava até morte também, aonde teve pessoas aqui do lugar que

morreu em baile por conta de briga. Tota ali do Riacho do Pedro morreu num baile. Mataram ele esfaqueado num baile. Não sei se foi por causa de corte, mas foi briga em baile.

Cassia: Os assustados eram assim: quando chegava uma pessoa de São Paulo, ou nas desbulhas de feijão quando terminava aí vamos pra fazer a quebra da casca do feijão e tome forró, ligava a radiolinha e dançava até o dia amanhecer, uma forma de descontrair e comemorar a safra que tinha sido boa

Entrevista de história oral IV: **Maria Nobrega Lima**. Concedida a Vanessa Kelly de Sousa Nobrega. 02 de Abr. 2021.

Vanessa: Eu convido a senhora a participar da realização da minha pesquisa monográfica, e preciso da autorização da senhora para gravar a entrevista com objetivo de usar a gravação para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. A senhora permite a utilização dessa gravação na pesquisa?

Maria: Permito

Vanessa: Como é o nome da senhora?

Maria: Maria Nobrega Lima.

Vanessa: Qual o ano do seu nascimento?

Maria: Quarenta e cinco. Dez de nove de quarenta e cinco (10/09/1945).

Vanessa: Onde a senhora nasceu?

Maria: Aqui no sítio Riachão.

Vanessa: Sempre morou na mesma comunidade?

Maria: Nunca sai daqui.

Vanessa: A senhora trabalhava em que?

Maria: Costureira, bordava, cortava cabelo.

Vanessa: Como eram os momentos de descontração na época da sua juventude?

Maria: Brincar de boneca, não! É na época da juventude, boneca é menina. Era só nos domingos quando eu ia pa casa da minha avó, lá se juntava tudo, os primos. Quando ia uma missa, jogo eu também fui, jogo. E as festas de casamento.

Vanessa: Qual era a finalidade dessas festas?

Maria: A gente ia só se divirti mesmo, ia pra festa pra comer, dançar, arrumar um namorado. Mas era difícil, eu não namorava não porque pai mais mãe não queria!

Vanessa: Quem organizava essas festas?

Maria: Era o dono da casa, quem organizava festa, baile, tudo.

Vanessa: Qual era o período que mais tinha essas festas no ano?

Maria: Era final de ano, até janeiro. Quando tinha casamento. Baile de São João tinha. Olhe teve um baile de São João ali na casa de Chico Teodor que aquele menino furou Ageu, primo da gente, que era primo de Amélia. Uma briga de botequim, no pé do botequim, agora eu não sei nem... eu não lembro mais. Antoin de Chiquinha talvez se lembre por que foi a briga, eu não lembra mais porque foi a briga não. Furaram Ageu de Quinco, era primo da minha mãe. Nesse baile tava Saraiva e Jove tavam aqui, aí Saraiva inventou de soltar um comê? Aqueles bichos que corre? Bucapé, eu tava com um vestido com uma saia que vestia uma saia de amurin por baixo num sabe, eu tava dançando no baile, o buscapé veio pra dentro do pavilhão e entrou nas minhas pernas Vanessa! (risos) se agarrou na minha saia, nas minhas pernas só soltou quando queimou todinho. Pipocou minhas coxas, aí minha mãe vem simhora comigo pra casa, ai Saraiva ficou lá mais Jove,

quando foi de madrugada Saraiva mais Jove chegou contando que furaram Ageu, aquele, comê? Que era ali do Riacho do Pedro? Não lembro o nome dele não.

Vanessa: Em relação aos locais das festas, a senhora lembra como que era o local?

Maria: Era na frente da casa assim, na frente da casa de Chico Teodor. Era pavilhão, pavilhão na terra, nesse tempo era na terra. A iluminação era lamparina.

Vanessa: Lamparina?

Maria: Lamparina, quando o vento chegava que apagava a lamparina as mães de família ficavam doida, tirava as fias do baile, entrava no baile pegava as fias tomava dos cabas, tirava pra fora com medo dos cabas agarrar (risos). Basta eu fui baile de lamparina, fui muito baile de lamparina. As muié dona da casa tinha mais o cuidado de tá arrudiando o pavilhão puxando o pavi da lamparina e botando querosene que era pra não se apagar, mas quando o vento chegava, o Aracati, não tinha jeito, apagava.

Vanessa: Tinha palco?

Maria: Não, os sanfoneiros tocavam num pé de parede, sentado na cadeira. Aí depois foi que passaram pra esse negócio de mesa, em cima de uma mesa, caminhão eu nunca fui baile com sanfoneiro em cima de caminhão não. Agora eles em cima de uma mesa eu fui, eu não me lembro um baile que eu fui, num sei se foi o baile na casa de Maria Dina que o sanfoneiro era aquele Raimundo Cearense era em cima uma mesa.

Vanessa: No pavilhão, tinha algum enfeite?

Maria: Tinha, era enfeitado, era de linha. O pau era um no centro do pavilhão e os outros no canto num sabe. Fazia os quatros cantos e botava mais um no meio. Aí pros quatro canto puxava os cordãozin era bem enfeitadin com bandeirinha, somente. Tinha baile que não tinha onde você se sentar, passava a noite toda em pé de braço cruzado ao redor. Outros o dono da casa porque era mais parece que num sei se era mais bondoso, cortava umas forquilhas e botava um pau, aí o povo se sentava, um banco. Não tinha mesa nem cadeira.

Vanessa: Que horas começavam essas festas?

Maria: Sete horas, ah sete horas já era pra tá dançando. Ia até o outro dia, até cinco da manhã.

Vanessa: A senhora lembra quem tocava nas festas? Os forrozeiros?

Maria: Eu lembro de Dedé Feli, Raimundo Cearense, fui um baile com Chico Amaro na casa de, já era casada, lá na casa de Sevirino Camin, Gavião. Saiu daqui sete horas da noite eu, Rozil, Sale e Ilza tiremo pro dentro daquele tabuleiro dos enocs pa sair lá no açude véi, se perdemo, o zíper da minha calça se torou, era uma beleza, o sofrimento mais do que diversão.

Vanessa: Existia a presença de instrumentos?

Maria: Era só o zabumba, o triângulo, os forró de primeiro era só sofona, zabumba e triângulo.

Vanessa: Existia a venda de bebida alcoólica?

Maria: Existia. Cachaça, já tinha cerveja também, refrigerante, o guaraná mais atrás minha fia você não podia, pensa que é essa lavagem que bebe hoje? Era guaraná, você

não podia beber mais que uma garrafa não que ela ficava subindo saindo pelo nariz. E a cachaça, whisky, num sei o que era, era vodka antigamente.

Vanessa: Quem eram as pessoas que frequentavam essas festas?

Maria: Ia todo mundo, os casados dançavam mais que os jovens, os casados tudo dançavam, iam tudo pra festa, num é como hoje não. Eles iam e dançava. Esse Chico Joca, esse Jaime, esse Sérgio de Sandová, esse Wilson Liberato, esse Benedito de Quinú, era rapaz véi, tudo era os piôis de baile, e conquistador também.

Vanessa: Vinha pessoas de outra localidade?

Maria: Vinha, vinha de outros lugar.

Vanessa: A senhora ia festa em quais lugares aqui na região?

Maria: Eu assisti um no grupo do Estrêlo, naquele grupo do Estrêlo, é porque no tempo de eu nova não tenho muita lembrança não, mas aqui em Maria Dina, na casa de comadre Leca, uma na casa de Tereza Feitosa ali do outro lado. É Riachão, Estrêlo, Juá. Triângulo nunca fui! Olhe, João Ló foi o prefeito dos bailes, mas eu nunca fui um baile em João Ló, nunca, nunca. Nem João ló, nem em Bodé, nunca fui um baile lá.

Vanessa: E as danças, a senhora poderia de descrever como era que acontecia?

Maria: Era samba, era xote, tinha valsa, e quadrilha. Quando dava de doze horas em diante tinha que ter a quadrilha.

Vanessa: Quem puxava a quadrilha?

Maria: Tinha o mestre da quadrilha, aqui eu conheci Benedito de Quinú e Agustin, finado Agustin lá da Paula.

Maria: Uns dançavam perto. Outros dançavam mais de longe, tinha pessoas que num se agarravam não, e outros agarrava mesmo. Olhe, esse Wilson Liberato, Sérgio de Sandová, aquele Geraldo, Benedito de Quinú, esses homens eram os conquistadores de baile, de mulher. Eles eram mei chegados. Num era coisa demais não, mais era mais chegado.

Vanessa: Existia o pagamento de uma taxa pra ter acesso a essas festas?

Maria: Pra os sanfoneiros, os dançarinos, os homens era quem pagava, era tirado cota no mei do pavilhão. Começava o forró, quando dava assim nove e meia, dez horas que o pavilhão tava chei ai o dono da casa ia mais outra pessoa com um caderno e pro mei do pavilhão, era os cabas passando e chamando, marcando no caderno quem pagou, quem pagou, quem pagou. Tinha caba que se escapulia pro lado de fora, aí quando eles saiam do pavilhão o cabra entrava de novo na dança. Eu não me lembra qual foi o forró que fui mais Rosil, ah foi o casamento de Elisete, ali na casa de Chico Joca, que tinha um caba lá que não tava querendo pagar, eu não me a lembro nem quem era, era gente conhecido. Quando Chico Joca saiu mais Rosil pro aceiro do pavilhão, o cabra entrou pra dançar, aí Rosil disse “oi Chico o caba lá entrou, vamos pegar ele!” pra cobrar, e foi e pegaram, ele num queria pagar a cota.

Vanessa: Aí só os homens pagava?

Maria: Só os homens pagava, eu num sei o significado porque só eles pagavam. Mas só os homens tinha dinheiro, as muie num tinha dinheiro pra pagar a cota.

Vanessa: A senhora concordava em só o homem pagar?

Maria: Eu acho que concordava (risos). Ora, quer dançar? Além da gente dançar com ele ainda ir pagar? (longos risos). Ainda ir dançar com ele, e ainda pagar pra dançar mais ele? Ora! Ele que pagasse.

Vanessa: A senhora costumava ir a essas festas acompanhada?

Maria: Só ia mais mãe e pai.

Vanessa: Seu pai sempre permitiu que a senhora dançasse?

Maria: Não! Não era em todo canto não. Eu dançava alguma parte, eu não era moça dançadeira de forró não. Eu dançava alguma parte, com alguma pessoa conhecida. Pai mais mãe nunca consentiram eu dançar não. Ora no casamento da fia de Chico Câindo, foi obrigada ar menina ali da Pedra Branca pedir de dia, pra deixar eu dançar, que eles não queria deixar eu dançar. Eu dancei depois que casei. Tempo de solteira não.

Vanessa: Existia uma conduta de como se comportar nessas festas?

Maria: Existia, porque tinha aquelas mulher mais comportada e tinha as mais avuadas também. Quando eu ia pra o forró era só olhar, eu ia só olhar, eu num dançava muito não. Eu não dançava porque meus pais não deixava, num era porque num quisesse não. Vontade tinha, ora mais se tinha. Quê que eu ia ver no forró e passar a noite todinha de braço encruzado no aceiro do pavilhão olhando os outros dançar. Coisa sem graça! Quando eu casei que comecei a dançar com Rosil, ai nós dançava e sempre dizia: “olhe Rosil, no dia que você não for mais um forró, pronto acabou-se, eu também num vou mais pra canto nenhum, nem danço mais em canto nenhum.

Vanessa: Mas a senhora dançou muito com seu marido?

Maria: Dancei muito! Naquele tempo era forró de radiola, era forró de tudo no mundo! Se batesse numa lata véia já tinha gente dançando. Na casa de Tereza Feitosa ali, ou foi na casa de Chico Branco, num lembro mais direito, só sei que foi do outro lado, pronto ai dessa vez foi Silvino que tocou. (FALTOU COMPLETAR A FRASE)

Vanessa: A senhora poderia me dizer como eram as roupas que iam pra essas festas?

Maria: Ah, naquele tempo tudo era vestido, muié num usava calça não. Vestido de saia rodada, vixe maria! Quando pegava um cavalheiro bom chega a saia saía pro lado. Mandado fazer, naquele tempo ninguém comprava roupa não, era tudo mandado fazer. Tinha uns vestidos que chamava três saias, era cortado o primeiro babado aqui, aí franzia, aí cortava outro mais largo, franzia aí apregava nesse e cortava o derradeiro de baixo mais largo, franzia e apregava no outro, aí chamava de vestido três saia. Facilitava pra girar, as saias eram tudo larga, saia godê. Naquele tempo ninguém usava nada não. Muié mermo num usava calça não.

Vanessa: E como os homens iam vestidos?

Maria: Ah, os homem era calça e camisa. Se fosse festa de casamento tinha homem que.. os mais... vinha de palitô, os mais ricos, os senhores. Era difícil, as vezes quando começava a dançar não aguentava o calor, tirava o palitô e jogava num canto, ficava de calça e camisa.

Vanessa: E qual era o comportamento dos homens com as mulheres nessas festas?

Maria: Respeito toda vida existiu, e falta de respeito também toda vida existiu. Eu via Zé Pereira, meu tio, um dia chegou na casa véia ali, na sala da casa véia, a gente tinha ido

um baile de noite, eu num lembra, que eu era mais nova, num lembra mais não. Aí ele tava mais mãe, pai, tudo conversando, relatando as coisas do baile aí Zé Pereira disse “mas tinha caba com a espiga de mie no bolso dançando”, aí mãe: “crie vergonha Zé Pereira! Você num ta vendo a menina aí não?”. A espiga era que tava armado né, ai ele disse: “tá, é a espiga de mie no bolso!”, ai botou a mão mesmo assim pra despistar. Tinha os mais saídos e tinha os mais quietos, que respeitavam.

Vanessa: Era obrigada a dançar com todo homem que convidasse a mulher para dançar?

Maria: Era, se ela tava dançando no baile, era! Chamou, ia. Se Não fosse já fazia a confusão. Tinha deles que não dizia nada, e outros ficavam pastorando no aceiro do pavilhão, se ela saísse com outro, aí.. na mesma música, já na outra parte num era mais cortado. É só naquela que ele chamou.

Vanessa: No caso a senhora podia se negar a dançar?

Maria: Era, pode, podia. Qualquer pessoa podia se negar a dançar, só que não podia dançar mais com outro naquela mesma parte.

Vanessa: Pra senhora era desconfortável dançar ser obrigada a dançar, ou dançar com alguém que não queria?

Maria: É, você dançar com alguém, que não goste é ruim. Bêbo pior, porque tinha bêbo né! Dava um bêbo que vixe maria! Bêbo, armado de peixeira, armado de revolve, um revolvão no quarto, esses que citei, Benedito de Quinú e esse bicho aculá do Grotão, Wilson, só dançava armado de revolve na cintura.

Vanessa: Existia mulheres que fugiam dessa regra, e cortava os cavalheiros?

Maria: Cortava basta, tinha delas que cortava e era muito. Agora só não saia naquela parte pra evitar confusão. Quando começava na outra parte em diante ela podia dançar, agora tinha cavalheiro que era nojentto, como Antoin Branco fez com Rubenita, é o único caso que conheço que via Zé Pereira mais Amélia contar. Ela cortou esse Antoin Branco, ele convidou ela pra dançar, ela disse que não ia, aí saiu com outro, aí também ele só fez avuar no cabelo dela e levou pra cozinha e disse que ela ia passar a noite na cozinha e num saia mais lá fora. Num passou porque Amélia mais Zé Pereira pegaram ela e foram se embora com ela.

Vanessa: Como a senhora via essas mulheres que cortavam os cavalheiros?

Maria: Ela não queria, num gostava, por certo não simpatizava com aquele cavalheiro né, aí dizia que não ia. Tinha direito. O negócio das mulheres cortarem antigamente era isso: era caba bêbo, caba que ela não simpatiza pra dançar, ai cortava.

Vanessa: Essa Rubenita cortou o cara, como era que a comunidade via ela, achava que ela fez certo ou fez errado?

Maria: Não, num lembro, porque eu era muito menina, não prestava atenção nessas coisas não. Ouvia contar, que no outro dia mesmo, meu tio tava lá em casa contando que tinha vindo embora do baile cedo porque Rubenita tinha cortado Antoin Branco, aí Antoin Branco agarrou ela pelos cabelos e levou pra cozinha e disse que ela não saia mais fora.

Vanessa: Era comum existir violência dentro dessas festas?

Maria: É, era contado o baile que não havia uma briguinha, briga por cachaça, besteira.

Vanessa: Existia violência física?

Maria: Não! Sim existia, que eles matavam nos bailes, furava de peixeira. Ageu foi furado ali na casa de Chico Teodor, mesmo no terreiro de Chico Teodor, Deocresse, era um cara chamado Deocresse, agora que me lembrei. Num matou porque ele foi levado pra Campina Grande, passou o resto da noite todinha aí daí que fosse na Varge Comprida chamar o pai dele, o pai dele foi pra rua arrumar um carro pra vim buscar ele, quando saiu daí foi quase de manhã, quando chegou em Pombal foi que tiraram pra Campina Grande. Quase morria.

Vanessa: No caso, tanto os homens como as mulheres eram agredidas?

Maria: Era. As mulheres eram agredidas quando eles tavam bêbado que elas cortavam, eles tinha um negócio de puxar nos cabelos, puxar nos cabelos, cortar.

Vanessa: Os homens tinham costume de andarem armados?

Maria: Ah minha fia, antigamente todo homem andava armado. Ninguém andava sem uma peixeira ou um revolve. Era todo mundo.

Vanessa: Quando começava a briga, as pessoas interferiam?

Maria: Os que estavam ao redor interferiam pra apartar. E os demais de fora só faziam correr. Eu mesmo corri de um baile que fui no Grotão, na casa de Pedro Maneco, lá no pé do botequim os Trajanos puxaram ai, com pouco o povo começava a dizer eita, o pavilhão tava chei, aí dizia: “eita olha fulano, aculá tão brigando, oia o revolve pra cima, olhe o revolve!”. Aí eu só peguei no braço de Rosí e saí puxando Rosí, Rosí num tinha medo não, ficava em pé olhando. Aí quando foi pra passar, passemos no pau do pavilhão, eu pro um lado e Rosí pelo outro. Rosí: “mulher me sorte!” e eu puxando e eu com medo, aí foi que eu soltei. Eu vinha com tanto medo que nem dei fé.

Vanessa: Como os pais reagiam quando agrediam as filhas deles?

Maria: Ah, tirava pra fora, tirava pra fora e num deixava mais dançar. Outros iam se bora. Era difícil eles brigarem, era mais fácil a mãe, porque de primeiro quem mais, nesse povo de idade quem mais ia pra o baile com as fias era ar mãe. Olhe quando começava dá briga em baile, as mãe, só só via ar mãe no mei do pavilhão catando as fias, as filhas e as outras vizinhas que tinha ido com ela e tirava.

Vanessa: Existia a presença de polícia nesses eventos?

Maria: Existia nada, má só sendo, ninguém sabia nem o que era polícia.

Vanessa: E depois que tinha essas brigas? O forró acabava ou continuava?

Maria: Continuava com os que tinha. Muita gente ia se embora. Tinha forró que se acabava meia noite por causa de briga. De vez enquanto saía uma briguinha, briguinha, aí aquele povo mais idoso ia se aborrecendo e indo se bora. Ficava só os dançarinos mesmo.

Vanessa: A senhora poderia me descrever qual a função da mulher naquela época?

Maria: Eu acho que a mãe criava no sentido que ela era né Vanessa. Casada, se casar e ser mãe de família e dona de casa. Responsável pela educação, porque esse negocio de estudar era pouco, a educação vinha dos pais, da mãe. A mãe era que nem a galinha, enfrentava tudo, era que protegia tudo.

Vanessa: E qual era a função do homem?

Maria: O homem era só trabalhar. Trabalhar e trazer o pão pra dentro de casas. Fazer a feira. E tinha as ordens dele também, que ele tanto dava ordem a mulher como nem aos filho. Era o chefe da família. A última palavra era a dele, ele quem era que orientava tudo.

Vanessa: A senhora casada podia dançar com outro homem?

Maria: Podia. Não, nunca dancei com outro homem, mas podia. Mas é porque eu nunca quis e Rosí nunca dançou com outra mulher, ele dizia “eu vou pro baile, eu levo minha mulher, pra dançar mais eu, num vou tá...” porque as vez existia confusão de ciúme sabe, o caba ver a muié dançando com outro homem e saia briga do mei. Porque tinha muito homem que deixava as muié em casa e chegava no baile só queria dançar as outa, com ar menina nova, as outa, cansei de ver moça dizer: “ah, fulano deixa a muié em casa e vem pors baile e só quer que a gente dance com ele a noite todinha. As moça mais véia, cansei de ouvir dizer. Ouvia elas falar sabe, porque eu tava do lado de fora de braço encruzado, só ia pra baile observar. Agora só dancei depois que me casei, ai nois dancemo, dancei, dancei, dancemo, aproveitei. Eu não tive vida de moça não, de jeito nenhum. Só fui gente depois que casei, enquanto num casei foi aquela moleca escrav... né escravizada não, dominada! Vixe maria, minha mãe era horrive, meu pai também era, mas você sabe, sempre que carrega mais em cima da fia é a mãe.

Maria: Eu casei nove horas, chegemo umas dez horas em casa, aí começou, começou o forró. O sanfoneiro já tava, dançaram o dia todin, entrou pela noite, foi no outro dia até sete horas da manhã.

Parte 02: Cotidiano

Vanessa: A senhora costumava acordar de que horas?

Maria: De manhãzinha cedo né, de 05 horas nerá. Em seguida tomava café.

Vanessa: O que a senhora fazia durante o dia, sua rotina?

Maria: Ah era muita coisa, era arrumar a casa, varrer a casa, passar o pano, fazer almoço, primeiro era o lanche, ureia de pau pro lanche, ai depois fazia o almoço, fazia queijo, custurava.

Vanessa: Quais as fontes de renda das pessoas nessa época?

Maria: Só no tempo que plantava, o algodão, arroz, milho e feijão se vendesse. Que vendia aos comerciantes na rua e aos próprios vizinhos. E o queijo era vendido também.

Vanessa: E as costuras?

Maria: Era uma besteirinha, num fazia nada, dava pra comprar umas besteirinhas pra casa, naquele tempo minha besteira só era comprar troço pra casa.

Vanessa: O que era produzido no sitio naquela época?

Maria: Tinha cajueiro, tinha a casa de farinha também que fazia a farinhada, depois de casada Rosí plantou mandioca um ano e nós fazia a farinhada. Algodão, feijão, arroz, era o que cultivava né?

Vanessa: Tinha horta?

Maria: Tinha, tinha. Sempre tinha uma hortazinha. daquelas hortas em pé, Rosí fez, mas sempre plantava um coentrin, cebola.

Vanessa: Criava animais?

Maria: Criava galinha, porco, engordava o porco e vendia. Criava gado, criação de ovelha.

Vanessa: Quem alimentavam esses animais?

Maria: Era Rosíl, as vezes quando precisava dar residio as vacas assim na porteira do curral eu ajudava a espalhar o residio nas tinas. As galinhas era eu quem botava comer, jogava milho no terreiro. Todo dia rebolava as cuias de milho no terreiro, galinha comia ate num querer mais. Sempre era eu que dava de comer as galinhas.

Vanessa: De onde vinha a água que utilizava em casa?

Maria: A água vinha do riacho, ia buscar no riacho, na cacimba, cacimba de areia. Ia buscar no galão em duas latas. Chegou a carregar de jumento também, uma vez pai aprontou um jumento com umas ancoretas.

Vanessa: Como era o acesso para ir pra cidade?

Maria: Eu nova, era a cavalo e a pé. Mas depois foi aparecendo carro. Pra ir a pé tinha que sair cedo, 3 da madrugada, cansei de sair mais minha avó, 3 horas. Minha avó era veinha doida. A cavalo eu fui muito dia de sábado mais meu pai, quando eu queria comprar alguma coisa, um par de sandália, um vestido, uma coisa como um troço pra casa, ai eu ia a cavalo. Eu tinha um cavalo que meu avô me deu. Só ia na rua quando era pra comprar essas coisas, um pano pra fazer um vestido, um talcozin de pó, derli. Uma chinela.

Vanessa: Qual era a função do homem dentro de casa naquela época?

Maria: Ele saia de manhã e chegava méi dia, chegava almoçava, aí voltava de novo, chegava de noite, trabalhando na roça. Em casa não, chegava ia pra o riacho tomar um banho aí quando chegava eu botava a janta, jantavam aí lá pra fora assistir rádio aí eu ficava arrumando a cozinha.

Vanessa: Quantas pessoas moravam na sua casa?

Maria: Moravam 05 pessoas.

Vanessa: Como era a relação com os seus filhos?

Maria: Era boa, nos toda vida fomo amigo. Eles ajudavam, meus meninos ajudavam, barria a casa, passava pano, varria os terreiros. No tempo de pequeno sabe, quando foram crescendo o povo começou a dá bicão quando passava aí na estrada, porque o povo andava tudo de pés, ai dizia: “ei isso é serviço de muiér, isso é serviço pra muiér!” aí pronto os danados foram criando vergonha aí deixaram de varrer terreiro. Mas botavam água pra eu lavar roupa e iam pra roça também. Entre brincar e trabaiá, passava o dia na roça. Rosí disse que nuca forçou eles trabalhar, ele disse “oia eles vão mais eu, mas eu nuca forcei a nenhum a trabalhar, eles vinha me ajudava um pedacin, quando olhavam um pro outro, soltavam o cabo da inchada e corriam pra o riacho tomar banho e brincar.

Vanessa: Como que era a relação com os vizinhos?

Maria: Tinha amizade, ajudava uns os outros, naquele tempo uns ajudava uns os outros. Ave maria, eu criei aqueles três menino no tempo de pequeno, má deu se num fosse os vizin, quando eu amanhecia apertada era só mandar o recado e chegava, as vizinhas para ajudar com o meninos. Vinha vizinho passar dia, mais de longe, vinha no domingo passar o dia ai fazia almoço, dava de comer.

Vanessa: Quais as comidas que tinham naquela época?

Maria: Era feijão, arroz, arroz vermelho tem mais essa e galinha, buchada, fígado, na casa do meu avô de 15 em 15 dias matava uma criação, tinha queijo, manteiga, peixe, comia tanto queijo. Jerimum, mandioca, batata.

Vanessa: Esses alimentos era apenas para consumo ou vendia?

Maria: Era pra comer e dar a vizinhança todinha. Jerimum, teve um ano que Rosí deu jerimum a deus e o mundo, macaxeira. Tinha muito leite, tirava numa lata, lata de querosene, no tamanho dessas latas de tinta de hoje, de 18 litros, tirava mais uma lata daquelas cheinha de leite, ai passava na desnatadeira, tinha o crme, fazia a manteiga e o queijo. Aí vendia, dava, mas o queijo que fazia semanalmente era pra vender, o queijo e a manteiga. Agora qualquer um que chegasse e pedisse, já tava mandando. Gostava demais de dar as coisas.

Vanessa: Quais as profissões que tinha nessa época?

Maria: Agricultora, costureira, rezadeira, as rendeiras, minha avó fazia renda, fazer esses bicos que tem hoje, bico, bico, chamava bico. As que bordavam na mão.

Vanessa: Tinha professor?

Maria: Tinha, difícil mais tinha, eu fui aprender lá no grupo véi do estrela, ensinam nas casas também. E nem sempre as professoras eram do lugar, era de fora. Dona Lindalva ensinou na casa de Severino Dantas, arrumou uma cadeira do Estado pro Riachão, a cadeira era a vaga.

Vanessa: E os homens, quais eram suas profissões?

Maria: Era agricultor, e vaqueiro. Meu tio mesmo era vaqueiro. Mas o homem era só agricultura, o homem era da roça, no inverno era a agricultura, na seca era brocar, fazer cerca, cuidar dos animais, que é a mesma profissão. Dá água aos animais no tempo de seca, nas mangas que não tinha água, ai quando era de tarde lá se mandavam num cavalo e ia dá água ao gado.

Vanessa: A maioria das pessoas trabalhavam nas suas próprias terras, ou era alugado?

Maria: Não, quase tudo era dono de terra, trabalhavam na própria terra. Severino Dantas ali era a terra dele, alí em Toinho caboclo a terra era dele, Lorindo também era dele, meu avô era dele. Aí tinha Teodor, era toda minha família. Eu nunca fui morador. Mas tinha assim pra você pagar o dia de serviço, trocar dia né? Meu marido quando ia botar uma broca grande aí ele chamava um montão assim, os amigos dele aqui ao redor tudim vinha, cansou de fazer adjunto, eu fui fazer comer mais a finada Ilza á no méi daquela manga no riacho do juá, nos fomo fazer o almoço lá, Rozí matou um carneiro, ah minha fia pense num sacrificio. Enquanto ele trabalhavam, nós tava debaixo da oiticica fazendo o almoço pra uns vinte home, aí era assim depois no dia que outra pessoa queria botar uma broca ai chamava e eles iam também. Ajudava uns outros.

ANEXOS

Anexo 01: Relato de vida de Aprígia Alves de Sousa, moradora do Sítio Riachão